

1956 - 47 / 48

31

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1956- – ANO: XXIV - Nº 47-48

3000

R
E
V
I
S
T
A

— DA —

ACADEMIA

MATOGROSSENSE

— DE —

LETRAS



ANO XXIV — TOMOS XLVII-XLVIII

1956

LIVRARIA E PAPELARIA «UNIÃO-CARVALHO»

V. Palma de Carvalho & Filhos Ltda.

Rua Comt. Antonio Maria, 46 — Cuiabá — Mato Grosso

3000

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

ANO XXIV

— 1956 —

TOMOS XLVII-XLVIII

EDIÇÃO CONSAGRADA À MEMÓRIA EXCELSA DO ARCEBISPO D. AQUINO CORRÊA

SUMÁRIO

Explicação necessária.

Sessão magna de 22 de Maio de 1956.

O estilo de D. Aquino — *Antônio de Arruda.*

D. Aquino, educador — *Nilo Póvoas.*

A bondade de D. Aquino — *Francisco F. Mendes.*

D. Aquino e a tradição — *Gervásio Leite.*

D. Aquino, Presidente do Estado — *Rubens de Mendonça.*

D. Aquino, príncipe da Igreja — *Wanir D. Cesar.*

A poesia de D. Aquino — *José de Mesquita.*

Oração em nome do Grêmio Júlia Lopes — *Guilhermina de Figueiredo.*

Na Federação das Academias de Letras do Brasil — *Virgílio Corrêa Filho.*

Palavras de saudade — *Luis-Philippe Pereira Leite.*

A natureza matogrossense na poesia de D. Aquino — *Lenine Póvoas.*

Saudação a D. Aquino na F. A. L. B. — *Cesário Prado.*

A mais linda flôr — *Gabriel Vandoni de Barros.*

Em memória do Arcebispo — *Rosário Congro.*

D. Aquino Corrêa — *Jayme F. de Vasconcelos.*

Uma impressão de D. Aquino — *Palmiro Pimenta.*

Perda irreparável — *Severino de Queiroz.*

Tombou o mestre polimático — *Hélio Serejo.*

Oração fúnebre — *D. Orlando Chaves.*

Sanctifica in veritate — *D. Camilo Faresin.*

Oração fúnebre — *P. Pedro Cometti.*

D. Aquino — *P. Ebion de Lima.*

D. Francisco de Aquino Corrêa — *P. Francisco Leme Lopes.*

Oração do jornalista *Augusto Mário Vieira.*

D. Aquino — *Floriano de Lemos.*

Genethliaca, Nênia — sonetos — *Júlio Costa.*

O Bom Pastor — *Mário Corrêa da Costa.*

D. Aquino — *W. O. Bodstein.*

Discurso no enterro, em nome da família cuiabana — *Maria Dimpina.*

Aureo jubileu — *Benilde Moura.*

D. Aquino — *Rescala Bitar.*

No enterro de D. Aquino — *José Miguel dos Santos.*

In memoriam — *Francisco Xavier.*

Recepções a D. Aquino — *Carmino de Campos.*

D. Francisco de Aquino Corrêa, dados biográficos — *L-P.*

Bibliografia de D. Aquino — *J. de M.*

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Quando faleceu a 22 de março de 1956, na capital bandeirante, o Arcebispo D. Aquino Corrêa, achava-se já impresso o número desta Revista referente aos anos de 1954-1955. Fomos, assim, compelidos a dar apenas, numa nota de ultima-hora, o registro da lamentável ocorrência, reservando para a tiragem correspondente ao ano lutuoso as homenagens ao grande desaparecido. Circunstâncias imprevistas e superiores à nossa vontade, fizeram que só agora circule, quasi 4 anos após, o número-poliantéa, consagrado à memória do nosso inolvidável Presidente de honra e egrégio fundador da Cadeira n.º 4. Fomos por outro lado obrigados, a contragosto, a reduzir bastante a matéria desta tiragem, e isso por motivos de ordem financeira, dado o acréscimo vertiginoso do preço editorial e a escassez dolorosa de recursos com que lutam as nossas Sociedades Culturais, cujas possibilidades têm de bitorlar-se dentro dos mínguadíssimos auxílios que recebe da União e do Estado. Cumprimos, com a publicação, posto tardia, deste número da Revista, um rigoroso e imprescindível dever de gratidão àquêle que foi o grande Amigo e Animador das Letras, em nossa Terra, desde os dias distantes da *Revista Mato-Grosso* e em cujo fecundo Governo surgiram as sociedades pioneiras — Instituto Histórico de Mato Grosso (1919) e o Centro Matogrossense de Letras (1921), convertido em 1932, na atual Academia homônima. Lamentando não o ter podido fazer mais cêdo e em proporções mais amplas, como o merece o inclito Homenageado, estamos certos, entretanto, de havermos feito muito, diante das dificuldades da hora presente, fazendo o que nos foi possível.

Cuiabá, Outubro de 1959

A Comissão de Redação da R. A. M. L.

- XIII — *Pindorama — marcha (3 vózes)* — letra de D. Aquino e música de Luis Gomes Cruz — pelo côro mixto «Cidade Verde».
- XIV — *IN EXTREMIS* — poesia de D. Aquino — senhorinha Odilza Freitas de Souza.
- XV — *D. Aquino, o cuiabano* — acadêmico Benjamim Duarte Monteiro.
- XVI — *Herva de Tapera* — soneto de D. Aquino — senhorinha Benedita Paulina de Almeida.
- XVII — *D. Aquino, Príncipe da Igreja* — acadêmico Wainir Cesar.
- XVIII — *Oração em nome do Grêmio «Julia Lopes»* — Prof.^a Guilhermina de Figueiredo.
- XIX — *A laranjeira cuiabana* — soneto de D. Aquino — senhorinha Ondina Clerian.
- XX — *Discurso pela Associação de Imprensa Matogrossense* — jornalista Augusto Mário Vieira.
- XXI — *Madrugadas cuiabanas* — soneto de D. Aquino — senhorinha Leyde Corrêa da Costa.
- XXII — *A poesia de D. Aquino* — acadêmico José de Mesquita.
- XXIII — *Sagrado emblema — marcha (2 vózes)* — letra de D. Aquino e música de Luis do Rêgo — pelo côro mixto «Cidade Verde».
- XXIV — *Encerramento da sessão* — pelo Presidente, em exercício, do Instituto Histórico de Mato Grosso, Prof. Isác Póvoas.

O ESTILO DE D. AQUINO

Antônio de Arruda

O estilo, como meio de expressão, assume primeiramente aspecto geral, que o situa dentro de um país, ou mesmo, dentro de uma raça. São característicos comuns, peculiaridades, que distinguem, ao escrever, um brasileiro de um português, um italiano de um inglês. Mas, o que importa sobretudo, no caso, é a feição individual, porque o estilo é a resultante de seleção, de processo pessoal do escritor, em suma, para usar de velha fórmula, o estilo é o homem.

Assim, para se analisar o estilo de um escritor, deve-se-lhe conhecer a personalidade, as suas preferências, a sua inclinação literária. Neste ponto, D. Aquino, é próprio, nos oferece o roteiro a seguir. Em várias oportunidades, especialmente nos conselhos a Luis-Philippe, quando o recebeu na Academia, deixou patentes as preocupações, que, a seu parecer, devem nortear o escritor. Em primeiro lugar, os estudos humanísticos do grego e do latim, pelo menos dêste, cuja decadência éle deplora. Homem sem latim e sem grego era o anátema contra os que se jactavam de cultos, sem o cabedal que o domínio das duas grandes línguas antigas costuma conferir ao intelectual. Outra condição que D. Aquino proclamava indispensável aos que se dedicam às letras é o constante manuseio dos clássicos, o precioso convívio com os velhos e insignes manejadores do idioma pátrio. Enfim, outro princípio a que dedicava especial importância era o cultivo da língua pátria e também o esmero da forma. Polir e repolir, eis o seu lema, expresso várias vezes, sempre que lhe ocorria falar a moços estudantes.

Como se vê, tais preceitos resumem o mais completo programa de estilística, e, inculcando-os a outrem, seria natural que os impusesse a si mesmo. De fato, essa foi sempre a sua diretriz, severa e absorvente. Com forte cabedal de latim, versando os clássicos (1) diuturnamente, D. Aquino se tornou verdadeiro mestre da língua. Mestre da língua, como fôra Rui Barbosa, dominando-a com arte, depois de aprofundar-lhe os recursos, de investigar-lhe os modos de expressão e a opulência verbal. Assim como outros são mestres da língua como filólogos ou como gramáticos, D. Aquino o foi como esteta, amando sobretudo no idioma a sua riqueza como veículo de idéias. Cultivando a forma e a elegância do estilo, frequentando os escritores clássicos da antiguidade greco-latina e os que nestes se filiaram, que foi então D. Aquino senão um humanista? Neo-humanista, poderemos dizer, e aqui êle se alteia ao nível de um Maritain, de um Padre Arlindo Vieira, e outros que procuraram fazer ressurgir, neste apressado século XX, o gôsto quase perdido para sempre das letras clássicas. O seu humanismo pôde êle resumí-lo no culto da beleza, da forma e do saber. Com estas qualidades, o estilo de D. Aquino adquiriu a harmonia, a pujança, o vigor dos que conhecem os segredos do idioma, e, escrevendo, se entregam ao laborioso esforço da lima, como queria Bilac nos conhecidos versos:

Torce, aprimora, altera, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima

Como um rubim.

1) Dentre os autores citados por D. Aquino, sobressaem os clássicos, não só os da antiguidade greco-romana, como os portugueses. A respeito de Vieira, escreveu êle: «De mim sei que mais o leio, mais o admiro, e quanto melhor o entendo, tanto maiores me êle desvenda as opulências e os primores do vernáculo tendo mesmo para mim, que sentir-lhe a beleza dos escritos, é aproveitar na arte, não só do dizer, que também do pensar. E ao contrário do que insinua Castilho, no célebre paralelo, que traçou entre Vieira e Bernardes, não menos amo àquele do que a êste, porquanto, se Bernardes é a ovelha mansa, que tem nas lãs a candura e a maciez dos arminhos, Vieira é o leão indômito, que, entretanto, durante três quartos de século, conservou-se voluntariamente acorrentado à disciplina religiosa...» Discursos, 2.º vol., pág. 285). Dos contemporâneos, Rui Barbosa ocupa incontestavelmente o primeiro lugar nas citações de D. Aquino. Na coleção dos seus discursos, anotamos as seguintes: Volume 1.º — Páginas 141, 193, 196, 251, 277, 298, 300, 326, 327, 329, 337, 345, 351, e 388. Volume 2.º — Págs. 78, 88, 92, 180, 204 e 375. Volume 3.º — Págs. 143, 282, e 299. Além disso, no discurso «O exemplo de Rui Barbosa» (Vol. 2.º, págs. 343 e seguintes), o tema se resume exclusivamente no grande escritor e jurista baiano.

Não seria fácil, na vasta seara do autor, colher alguns exemplos que bem exprimissem a estilística de D. Aquino. Vêde, porém, a energia e a eloquência com que êle descreve a conversão de S. Agostinho: «Houve outrora um moço, gênio em flor, alma ardente como o sol da terra africana, onde palpitara o seu berço, o qual menosprezando os conselhos maternos, deixara-se levar pela paixão da ciência e da volúpia. Achara êle que os ensinamentos cristãos de sua mãe eram por demais simples, para satisfazerem as ânsias do seu grande espírito. Percorre sôfregamente as aulas do país natal, senta-se nos bancos das escolas filosóficas, entra pelos conciliábulos da heresia, transpõe o mar, e consulta a eloquência dos reitores e mestres, que então floriam nas metrópoles da intelectualidade contemporânea. Nada, porém, pode saciar a sede extraordinária de sua alma. Por êsse tempo foi que êle ouviu Ambrósio de Milão, a discorrer sôbre os dogmas do cristianismo, e eis que a fé católica, aquela mesma fé, que lhe parecera dantes tão singela e mesquinha, revela-se-lhe ali, em todo o fulgor da sua beleza e magestade. Dá-se então aquela cena memorável, que êle próprio immortalizou em uma das suas páginas mais líricas, e o pincel de Ary Scheffer reproduziu em tela cheia de emoção e pensamento. Lá está, ao pé da velha mãe, o jovem Agostinho, o futuro bispo de hipona, o gênio errante que, tendo-se esfalfado inutilmente em longas excursões pelos arraiais da filosofia humana, volve agora a repousar a fronte na posse daquela mesma verdade, que aprendera, criança, no doce aconchego dos joelhos maternos» (2).

Tais modelos são muito comuns no estilo de D. Aquino, tornando-o ao mesmo tempo ático e sublime. Foram os frutos que pôde colher nos jardins da latinidade e das letras universais. Entretanto, não há propriamente estilo, senão estilos ditados pelo assunto e pelas circunstâncias que ligam o escritor ao seu meio. No caso de D. Aquino, houve duas preocupações em sua vida, que teriam de exercer profunda influência na sua carreira literária: a religião e o patriotismo. Deus e Pátria foram o binômio grandioso a que se apegou desde os primórdios de sua formação, e que repercutiram fortemente no seu estilo.

Escrevendo, D. Aquino não podia esquecer-se realmente de que vergava uma batina, de que estava preso indelevelmente a um sacerdócio, que jurara dignificar

2) Discursos, 1.º vol., pág. 167.

com todas as veras de sua alma. Recebera a herança divina transmitida naquela advertência a Pedro: Apascenta as minhas ovelhas! E a este ministério sagrado dedicou grande parte dos seus escritos, onde o estilo se torna familiar e quási didático. Nunca perde o ensejo de ensinar, de aconselhar, de incutir a prática da virtude, em suma, de apascentar as ovelhas de Cristo. Mas, ainda assim, quanta elegância, quantos recursos, além da propriedade e da vernaculidade, que sempre foram os apanágios da sua produção literária. Vêde a formosa aliteração com que, num discurso patriótico, se refere ao «V» da vitória, tão em moda na época da guerra:» ... e assim unidos e coesos, os leveis todos a Jesus, único que tem o segrêdo divino do verdadeiro «V» da vitória, porque só êle é a Via, só êle é a Verdade, só êle é a Vida, *Via, Veritas et Vita*, os três vês eternos, sem os quais não se escreve a lídima vitória: a Via, sem a qual a vitória é um êrro, a Verdade, sem a qual a vitória é falsa, a Vida, sem a qual a vitória é nula!» (3).

Observai as antíteses (4), para realçar os conceitos, nestes trechos: «A razão foi um sôpro de Deus na face do homem, a revelação foi a inspiração de Deus na alma dos profetas. A razão dignifica o homem, a revelação o diviniza. Deus infunde no homem a razão e o homem busca a Ciência; fala Deus ao homem pela revelação, responde-lhe o homem pela Fé» (5).

Outro ideal a que prestou D. Aquino carinhoso culto foi o do patriotismo. É esta uma nota vibrante que ressoa a cada passo nos seus livros. E assim um espírito tão universal pela cultura se transforma, com o amor à terra natal, em lídimo representante do nacionalismo (6) e até do regionalismo nas letras. No bellissimo livro «Uma Flôr do Clero Cuiabano», em que procura descrever a vida do Padre Armindo de Oliveira, mas, no qual deixou também traçada a história de sua própria formação e comovente retrato de sua alma, D. Aquino conta quando se iniciou no culto à Pátria. Foi no seu noviciado, no Coxipó, onde, ab-

3) Discursos, 2.º vol., pág. 392.

4) Às vezes, D. Aquino utilizava-se dos trocadilhos para emprestar maior vigor aos argumentos: «Que importa o corpo sadio, se nele habita uma alma sandia?» (Discursos, 2.º vol. pág. 357). Falando sôbre os maus Juizes, como Pilatos, sentencia: «Onde falha a beca, tudo leva a breca» (Discursos, 3.º vol., pág. 169).

5) Discursos, 1.º vol., pág. 15.

6) Uma das facetas do seu nacionalismo revela-se na colocação dos pronomes. Sempre que possível, adota a forma que se convencio-

sorvido pela literatura, ainda não descobrira a beleza na Bíblia (7) e aprendera logo a amar a natureza. Este aspecto da personalidade de D. Aquino pertence a outro orador, cabendo-me aqui apreciá-lo sómente no que se refere à sua repercussão no estilo. Não falando na parte poética dos seus escritos, onde ecôa constantemente a voz da natureza, é de se notar que o acento bucólico vibra também na sua prosa. Aqui vai pequena amostra do seu estilo, quando inclinado à descrição do nosso ambiente regional: «Cai sôbre o pantanal a grande sombra do crepúsculo. Desmaia o sorriso pálido das ninféias flutuantes. Desaparecem, a pouco e pouco, as alimárias selvagens. Levas e levas de pássaros aquáticos voejam em todos os quadrantes, rumo aos ninhos, enchendo os céus de uma sensação imensa de nostalgia, de saudade, de desejo indefinível de volta aos lares, ao passado, a não sei onde. Recostado pensativamente no tombadilho, o navegante segue em funda contemplação, o caminho aéreo das pernaltas silenciosas. De repen-

nou chamar brasileira, porque comuníssima entre nós (embora também se encontre nos autores lusitanos) segundo a qual as palavras consideradas atrativas não deslocam o pronome átono: Dizemos sempre que possível, isto é, quando a falta de deslocamento seja autorizada pelo uso dos bons escritores, porque, no mais, D. Aquino seguia a construção normal. Foi sempre zeloso neste ponto, e, na admirável oração em que fez o elogio de Castro Alves, censurou o poeta por alguns deslises, inclusive a má colocação dos pronomes (Discursos, 1.º vol., pág. 328).

Entretanto, como se sabe, casos há em que os vocabulos deslocantes podem perder a sua fôrça, quando, por ex., se distanciam do verbo, permitindo que após êste continui o pronome. Esta é a construção preferida por D. Aquino, aproximando-se do uso generalizado no Brasil. Vejam-se êstes exemplos, tirados do 1.º vol. dos Discursos: «É o exilado singular que perseguido na terra, refugiou-se no além» (pág. 74). «... até as praias marinhas, que, um dia, sob o céu já meio outono, escutaram-lhe, silenciosas, o canto de cisne!» (92) «Sabe-se que o jôgo de azar, porque dêste é que própriamente aqui se trata, enquadra-se entre os contratos aleatórios» (pag. 139) «Agitou-se num ambiente de reações e revoltas, onde o seu temperamento flamejante exaltou-se» (pag. 171). «... no qual a pouco e pouco vão-se avivando as feições de Moisés (pag. 195). No 2.º volume: «... em que, segundo uma expressão enérgica da Vulgata, animaliza-se o homem» (pag. 58). «... e cuja presença ao redor do humilde ministro da Religião, evoca-me neste instante a aliança gloriosa» (pag. 233). Nas Cartas Pastorais, vê-se também, na pág. 13: «Saudamos ao Exmo. Sr. Presidente do Estado, a cuja veneranda pessoa ligam-nos, desde a escola do lar, as mais sinceras relações de cordialidade e acatamento». Construções semelhantes podem ser lidas nos Discursos, 1.º vol: págs. 130, 134, 138, 140, 141, 205, 206, 248; 2.º vol. págs. 160, 188, 191, 211, 285, 295, 304, 369, 391, 406, e *passim*.

7) Uma Flôr do Clero Cuiabano, pág. 75. Mais tarde, D. Aquino haveria de encontrar na Bíblia um dos mais ricos filões para a sua li-

te, surge, aos pares, o bando arisco dos coelheiros, que tendo passado o dia a pescar, descrevendo semicírculos na água com a espátula dos bicos, revoam agora para as alcândoras solitárias, em meio ao pantanal deserto. E eis que, na ondulação rítmica do vôo, a linda plumagem rosicler se lhes ilumina aos últimos raios do sol, irradiando em tórno, pela atmosfera plúmbea, num delicioso contraste, os seus reflexos límpidos de rosa e de alegria» (8).

Mas, fôrça é terminar, atendendo, aliás, a um conselho muito grato ao pranteado Arcebispo: sêde breve! Concluamos. E, fazendo-o, diremos que a literatura de D. Aquino foi semelhante a sua vida: alevantada, fidalga, acolhedora e sábia. Como a sua vida, os seus livros constituem motivo de orgulho para a nossa mocidade, que êle procurou sempre guiar e ensinar, com perseverança e sabedoria.

literatura. Não falando das citações, inúmeros temas de seus escritos inspiraram-se na história sacra e nos Evangelhos. Também, os doutores da Igreja, especialmente Santo Tomás, constituem-lhe predileta leitura, a julgar pelo número de alusões que deles se acham entremeados os seus livros.

8) Discursos, 1.º vol., pág. 175.

D. AQUINO EDUCADOR

Nilo Póvoas

Exmo. Snr. Governador do Estado;

Exmas. Autoridades Cívicas, Militares e Eclesiásticas;

Exmo. Snr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras;

Exmas. Senhoras e Senhorinhas;

Exmos. Cavalheiros,

Eminentes Confrades:

Não vos moleste a sensibilidade o virmos repetir ainda, nesta hora perturbada e cheia de tristezas que vive a Humanidade, como que descrente de si mesma e a estertorar num abismo de negativismos e de demolições, que a mais nobre, a mais sublime manifestação da alma de um povo, é, sem dúvida, o amor à sua terra, o respeito às suas tradições e o culto das suas grandes personalidades.

A obsessão endêmica que há mais de duas décadas se vem observando, por tudo quanto é novidade e mocidade, num como desrespeitoso menosprêzo ao Passado, vai lançando pouco a pouco, à poeira do olvido essa grande verdade, postulado cívico que de par com outros semelhantes, emprestava certa linha de nobreza e de distinção ao espírito das gerações que nos precederam. Eram, por assim dizer, o *substratum*, da sua conformação moral, o *humus* vitalizante e revigorador da sua mentalidade.

Na situação atual, entretanto, por que atravessa o Brasil, a braços com tôdas as espécies de crises opressoras, crise econômica, crise financeira, crise administrativa e política, mas, sobretudo, crise intelectual e moral, não é senão do Passado que lhe há de vir a seiva dos exemplos edificantes, as lições da sabedoria e da experiência, fôrças vivas que a habilitarão a solucionar os intrincados problemas que afligem as gerações hodiernas.

Na desorientação desesperadora da hora presente, em que as gerações moças, na sua ingênua fatuidade de se bastar a si mesmas, parecem sossobrar nesse pélagos revolto de dúvidas, de hesitações e de incertezas acerbadas, que as assaltam traiçoeiras de todos os lados, é, sem dúvida, no exemplo dos grandes homens do Passado que terão de se abeberar as gerações novas, de haurir a fôrça e o estímulo para vencer os obstáculos e as dificuldades cada vez maiores com que as surpreendem os tempos modernos.

Muito acertada, portanto, andou a nossa Academia Matogrossense de Letras, organizando êste esplêndido ceremonial de culto cívico, em que, do mesmo passo que comemora o aniversário da sua fundação, exalta a pessoa do seu insigne fundador, uma das maiores personalidades da nossa terra — o Arcebispo Dom Francisco de Aquino Correia, há bem pouco desaparecido do cenário da vida.

Senhores:

Seria incompleta esta homenagem das instituições culturais matogrossenses, se, ao côro das vozes laudatórias da memória dêsse nosso grande prelado, não se fizesse ouvir a de um dos seus antigos discípulos; e, por uma grata coincidência, aquela mesma que, em 1910, proferiu, no alto da colina do Areão, a saudação de boas-vindas ao ilustre e jovem sacerdote, laureado pela célebre Universidade Gregoriana de Roma, ao regressar à sua terra natal.

É nesse caráter, de ex-aluno do homenageado de hoje, que vimos trazer a esta solenidade o concurso modesto da nossa palavra, repassada de gratidão e de saudade, para realçar uma das facetas mais interessantes do seu talento, — a de educador.

Senhores:

A ação educativa de Dom Francisco de Aquino Correia, exerceu-a êle, com raro brilhantismo, através da cátedra professoral, do livro, da imprensa e da tribuna. A cátedra, perlustrou-a êle nos áureos tempos da equiparação do Colégio Salesiano São Gonçalo ao Ginásio Nacional, e, mais recentemente, no Seminário Arquidiocesano desta Capital, viveiro de vocações sacerdotais, que valiosos elementos tem conquistado para a milícia benemérita dos filhos do Padre Bosco.

Das múltiplas facetas do seu talento, não foi, certamente, das menos expressivas. Dom Aquino foi um educador, em tôda a extensão do vocábulo e um dos mais vigorosos esteios do nosso progresso moral e intelectual.

A sua cátedra vibrava ao calor da sua palavra. Parece-me ouvir ainda os ecos da sua voz reboar por entre os venerandos muralhões do velho edifício do Colégio Salesiano, nas suas encantadoras narrativas da História Pátria, expondo fatos, deduzindo argumentos, tirando conclusões úteis á vida, ou, nos torneios da Filosofia, mostrando aos seus alunos a excelência da moral, não dessa moral que corrompe os espíritos, que subordina a idéia do Bem à idéia sórdida do interesse, do egoísmo, do prazer ou gôzo material, mas da Moral do dever; da Moral que santifica o Bem; da Moral que eleva o homem a Deus, exaltando, sublimando e divinizando os mais altos atributos da sua natureza; da Moral que exalça, purifica e aprimora tôdas as grandezas do espírito e do coração.

Identificado com as idéias pedagógicas do grande educador que foi o Padre Bosco, soube Dom Aquino fazer sempre da escola um ambiente familiar, repleto de alegria e de seduções, uma colmeia de trabalho ativo, um santuário de virtudes cívicas e morais.

Era de ver, Senhores, o sentido racional da sua didática, a argúcia das suas observações críticas a respeito dos fatos históricos que narrava, ou dos princípios filosóficos que defendia; os acentos harmoniosos da sua voz; os recursos da sua dialética convincente; o interesse que despertavam as suas preleções, o amor ao estudo que sabia infundir nos corações dos seus discípulos!

Forrado o seu espírito por uma sólida cultura humanística, formada nos bancos do Colégio São Gonçalo, onde surpreendeu os seus lentes com as primícias da sua inteligência de escol, enriquecida e aprimorada ao contato dos grandes mestres da Universidade Gregoriana, o ensino era para êle um brinco de criança. As matérias que pareciam áridas, êle as tornava amenas pela dição; as doutrinas que pareciam profundas e transcendentales, êle as tornava acessíveis a tôdas as inteligências, por uma clareza cristalina e intuitiva.

Ninguém soube jamais, melhor do que Dom Aquino, conquistar o coração da mocidade. Com São João Bosco aprendera a amar a juventude, consagrando-lhe uma amizade que era, a um tempo, carinho, advertência e educação. Nunca a impaciência ou o mau-humor lhe alterara a serenidade do rosto. Tinha sempre o mesmo sorriso nos lábios, a mesma alegria no coração. As suas aulas transcorriam sempre num ambiente de cordialidade e respeito, em que reinava o mais profundo silêncio, quebrado, uma que ou-

tra vez por um epigrama inocente e espirituoso, ou por um trocadilho jocoso, em que era exímio o mestre, que provocava certa alacridade entre os alunos. O certo é que todos estudavam, não com o temor do castigo, mas dos piropotes do grande mestre. Ele conhecia o segredo de castigar com o sorriso. *Ridendo, castigat.*

Senhores:

Há nos livros que constituem a bagagem literária de Dom Aquino Correia, uma vastíssima seara a respigar. Eles guardam, num como escrínio, as jóias mais ricas do seu talento, o maior legado que deixou às gerações vindouras. Todos êles estão repletos de lições da mais alta sabedoria, que vão desde o preceito primário que a todos se nos impõe, de amor à terra natal, até os mais transcendentales, que visam às nossas relações com o Supremo Criador de todas as coisas. Há neles ensinamentos para a vida terrena e ensinamentos para a vida eterna.

Poeta subjetivista, como os que melhor o foram, de um delicado lirismo lamartineano, Dom Aquino procurou sempre a Religião e a Natureza para a inspiração dos seus carmes, que ora são rosais floridos, onde esvoaçam borboletas multicores, ora são ondas do mais perfumoso incenso que sobem espiralando até o trôno de Deus.

Os versos dêsse poeta mimoso ostentam um sincretismo todo original. São clássicos, pela perfeição da fôrma e apurada correção da linguagem; são românticos, pela liberdade da inspiração; são parnasianos, pela hierática solenidade escultural dos seus poemas, do ponto de vista da técnica, e finalmente, são místicos, pela natureza religiosa da mór parte dos seus motivos.

Tôda a sua obra poética, palpitante de sentimento e de emotividade, tão espiritual e tão bela, reflete a robustez e a sinceridade da sua fé e o seu acendrado amor à sua terra natal. Tôda ela é um abundante manancial de ensinamentos, um relicário copioso de educação cívica e religiosa. Na sua alma, cheia de candura e de simplicidade, pulsava fortemente um coração de poeta. Ele possuía a grandiloquência clássica de Sousa Caldas e a sensibilidade emocional romântica de Bilac.

Orador de extraordinários recursos, de presença majestosa e de facilidade e harmonia de dição, as suas memoráveis orações conquistaram-lhe o mais justo renome. Os seus discursos, quer sacros, quer profanos, são modelos imperituras de perfeição; neles não sabemos o que mais admirar: se a casticidade da linguagem, sempre copiosa e

fluente, à maneira dos grandes doutores da Igreja, se a originalidade e harmonia do estilo, sempre colorido e iluminado, pontilhado de imagens brilhantes e de evocações sugestivas.

Das orações paraninfais, que em várias épocas proferiu, e que não foram poucas, reçuma o seu grande amor à mocidade e o zelo ardente em que se inflamava a sua alma de apóstolo pela sua elevação moral e intelectual. São verdadeiras jóas de linguagem e de estilo, preciosos modelos de sabedoria e de doutrinação religiosa.

Não há quem se não lembre das delicadas *Pétalas do Evangelho*, com que o virtuoso Prelado e festejado Homem-de-Letras perfumava semanalmente as páginas do periódico A CRUZ. Eram as pétalas das rosas da sua inteligência e das suas virtudes que êle piedosamente esparzia ao pé da cruz de Jesús Cristo, como outrora a Madelena, a derramar perfumes aos pés do Crucificado.

Nunca se viu nos escritos que caíram da pena de Dom Aquino, êsse linguajar díscolo e pleben, essa mixorofada incongruente e mal-cheirosa que Mário de Andrade e outros enamorados de novidades pretendem que seja a língua do Brasil, quando outra coisa ela não é senão o fruto da ignorância, da preguiça e do mau gôsto, na justa apreciação do grande Rui Barbosa.

Não há nas suas obras, quer em poesia, quer em prosa, os excessos no culto da fôrma, as construções arrebicadas que caracterizaram os escritores de seiscentos, mas também não há uma frase menos castigada, uma figura menos discreta, uma regência menos justa, uma inversão menos comedida. Tudo nela é equilíbrio, é justeza; é o que se pode chamar sensatez e bom gôsto.

Dom Aquino foi um mestre na acepção integral do termo. Falando ou escrevendo, instrua e educava sempre. Tudo quanto lhe saia da bôca ou da pena, eram lições proveitosas de sabedoria profana e de doutrina religiosa, com que procurava elevar o nível cultural do seu povo e o nível moral e espiritual das suas ovelhas.

Senhores:

Mais, muito mais do que essas lições memorandas, em que espande o gênio educador daquele que foi o nosso grande Arcebispo, avultam os seus exemplos, exemplos de humildade, de cordura, de abnegação e de virtude, que soube dar em todo o longo curso de sua existência e que enfloram a sua frente sagrada.

Muito bem se lhe ajustam as palavras do Padre Fonseca Lima, referindo-se ao Arcebispo da Baía e primaz do Brasil Dom Romualdo de Seixas: «Se na sua cabeça habitara o gênio, no seu coração rescendiam os eflúvios e o perfume da bondade. Ninguém lhe pediu favor ou conselho, que lhe não ficasse grato. Muitas vezes seus benefícios, seu gosto de servir antecipavam o pedido. Amável sem deixar de ser grave, sua fisionomia respeitável e insinuante traduzia o ascendente da virtude e da autoridade».

Figura irrivalizada do Episcopado Brasileiro, a sua memória sacrosanta ficará, *aere perenius*, no patrimônio moral da nossa terra, onde todos os carinhos da gratidão e do reconhecimento hão de recordá-lo como o grande luzeiro que foi para a cultura e para a educação nacional.

Sim, Dom Aquino será lembrado sempre pelas gerações futuras. O seu nome crescerá com o tempo, pela grande influência que exerceu na sua época, no seu duplo principado: o da Igreja e o das Letras. Em ambos soube êle ser grande e sôbre êsse duplo principado construiu o monumento da sua glória.

Senhores:

Ao terminar êste pálido discurso, desvaliosa colaboração da minha inteligência, já no ocaso, a esta festa de consagração cívica, sinto que um pensamento torturante me assalta o espírito. É a certeza que tenho de que não consegui, com a frieza da minha palavra, realçar os méritos do nosso homenageado. Êle se elevou a tamanha altura, que não há louvores que o engrandeçam, como não há inveja que o sombreie ou que o desdoire.

Êle não construiu para esta vida que se esfuma à beira dos túmulos, mas sim para a Eternidade; e por isso a sua memória, sobrevivendo às trevas dos sarcófagos, não perecerá jamais; ao contrário, ela vencerá os séculos e se perpetuará, viva e imorredoura, assim como os louvores e os loiros com que a cinge a Posteridade.

A sua memória nunca será esquecida, pois aquilo que êle foi em vida, há de ficar, na grandeza da sua obra imortal, mais perene do que o bronze.

Êle não será jamais esquecido, mas viverá para todo a sempre no coração da mocidade que êle tanto amou e se fez amado e venerado por ela.

Êle não será jamais esquecido, porque não morre inteiramente aquele cujas obras espalharam as sementes do bem e da virtude.

Sim, Senhores, Dom Aquino não será jamais esquecido, porque, para que isso acontecesse, preciso seria que se rasgasse e metesse ao fogo um capítulo inteiro da história da cultura matogrossense, que a sua augusta pessoa encheu literalmente.

Sim, Dom Aquino não será jamais esquecido, porque êle não foi apenas um poeta: mas foi um santo que a si mesmo se canonizou, através de uma vida exemplaríssima de trabalhos e fecunda, não sómente de versos, mas de reais benefícios para a sua igreja e para as ovelhas que o Senhor lhe confiou.

E possa o espêlho magnífico da sua grande vida multiplicar-se em novas imagens, que eternizem a consolação e a esperança que nos dá êsse memorável exemplo.

A BONDADDE DE D. AQUINO

Francisco A. Ferreira Mendes

O mais edificante florão do sentimento humano, é a bondade, força éspiritual, que estimula a razão consolando o coração. Já o dizia Platão — «não é preciso que a bondade se mostre, mas sim, é preciso que deixe vê» — e Nictzsche, na sua filosofia da bondade, acreditava que, «o melhor meio de bem começar o dia é refletir, ao despertar, se há possibilidade, nesse dia, de ao menos fazer a alegria a um dos nossos semelhantes». De D. Francisco de Aquino Corrêa, bem se pode dizer, ter sido, em vida e no seu apostolado catolico, o Sacerdote da Bondade.

A bondade de D. Aquino se manifestava em todos os seus gestos e atitudes, mas particularmente porêm, no seu grande amor ao próximo, virtude que ornou o seu coração de sacerdote e representante de Cristo na terra. Não havia para o pranteado arcebispo cuiabano, distinção de classe ou de casta.

Para todos tinha sempre uma palavra de conforto, um sorriso de bondade. Distinguiu-o sobretudo, o seu entranhado amor à patria.

Não só à pátria compreendida nos lindes geográficos que, posto merecer-lhe especial carinho a terra natal, o seu sentimento cristão de humanidade se distendeu em amplitude abrangendo a cristandade toda, na compreensão de uma pátria da religião, da crença e da fé. D. Aquino soube conciliar, no exercicio da sua edificante missão de Principe da Igreja, «a austeridade do claustro com o amor da sua pátria, com as glorias e tradições da sua terra e com o culto sincero e fervoroso da liberdade nacional». O hábito religioso santificou-lhe o coração, que se votou inteiramente ao amor à sua gente e à sua terra, à fé cristã, o maior emblema da sua vida. Latino Coelho, o grande mes-

tre da lingua e da oratória, afirmara: «há nas obras literárias uma fisionomia que retrata ao natural as tendências e as paixões do escritor». Nas obras literárias de D. Aquino, se distinguiu êsse espirito vivo de sentimento e amor à terra. Poeta mavioso, há na inspiração dos seus versos, essa fibra nitida do seu ideal, do seu sentimentalismo votado ao misticismo da religião e da fé, da graça e da beleza no descrever a natureza pátria, tudo envolto na sonoridade do ritmo e pureza da forma, a exaltar sempre sua crença nos superiores destinos da terra, que amou, honrou e dignificou. A sua bondade se evidenciou de forma inequívoca, quando, deixando temporariamente o silêncio do claustro, se encontrou no mundo profano, a serviço da pátria, para unir a família matogrossense desavinda em luta esteril da politica partidaria. À frente do governo, tudo fez D. Aquino para engrandecer Mato Grosso e colocá-lo em lugar destacado no cenário da administração estadual. O seu programa de ação, ao assumir as redeas do poder público, foi traçado na triade sintética — paz, economia e trabalho. E numa perene continuação historica da terra, ai estão, perpetuando sua obra moral, o Instituto Histórico e a Academia Matogrossense de Letras, instituições que lembram o seu gênio criador, a sua bondade, a sua cultura e o seu amor a Mato Grosso. Instituições que, só élas bastam para engrandecer uma obra de governo inspirada na benemerência da paz que dignifica, do trabalho que enaltece e do amor, que é a glorificação da alma humana.

D. Francisco de Aquino Corrêa foi um bom, um justo, e falar da sua bondade seria rememorar toda a sua vida de trabalho, seria tecer-lhe o panegirico sacerdotal católico, seria descrever toda a sua obra a serviço de Deus, da religião, da ciência e da pátria. Cabe-nos, néstas linhas citar-lhe apenas o exemplo da vida, inscrevendo-lhe o nome ilustre nas páginas dos nossos fastos, para que a posteridade o cultue entre os memoraveis que enobreceram a terra matogrossense, consagrando-o no respeito e na veneração.

D. AQUINO E A TRADIÇÃO

Gervásio Leite

É de perplexidade a posição de quem se dispõe ao estudo da vida e da obra de D. Aquino, tão grandes, tão majestosas foram elas. Morto o príncipe das nossas letras, as suas produções imortais e a sua vida exemplar aparecem-nos como um cenário imponente que, embora possam ser vistos em conjunto, num espetáculo impressionante, não podem ser descritos em estudos resumidos.

Porisso, atrevemo-nos a examinar, breve e sumariamente, a influência da paisagem, dos homens e das coisas de nossa terra na obra do insuperável artista da palavra, mavioso plasmador do verso para quem o verbo humano era um instrumento poderoso e admirável de aproximação e compreensão do Estado mediterrâneo que lhe serviu de berço, palco diminuto para os vôos de sua imaginação, do seu talento e de seu gênio.

Não se nega mais hoje a influência da paisagem no condicionamento da pessoa humana. É que a terra que nos serviu de berço, que envolveu a nossa meninice, que embalou os sonhos de nossa juventude, onde vivemos e lutamos, penetra fundamente o nosso ser, plasmando nossa personalidade. Tal influência é ainda muito mais funda e impressionante quando a pesquisamos na obra do artista, porque ninguém foge a essa influência tentacular e solícitante e muito menos aqueles que, privilegiados na observação dos homens e das coisas, têm que se exprimir em função do meio em que vivem, de suas solicitações avassalantes, de seus problemas impositivos, das suas belezas dominadoras, de sua cotidiana e permanente presença.

José Verissimo observou o fenomeno agudamente ao analisar o amor à Pátria, dizendo que das formas desse amor, a mais espontânea, a mais natural, e até a mais legítima, era o bairrismo — êsse afeto um pouco ingenuo, um

pouco sub-consciente, que todos nós consagramos à terra onde nascemos. E, Peregrino Junior, fixando êsse regionalismo completa: «Como o rio tranquilo que leva para o mar a imagem constelada do céu, todos nós trazemos para a vida a doce imagem da nossa terra e da nossa gente. Na agitação do mar, como no tumulto da vida, tôdas as imagens se diluem, se perdem e apagam... Mas isso não impede que nas novas imagens que nos povoam então as pupilas inquietas ou desencantadas, sorria de vez em quando, sutil e invencível, a recordação comovida daquelas paisagens remotas que nos encantavam um dia os olhos e o coração».

Nenhum artista, de sensibilidade mais desenvolvida que o comum dos homens, que premunitoriamente percebe as belezas profundas e eternas das coisas, pode escapar a êsse imperativo. Pela vida a fóra a paisagem da infância não se lhe dilue na retina. Ela fica imorredoura e viva na sensibilidade e na memória e, quanto mais distante no tempo e no espaço, tanto mais ela banha e envolve as criações dêsse artista.

Embora, na obra de D. Aquino essa influência não seja escravizadora porque não se conteve nos estreitos limites de um regionalismo convencional, episódico ou impressionista ou que fosse apenas uma fuga mas, ao contrário foi cada vez mais ampla e, por assim dizer universal, *pátria pequena* é uma constante nos versos e nas imortais páginas de prosa do Pastor admirável. Não era uma influência que absorvesse, que esmagasse o artista. Como André Maurois disse de Goethe, que nasceu para ser Goethe, D. Aquino é acima de qualquer influencia, D. Aquino. Entretanto, não pôde fugir da realidade que o envolvia, tão certo é que o artista trabalha coisas reais: que nenhuma obra séria pode fugir as realidade do Mundo e da vida.

Essas realidades estão presentes na obra do morto ilustre. Foi êle que batizou a terra natal de «cidade verde», que êle viu guardada por seus dois morros.

..... quais gigantes
Eternamente amantes
..... e tão verdes são,
que até re-letem pálidos verdores
nos lares cismadores
que enchem do vale a plácida mansão».

à margem

«Do verde rio lânguido, que a esfrola
Cantando a barcarola
Infinita dos beijos e da paz».

Para êle nem a «Umbria verde», nem «a verde Erin», se compara a terra natal.

«Não há tesouro, que teu preço iguale
Tudo que o mundo vale
A par de tí, em lôdo vil se esvai;
Pois tens o que há de mais sagrado e terno
o tûmulo materno
E êsses cabelos brancos de meu pai».

E afinal manifestou o desejo, que foi religiosamente cumprido, de dormir, eternamente, à sombra das arvores de sua terra, de primaveras imortais».

No «Terra Natal» coisas, paisagens e figuras históricas de Mato Grosso, ali estão presentes, demonstrando o encanto irresistível e a atração magnética que Mato Grosso exerceu na obra de D. Aquino. Êle disse, em 1921, Governador do Estado, instalando o Centro Matogrossense de Letras, hoje a Academia Matogrossense que era «a beleza da nossa terra» que devia merecer «estudo e carinho» dos membros do sodalício máximo, terra que êle chamou «Marabá das tabas» de belezas mil não só de sua natureza «que nos sorri ainda, na eclosão virginal de beleza tão encantadora, que nem o cientista frio pode estudá-la, sem arrebatarse insensivelmente da atmosfera serena da observação, para essa outra, onde revoam sonoramente as fantasias e os sonhos do poeta». A beleza que vislumbra não é sòmente da terra é, também da história e das «nossas lindas tradições populares». Daí o «Terra Natal» que é, sem dúvida, tôda a epopéia matogrossense em versos de extraordinária pureza, definitivos na elegância das fórmãs, no calor dos sentimentos, no arrebatamento do artista, cantor inexcedível da terra e da gente que pode prender nos versos do seu livro Mato Grosso inteiro, a beleza de suas paisagens, as suas heráldicas figuras históricas, suas lendas e tradições, suas cidades, suas riquezas, tudo enfim que emocionava e empolgava o artista supremo.

Hábitos, costumes, lendas e tradições populares, plantas e animais vivem nas páginas do «Terra Natal», porque poeta é justamente aquêle que revela nas coisas mais simples as insuspeitadas belezas que os outros mortais não podem ver.

Para provar como o artista pode vestir as coisas mais simples nas roupagens de beleza imorredoura bastam os sonetos «Erva de tapera», «Lufada», «Laranjeira Cuibana», «Figueira do adeus», «Chuva de Cajús», «Fogo Apa-

gou», «Caçada de Perdizes», onde tôda a terra do berço a «terra evocativa e linda» nos domina nos tentáculos de emoção inesquecível, a mesma que o poeta sentiu ouvindo a viola sertaneja

..... a mais triste das violas
Tu que choras ao luar das noites estreladas
E com o seu doce choro, embala e consola
Da vida sertaneja as ásperas jornadas
Vibrando embora ao som de alegres cantarolas
E ao passo festival das danças cadenciadas
Tens sempre a mesma voz, flebil como a das rolas.

E dos negros mutuns, nas róseas madrugadas ou a jaó cantando nos cerrados pátrios os seus nostálgicos cantos, «solução enamorado» ou «fúnebre elegia» modulando a música da terra na pauta imensa dos rincões matogrossenses.

«Terra Natal» é assim. Mato Grosso cantado em versos, onde vivemos a prodigiosa aventura do rapsódo imortal, troveiro único e insubstituível de sua gente, cuja lira tangia mais e mais bela quando cantava os carmes de seu berço.

Êsse carinho pelas coisas de Mato Grosso é uma constante na obra do Arcebispo. Nas coisas mais banais, nos detalhes mais simples, a perdiz dos campos, o casamento do caipira, a laranja cuiabana que reverdesce na laranjeira, as arvores da nossa flora, os homens do nosso passado, bandeirantes e capitães-generais, as aldeias mais humildes, as nossas cidades, os quadros bucólicos do sertão, ganham beleza sob a emoção do artista profundamente preso a sua terra, a essa misteriosa emanção telúrica que prende o homem ao seu chão, ao seu recanto, à sua paisagem.

O Arcebispo ilustre cuja memória hoje reverenciamos porque era um espírito privilegiado, uma alma de eleição, príncipe ilustre da Igreja Católica, varão eminentíssimo pelo saber e notável pelas virtudes, nem porisso desdenhou as influências profundas e os liames inquebrantáveis que tão fortemente o prendiam à sua terra obscura e distante. Embora espírito universal pela cultura e pela posição que ocupava na Igreja Católica, em uma igreja ecumênica, não deixou de ser cuiabano e de fazer praça dessa cuiabandade, imortalizando sua terra e sua gente nas páginas imortais de sua obra.

D. AQUINO, PRESIDENTE DO ESTADO

Rubens de Mendonça

O Padre Antônio Vieira, sentenciava em um dos seus sermões: «Não há terra mais dificultosa de governar, que a patria: nem há mando mais sofrido, nem mais mal obedecido, que o dos iguais». E, razão teve o notavel orador sacro, pois se a terra mais dificultosa de governar é a patria, ainda mais grave se torna a situação do administrador, quando a mesma se deve em luta fratricida.

Estudando a história administrativa de Mato-Grosso, foi o 7.º quadriênio presidencial, um dos mais agitados. De 1915 a 1917, periodo presidencial do General Caetano de Albuquerque, se dividiu a familia matogrossense. A Caetanada finalizou com a decretação da Intervenção Federal no Estado e nomeação do Dr. Camilo Soares de Moura, para Interventor, mas mesmo com a Intervenção, o Estado não se pacificou. A lutas continuaram e ainda mais agravava a situação do Estado, a 1.ª Grande Guerra e a epidemia da gripe denominada «Espanhola», que assolou todo o País naquele trágico após-guerra.

Assim, foi, quando os partidos politicos de Mato-Grosso, resolveram escolher como candidato de conciliação à Presidencia do Estado, o nome de Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Ele próprio nos conta «Testamento do Vosso Arcebispo: «aceitamos, a bem da pacificação do nosso Estado natal, a candidatura de conciliação à Presidencia de Mato-Grosso, que se nos oferecia, mediante acôrdo firmado pelos dois partidos fortes e irreconciliaveis, que já então, havia longo tempo, se degladiavam até aos deploraveis excessos da luta armada».

Assumindo a Presidência do Estado em 1918, em 1922, D. Aquino já havia pacificado completamente Mato-Grosso, concorrendo para que os dois partidos se transformasse num único; com o nome de «fusão matogrossense».

Mas, não teve somente o Bispo Presidente a preocupação apenas da pacificação. Precisamente no seu período Presidencial, aparece a gripe espanhola ceifando vidas dos seus conterrâneos, então D. Aquino, tal como o Bispo Dom José Antônio dos Reis, por ocasião da variola, transformou a sua casa, residência presidencial, em verdadeiro hospital. Nela havia farmácia manipulando dia e noite remédios para atender a população aflita.

Diante dessas circunstâncias, foi forçado a adiar as comemorações do Bi-centenário da fundação de Cuiabá, cujas festas, quando realizadas se revestiram das maiores solenidades.

Comemorando a data magna da sua cidade natal, D. Aquino não mediu esforços para que o industrial João Pedro Dias, inaugurasse a primeira Usina de Energia Elétrica de Cuiabá.

No seu governo, venceu o Estado de Mato-Grosso, a questão de limites com Goiás. E, ainda no seu período presidencial, foram fundadas as nossas duas sociedades culturais — Instituto Histórico de Mato-Grosso e Academia Matogrossense de Letras.

Ao encerrar seu governo, escreveu Dom Aquino, anos depois: sobre a sua principal atuação: «O futuro filósofo», quem estudar essa fase da nossa história política dirá das causas de tão estupenda solução pacificadora, e qual foi o papel do Bispo-Presidente. A nós baste frisar dois pontos. Primeiro: deixamos a Presidência do Estado com a impressão íntima e consoladora de termos cumprido o nosso dever e a nossa missão «mais do que prometia a força humana», não certamente, por habilidade do Prelado Presidente, mas por disposição benigna da Providência Divina, que assim fez com que pudéssemos entregar o Estado ao nosso sucessor, em perfeita ordem, completa paz e mútua cooperação das forças políticas».

Talvez seja o milagre que ele cantou em «Terra Natal», que se realizava, porque a luta partidária:

«..... Não capitulou senão à vista
Da Cruz, porque só ela é que conquista,
Abrindo os braços em sinal de Paz».

D. AQUINO — PRÍNCIPE DA IGREJA

Wanir D. Cesar

A distância, que não me permite a consolação de estar convosco, no momento dêste preito a memória imorredoura do nosso ínclito Mecenas, não me tolheu a de, nos desdobramentos destas linhas, unir-me a nossa querida Academia, na comunhão dos mesmos afetos e em idênticos sentimentos de gratidão àquêle que em sua fecunda e gloriosa carreira deixou, entre os marcos luminosos de seu múltiplo labor, êste baluarte profícuo da cultura mato-grossense.

E á fidalga gentileza de nosso insigne Presidente devo mais êste gesto de sua constante amizade e atenção, desejando que não faltasse a palavra obscura de quem, embora sem méritos, sentiu muitas vêzes o influxo inspirador daquêle coração generoso, que o arrastara em pós de si, num anseio de paternal desvêlo, a semelhança do grande Enéias, cujas pegadas em vão tentava o caminhar titubeante do pequeno filho: *sequitúrque patrom non pássibus equis*.

Aqui, pelo conseguinte, vai traduzida a minha consideração por quanto respeita ao devotado apóstolo, que se encarnou, maravilhosamente, no ilustre Príncipe da Igreja, que o nosso filial afeto, por longos anos, se acostumou a chamar pelo nome docemente simples de D. Aquino.

Na vasta galeria prelatícia que a Igreja pode ostentar, como padrão de honra que a distingue e immortaliza, o Arcebispo de Cuiabá se equipara, por sem dúvida, à prócera linhagem dos Bartolomeus dos Martires, dos que nos últimos séculos ilustraram meridianamente, com a cultura e com a piedade, a cátedra pontifical.

O genial Lamartine, no dulçoroso estilo, que lhe era peculiar, em analisando a personalidade extraordinária de Bossuet tem êste confronto magnífico:

«O sacerdote, para aparecer com tôda a sua majestade, com tôda a autoridade, com tôda a pompa moral da imaginação, é impossível que o personifique mais perfeitamente que em Bossuet. Bossuet, para ser êle mesmo, para desenvolver em tôda a sua extensão e em tôda a sua amplitude as grandes qualidades da alma, do gênio, do domínio próprio, da eloquencia com que a natureza o havia dotado, não poderia ser outra cousa senão sacerdote».

Que de razões se nos oferecem para repetir o mesmo de nosso inolvidável Dom Aquino. Personificação das mais acendradas qualidades que podem e devem exornar um verdadeiro sacerdote, foi sem duvida no desenvolvimento de sua missão sacerdotal, que se patentearam, por assim dizer, os predicados de inteligência e de coração, que lhe caracterizavam a personalidade invulgar.

A sublimidade do estilo corporificava a idéia luminosa, embebida tôda na fonte imperecível da Verdade. A fôrça do estro era como lampejos da fé, nos arroubos eloquentes do zêlo, que empolgavam as almas. A bondade paternal do coração era o reflexo da estuante caridade, que o impelia a cada passo no seu múnus evangelizador.

Tudo nêle se convergia para o exercício da missão acrisolada que êle soube realizar, como os que mais o fizeram ao longo dos tempos. Príncipe das letras, estas não serviram senão de revelar o Príncipe da Igreja, empenhado em todo instante em fazê-la brilhar, quer nos corações de seus filhos, pelo que era todo extremos de Pastor, quer perante a sociedade e o mundo, a cujo êxito emprestava a eloquência e a lira, nas vibrações das mais brilhantes páginas, que ainda se escreveram em terras do Brasil.

«Entre todos os lugares a que um mortal pode subir na terra, o mais alto para um homem de gênio é incontestavelmente uma cátedra sagrada», conforme o juízo insuspeito de Lamartine. E se o homem guindado ás alturas dessa cátedra magistral, reúne em si os atributos que êle via em Bossuet e nós, sem favor algum, contemplamos em D. Aquino, êsse homem «não é já um homem, é uma voz».

E nós que tivemos a ventura de ouvir, por tantos anos, a modulação encantadora duma dessas vozes que constituem os mais preciosos tesouros do patrimônio da humanidade, não nos conformariamos com a dolorosa sina de vê-la sucumbir nos vórtices dos tempos. Oh! não, ela não se extinguirá jamais! Perpetuada na obra regeneradora dum apostolado indefesso; concretizada num monumento lapidar, que é testemunho eloquente de seu zêlo em de-

fender os mais sacrossantos direitos da Igreja, que éla soube amar e dignificar, essa voz correrá os séculos e as gerações que nos sucederem, invejando a nossa ventura, hão-de bendizer por certo a Religião que conta, entre os épônimos de suas glórias o nome de Dom Aquino.

É bem difícil descrever os sentimentos que vibram em todos os corações; e disto houve de se lamentar até a pena cantante de Chateaubriand! Como falar, portanto, sôbre D. Aquino para a minha terra e para a minha gente, onde cada coração pode ir além do que mal expressariam as minhas palavras?

Compellido, no entanto, por um dever de gratidão, é que dei início a uma biografia em que buscarei traçar as facetas polimorfas dessa personalidade, qual a qual mais digna de, só por só, valer um estudo e tôdas harmonizadas em seu conjunto, que explende no protótipo de sacerdote sábio e santo, de que se ufanam a Religião e a Pátria.

A sublime síntese do sacerdócio católico é a que nos delineou S. Paulo: *pontifex ex homínibus adsumptus pro homínibus constituitur* — o Pontífice é tirado dentre os homens e constituido a serviço dos homens. No mister bendito de servir. Dom Aquino superou tôda expectativa. Posto a serviço dos homens, não via entre si e o grande objeto de seus cuidados barreira alguma de classe ou côr política. Desenvoltura encantadora, superior às mesquinhas competências, que podem frustrar ou empolgar os caracteres vulgares, realizou uma obra pastoral; que pereniza a sua memória, pois nela, conquanto morto, ainda nos fala, ao fulgor da fé que a inspirara: *per illam defúctus adhuc loquitur*.

A POESIA DE D. AQUINO

José de Mesquita

1) A Vocaçào da Poesia

Na personalidade do grande Arcebispo cuiabano, resalta, como facêta das mais impressivas, o gênio mágico da Poesia, bem cêdo revelado e mantido, galhardamente, até o fim. Poeta, mais que tudo, e acima de tudo, D. Aquino o foi, sem dúvida, e dos atributos que possuiu, enobrecedores e altíssimos, foi êste o que constituiu o seu mais lidimo padrão de glória. É êsse o seu mais belo e dignificante laurel, sendo o que mais eleva o homem ao plano quasi divino, tanto que, na doce pátria das Musas, os cultores da Poesia, os que viviam no Pindo e no Parnaso, eram denominados, enteus, os que traziam em si a própria divindade. Por isso mesmo, os espiritos ignaros e rasteiros, atreitos à materialidade, se insurgem contra os que são dotados dessa flama sobrenatural, e os desconhecem e hostilizam, chegando a afirmar a sua incompatibilidade com a vida real, com a chamada vida prática. Repete-se a mitica helênica da morte de Orfeu, lapidado pelas ménadas crueis, na eterna incompreensão do vulgar e do primário pela sublime destinação da Poesia. D. Aquino foi poeta em tudo: poeta, como orador, eis que os seus discursos são verdadeiros poemas em prosa, varridos por êsse sôpro incoercível do estro inspirador; poeta, como jornalista, dando-nos n' «A Cruz» que foi, na sua fase áurea, o porta-voz da nossa cultura, entre muitas e valiosas colaborações, aquelas mimosas «Pétalas do Evangelho», repassadas da mais emotiva poesia cristã; poeta, como apóstolo do Bem, enchendo a sua vida, feita de beleza e desprendimento, dessa luz cálida e vivaz da vera poesia, que clareia e aquece os corações.

Ignis ardens — tal foi, em síntese, a ação constante do seu espírito, a sua vocação de bardo, a mensagem afetiva e vibrante que nos deixou, na sua obra, como na sua existência.

2) Filiação romântica

Ao tentar, neste ligeiro ensaio, fixar as diretrizes poéticas do notável vate, começarei por acentuar a sua incontestável filiação romântica. vindo-lhe a inspiração, por linha reta descendente, dos grandes mestres da escola, Gonçalves Dias e Castro Alves principalmente, sendo êsses os que mais influíram na formação intelectual do autor das «Odes» e do «Terra Natal». Do cantor de «Timbiras» herdou a forma escorreita e singela, o amor aos versos brancos, a par do indianismo acentuado e do épico da «Cachoeira de Paulo-Afonso» a nota condoreira e amor aos temas regionais. Só mais tarde, começa a se fazer sentir, nos seus versos, a influência parnasiana, através do maior polimento da fórmula e dos assuntos objetivos, mantendo-se, entretanto, no conteúdo poético, fiel à sua gênese romântica, impregnado da temática, bem como das reações psíquicas que caracterizam a família literária dos Lamartines e Hugôs, dos Varelas e Junqueira Freires. Mesmo no que tange à técnica do verso, nota-se-lhe a preferência, de fundo romântico, pelos versos brancos, ou de rimas entrosadas, pelos endecassilabos e redondilhas, com postergação do soneto, fato êsse assinalado pelo crítico de «A Cruz», em 1918, ao referir-se ao aparecimento do seu primeiro livro «Odes». Só algum tempo depois, do «Terra Natal» — que é o seu trabalho mais divulgado, o seu *best-seller*, com 4 edições, é que o soneto passa a constituir-se o seu gênero preferido. Para exemplificar, citaremos, entre os poemas que sofrem o influxo do grande bardo maranhense — A Primavera, Boninas murchas, A morte de Carducci (Odes, I) e A jaó, A Chimuveira, O Padre Velho e Filomela (Odes, II) e Os guaicurús, Canção do paiaguá e Boquadi (Terra Natal) — indianistas, umas, no tema e em versos brancos ou nos metros preferidos pelo autor de os *Timbiras*, outras. A nota condoreira desponta, nítida, indisfarçável em O natal da Patria, A mocidade, A Cruz e o Brasil, Corumbá (Odes, I), os salesianos, A Virgem de D. Bosco (Odes, II) e, sobretudo, naquêles «Napoleão e D. Bosco», publicado no jornal «O Mato Grosso» e reproduzido em *Nova et Vetera*. De outros bardos da fase romântica,

como Junqueira Freire e Varela, se observa a ressonância, mais ou menos acentuada, na obra copiosa e variada do Arcebispo de Cuiabá e, também, dos parnasianos, como Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho, de quem sempre se mostrou D. Aquino grande admirador, sabendo de cór varios dos seus poemas.

Longe iríamos, porém, si nos dispusessemos a indicar exemplos, o que é, de resto, ocioso, pois que êles, à simples leitura, afloram aos nossos olhos.

3) Idéas iterativas

Num formoso ensaio, acerca da obra literária de D. Aquino, Gabriel Vandoni, fino espírito de artista e observador arguto, revelou a preferéncia do poeta pela Flôr, verdadeiro *leit-motif* a passar e repassar, constante, nos seus versos. Tal como Vicente de Carvalho, pelo mar, Bilac, pelas estrelas ou Alberto de Oliveira pelas arvores, o nosso bardo, realmente, se enamorava, facilmente das flôres, cujo simbolismo no mundo vegetal, se transfere, em motivos líricos, à poesia do Arcebispo, toda ela, assim, florida, portanto viçosa, bela e perfumada. Não é só, entretanto, a flôr que constitui um pensamento iterativo na obra poética de D. Aquino, e, sim, outros muitos simbolos, de forte impregnação romântica, de profunda nota lirica, como passamos a apontar. O amor, tema central dos românticos — e afinal, a par de a Beleza e o Bem, o verdadeiro inspirador da lídima poesia — está sempre, e presente, em todos os poemas de *Odes*, *Terra Natal* e *Nova et vetera*. O Amor eterno, o Amor onímodo, o Amor perêne, o Amor em suas múltiplas manifestações, a exuberar, transbordante e incontido, de toda essa grande obra poética do cantor invulgar. Amor, fonte inexaurível que enche de seu fluido sonoro e cristalino toda a literatura universal, desde os tempos mais remotos até mesmo as aberrações com rótulo de poesia que por aí andam para gôso dos estultos, desopilando os sensatos e fazendo o cartaz dos cabotinos, que suprem com o exotismo e a cabala, o estro que lhes falta. Amor ao Belo, e à sua interiorização, que é o Bem; Amor à Terra, com o que ela possui de glórias, tradicional e típica, seja no encanto das paisagens, seja na amavel doçura dos costumes; Amor ao Passado, revelando-se nesse feitiço môrno, eflúvio do que foi e continua a ser, que é a saudade; Amor filial, nos poemas inspirados pelo carinho á memoria dos que lhe deram o dom supremo da vida;

amor de pai, a se desvelar em extremos pelas crianças e pelos seus filhos espirituais; Amor de pastor, que se extrema por suas ovelhas; Amor íntimo, místico, e sobrenatural, que lhe intui a hiperdulia pela Virgem, sua *Musa celeste* e o culto do meigo Rabi.

«divino e palido Poeta
que revelaste ao mundo o evangelho do amor»

Si formos contar quantas vezes, na sua obra poética, aflora essa palavra mágica, que é o balsamo dos corações, exulcerados pela vida, chegaríamos a conclusão de que uma só de suas composições não existe em que se não fale dessa.

«Tarefa melhor da nossa espécie
Tão cheia de outras que não valem nada».

Ali está, onipresente, o «eterno tema», daquêlê sentimento preponderante que, sob os mais diversos nomes, aparências e efeitos, domina o tablado da comédia humana, dos dramas e tragédias da vida, sentimento que

«move il sole e l'altre stelle»

e a respeito do qual outro grande Poeta italiano sentenciou:

«Perduto é tuto il tempo che
a amar non se spende»

Visualizado sob o ângulo da sua crença e da sua ética, certo o Amor tomaria aquela fôrma ortodoxa que vem traçada na «Carta epitalâmica» de 1905, o que não o impediu, nesse belo e substancioso poema dos 20 anos, de assim descrever, em linda apóstrofe, o papel da Mulher, pondo na bôca de Adão êstes versos:

.....«Eva meiga e gentil,
osso dos ossos meus! Carne carne minha!
Si sou do mundo rei, és do mundo rainha!
Sem ti, mesto me fôra o paraíso em flor!
Tu, Eva, tu colmaste os mimos do Senhor!»

Diante de tal concepção humana, posto enquadrada nos moldes cristãos, que o Poeta empresta ao Amor, certo não é para notado que, em seus versos, figurem iterativamente, imagens do amor, manifestações do grande sentimento, como a idéa do beijo, que surge a cada passo, e quero citar apenas *Terra Natal*, em que, mais que em qualquer outra obra do Arcebispo, ressaem as suas características individuais e da escola a que mais de perto se prende. Lá encontramos, do abrir ao fechar desse livro inconfundível, iterativa, como uma constante, ora como simples

imagem, ora real, êsse o mais delicado simbolismo do amor, da íntima fusão dos sêres — o beijo. Vamos aos exemplos, que comprovam:

E como que lembrando a curva infinda
do velho oceano azul, *beija-te* ainda
o mar dos Xaraés, o mar dormente.
(Geognose)

....Calmo o rio se ilumina
mais do que o Cidno ao *beijo* da argentina
galera real....
(Rio acima)

cantando a bancarola
infinita dos *beijos* e da paz.

eu te saúdo ao *ósculo* fugaz
(A cidade verde)

Foi a primeira que a onda paraguaia
beijou neste áureo tálamo de Flora.
(Cáceres)

E tu, no vale, ao *beijo* cascadeante
dos teus dois ribeirões....
(Diamantino)

Palpitação do rio a *beijar-te*, incessante....
(Porto Murtinho)

Do altivo *beijo* infrene dos pampeiros
(Ponta Porã)

....cujos louros
beijaste nos mais epicos revezes
(Nioaque)

Ao *beijo* de uma tarde rosicler.
(Rio das Mortes)

viu-a sorrir do sol ao *beijo* louro
(Aquidauana)

de que aos *beijos* do sol tu te corôas
(Tres Lagôas)

e a minha terra, que *beijando* lavas
(Rio Madeira)

e as ondas *beijam* os destroços vagos
(Rio Araguaia)

palpitam *beijos* nos lares
(Princesa do Paraguai)

ao *beijo* rosicler das madrugadas
(Lufada)

ou *beijo* que as fulvas uieras dos rios
atiram ao sol.

e a *beija* e se vai e a bonina uns instantes
palpita e sorri.

(A flôr do aguapé)

.....e sonho a minha terra,
tão virginal, ao sol, que a *beija* e doura

(Á beira do Lemano)

vibrava em *beijos*, festas e canções

(Melo, o Bravo)

os *beijos* do Senhor à guisa de faról.

(Bispo missionário)

Beijam a praia de Araritaguaba

Partem. Ha *beijos* pelo azul sonoro....

(A monção)

para o primeiro *beijo* ao teu Jesus

(Boquadi)

beijando a avenca e a samambaia bruta

ao *beijar* tua boca aspirei nesse dia
a fragrancia lirial do pão da Eucaristia!

beija-a, como se *beija* uma santa e se afasta

Aleluia! já a terra arfava ao *beijo* louro do sol...

(A flôr da aleluia)

onde se *beijam* a justiça e o amor.

(Têmis e a Cruz)

A par dessa, outras imagens líricas acodem, a cada passo, nos versos do Poeta de *Odes*, da *Terra Natal* e do *Nova et vetera*: assim as expressões, tão do seu gosto, idílio, epitalâmio, noivado, que iremos achar frequentemente nas poesias de D. Aquino. No «Veu de noiva»,

«quis Deus perpetuar ó minha terra,
a festa virginal do teu *noivado*!

«Herculanea» é
a *noiva* sem rival do Taquari»

«Bela Vista» assim termina:
no *noivado* imortal do heroismo e da glória».

Nem o conceito pagão da *orgia*, deixa de aparecer, posto transfigurado, nestes passos do *Terra Natal*:

nessa *orgia* de luz em que delira
(Serra azul)

numa *orgia* de vida
(Lufada)

naquela *orgia* báquica de flores
(Á beira do Lemano)

Parece bastante o que ai fica para deixar patente a profunda impregnação romântica, que nem a austeridade da sotaina e, mais tarde, o principado da Igreja a que se alcançou, conseguiu calar ou amortecer, no seu espirito.

4) Outra faceta romantica: o sentimentalismo

Si, na fôrma, se acentua, ao vivo, a linhagem romântica — lírica, indianista ou condoreira — mais se manifesta êsse incoercível influxo, si atentarmos ao espirito, ao conteúdo poético, sobretudo ao sentimentalismo, a nota dominante do estro aquiniano.

Não é, por certo, o sentimentalismo piegas dos versadores que comprometeram a linha nobre do romantismo, pueris mulherengos, a cantar «tranças» e «madeixas» e a se embasbacar diante de amavios equivococ, dominados não pelo sentimento mas pelos sentidos, num pansexualismo digno das paginas impressivas de Freud.

É, sim, o puro, e alto sentimento que forma a essência, a substância da tradição romântica, que vive nos poemas imorredouros dos Mestres da escola, nos grandes epígonos Lamartine, Vigny, Chateaubriand e Victor Hugo — que diviniza as sêres humanos, alçando-os — homens ou mulheres — à condição de seres superiores, aureolados pelo sublime fulgor que a vera Poesia sabe emprestar. É esse sentimentalismo, no sentido, que enforma e dá significado à Poesia, e não a vasia e oca sentimentalite dos pas-cácios rimadores que pensam endeusar a mulher e as outras coisas belas da vida e al não fazem que as deprimir, rebaixar e degradar. Do sadio sentimentalismo da poesia do Arcebispo vamos achar exemplos frisantes, folheando, a esmo, as suas obras poéticas, bastando pôr de manifesto os poemas em que, com uma insistência característica, êle canta a saudade, o mais sublimado dos sentimentos humanos, por sêr uma pura emoção desmaterializada, um feno-

meno puramente espiritual, que nos faz gosar a Beleza retrospectivamente e em fôrma subjetiva. Aí estão para ilustrar o asserto, sem precisarmos ir além do «Terra Natal» —

«A monção» em que no Tietê,

«a barcarola das saudades erra»;

«Casa-de-telha» na qual interroga

«os eccs do passado»;

«Erva de tapera», onde confessa amar

essas melancólicas ruínas,

onde o fantasma das saudades erra».

«A viola»

«Sentimental como a alma do matuto,

alma que é como a flôr-da-paixão, flor de luto,

melancolica flôr, que até sorrindo, é triste!»

e aquêlo delicioso poema, obra-prima do sentimento, «Tapêra», em que se lê esta confissão sincera e profundamente melancólica:

«Tudo assim sobre a terra volver ha-de

em taperas, ruínas e saudade»

Si descreve, numa bela sequência, as cidades matogrossenses, os seus rios, as suas tradições e as suas paisagens, vemo-lo deter-se, carinhosamente, em «A morta Capital», a dormir.

«em mausoléu de ruínas informes»;

em «Cáceres» cujo rio é

«como um fragmento de poema antigo»;

em «Miranda», ao pé das águas que da serra,

«descem cantando a nênia de Dourados»;

em «Diamantino» cujo ribeirão murmura

«as velhas lendas do ouro e do diamante»;

em «Rosário-Oéste», cujos picos

«relembra tradições mais raras que os velhos monumentos de Lucsor»; em Sant'Ana da Paranaíba»

«onde a triste Inocência ainda aos ventos suspira:

— como cêdo murcha a flôr das laranjeiras!»

em «Herculânea», cujo velho rio

«canta a gesta

de tanta gloria que passou por ti!»;

e em «Livrameto» cujo

«passado em flôr longe se esfuma»...

Vamos folheando êsse livro de rara veracidade e veremos, aqui, ali, a nota sentimentalista, predominante, como o motivo dileto em «O Cerrado», «A flôr do aguapé», «Papilio Innocentia», «Figueira do adeus», «Fogo apagou», «Buriti solteiro» e passim.

5) A cuiabanidade

Nota de vivo regionalismo, dêsse típico e sadio localismo, que inspirou os «Poetes du Terroir», da formosa coletânea de Ad. Van Bever, é aquilo que chamaremos a «cuiabanidade», dos versos de D. Aquino.

Os mais universais dos escritores, sofreram essa poderosa influência que, num ângulo estreito, se convencionou chamar «báirrisimo», ou «chauvinismo» — conceitos pejorativos que não diminuem, antes exaltam o mais terno, suave e natural dos sentimentos, o patriotismo, a revelar-se de forma acendrada e mais precisa no amor à terra do nascimento, ao seu fogo, à sua casa, á sua família.

É da introdução àquela formosa antologia francesa este conceito incisivo e exato: «É de fato incontestável que todo gênio creador deve mais à terra do que até agora se supôs. Deve-lhe o melhor da sua inspiração e essa parte de originalidade que o torna internacional». E repete o pensamento feliz de Maurice Barrez de que nós somos o prolongamento dos nossos mortos. Na obra do Arcebispo de Cuiabá, vamos encontrar, viva, flagrante, fremente essa cuiabanidade que vinca toda sua vasta e poliforma produção literária, mas que avulta e se projeta ainda mais nas obras poéticas, no vivo do pitórico inconfundível, como na profundidade e amplitude sentimental. Desde o começo ver-se-á como a sua Cuiabá vive e palpita em a maior e melhor parte dos seus versos — já no primeiro livro *Odes*, publicado em 1917, lá está a famosa A Capital verde, a pag. 80 do volume I, escrita em Roma aos 24 anos — 1909 — poesia em que faz à sua cidade uma declaração de amor, veemente e calorosa, colocando-a acima de tudo o que tinha visto e conhecido, e que é a primeira manifestação em ordem cronológica, desse «apassionato» ritmo que daí por diante veremos erigir-se na maviosa e afetiva «constante» do seu estro.

É através do *Terra Natal*, porém que mais se sente a imensa, irresistível sedução que a gleba onde nascera, exerceu, quasi obsessivamente, Circe mágica, sobre a alma do Arcebispo-poeta. A par do amor a Maria, a sua *Musa celeste*, o amor à sua cidade bem querida, a musa terrestre dos seus sonhos, representa êsse maravilhoso transfert, pela sublimação poética, dos profanos amores, que a lei moral e os vótos religiosos lhe vedaram. Folheái o volume encantador e encontrareis, a cada passo, a florar,

até nos títulos, o motivo inspirador: aqui vereis o *Madrugadas cuiabanas* que assim começa, num ditirambo ardente:

«*Que linda a madrugada em minha terra*» e, logo depois, a *Laranjeira cuiabana* que

«*enche os céus de perfumes a flux*»,

e lhe propicia, num suave simbolismo, esta admirável após-trofe lírica:

«*Terra do berço, terra evocativa e linda,
em ti o coração, como o fruto dourado,
remoça-nos também de esperança e de amor*

e mais adiante é *O boi cuiabano*, em que, num boi de carro, vai descobrir, ainda, a viva «querência» a nostalgia que faz que

«num mugido

*de saudade do campo, onde nascera,
o grande boi heroicamente morre!*

O livro, todo êle, é o poema cuiabano, e nas 3 partes em que se divide, *A Natureza, Os homens e as tradições*, perpassa, perêne, o sentimento de cuiabanidade. Vêmo-lo e sentimo-lo nos poemas iniciais do *Rio Coripó*, do *Ninho em flôr*, d' «*O cerrado*», da «*Lufada*»; na *Canção do Paiaguá*, na evocação das suas grandes figuras históricas, de *Moreira Cabral* ao *Bispo Missionario*; no *Paládio da minha terra*, no *Brasão extinto*, na *Casa-de-telha* e no *Primeiro natal*, no «*Figueira do adeus*» e na «*Chuva dos cajús*», n' «*O guaraná*», n' «*A flôr d'aleluia*», no «*Sinos*» — enfim no livro inteiro, impregnado do cuiabanismo, que, afinal, enche, povôa e anima toda a obra do admirável aêdo da sua gleba.

Constante, quasi obsidente, reponta, a cada passo, a idéa da terra, quasi sempre antecedida do possessivo integrante — *minha* — «*minha terra*», a repetir-se, como um estribilho ou uma litania, nos versos de D. Aquino. Tome-mos, ao léo, o seu livro maior o *Terra Natal*, e veremos, reiteradamente, aquela invocação apaixonada do Cantor à sua grande Musa inspiratriz. Basta citarmos:

Terra noiva do sol, linda terra

(Canção matogrossense)

Quis Deus perpetuar ó *minha terra*,
a festa virginal do teu noivado!

(Vêu de noiva)

das cidades gentis da *minha terra*!

(Tres Lagôas)

no antigo mar azul de *minha terra!*
(A gruta de Coimbra)

Nas taperas em flôr da *minha terra!*
(Erva de tapera)

Ó flôr dos pantanáis da *minha verde terra!*
(Vitória-régia)

à conquista imortal da *minha terra!*
(Bandeirantes)

capitães generais da *minha terra!*
(Luis de Albuquerque)

para o Eldorado em flôr da *minha terra!*
(A monção)

É a figueira do adeus a esta *terra* que adoro
(Figueira do adeus)

Tu és, ó *minha terra* a princesa perdida
(Novo hipogrifo)

Sinos! da *minha terra!*
(Sinos)

Para notado que, no seu amor incomensuravel e incansável à *sua* terra, não se lhe dava de, indo de arrepio aos rigidos principios que estabelecem só a Deus ser devido o culto de *dulia*, declarar que adorava a sua terra (cita acima — em *Figueira do adeus*), como de Sant' Ana do Paranaíba dissera sua terra «que namoro». Aliás, tambem em *Caveira idolatrada* (ode, republicado em *Nova et Vetera*) emprega — força de expressão, excusavel pela intensidade do sentimento — termo que se não condiz com o anátema que a Igreja atira aos que cultuam os idolos.

Foi sempre assim, como um trovador ou menestrel da sua terra, o Poeta cuiabano. E si é verdade que o patriotismo eleva e engrandece, — sentimento que não faltou a D. Aquino — não é menor, no seu alcance mais limitado, êsse amor à terra do nascimento, à pequena — patria, o qual, por mais objetivo e realista, se prende às formas da paisagem às tradições encantadoras do logar, entre todos querido, em que se confina a vida e no qual se aspira termina-la.

6) A técnica do Verso

Cedo revelou-se o jovem Aquino Corrêa conhecedor e cultor exímio das regras da Poética, e já, aos 14 anos, em 1899, a sua inspiração fluia, na fórmula clássica do soneto, gênero literário tido como dos mais difíceis, tanto que Boileau o considerava, quando perfeito, um verdadeiro

poêma. Lá estão, no *Musa em botão* (Odes II Rapsódias) os seus rebentos do estro precoce, e entre êles, *O mês de Maria* e *Na Capela da Virgem*, ambos revelando, no neófito da arte do versejar, a mais completa técnica do soneto, com as rimas obrigatórias nos dois quartetos, alternadas ou entrosadas, e no primeiro — *O Mês de Maria* duas rimas apenas nos tercetos. O principiante já se estreava com mão de mestre, lavrando versos dos tidos por mais árdus, tanto que os românticos quasi os deixavam de parte.

Poder-se-lhe ia arguir, não fôra demasiado rigor, em se tratando de primícias verdoengas, certa probreza de rimas, a homofonia no primeiro — *era, ermo e ela* e no segundo — *iã, ina e ino*, falha que vamos encontrar em poemas da maturidade de grandes versificadores.

Em 1901 — com 16 anos — traduzia, de Virgilio, o belo diálogo de Títilo e Melibeu, em tercetos, com o metro classico do decassilabo. Resvala a rima, às vezes em licenças poéticas, como *airoso* e *góso* (3.^o terceto), *agora* e *encantadora* (10.^o e 11.^o), *branqueia* e *galatêa* (16.^o 17.^o), o que facil se explica em começante da arte. Ainda nisso o cunho acentuadamente romântico do seu estro, sabido que essa escola, dominante, no Brasil, até os fins do seculo XIX, e entre nós, ainda nesta centuria — pois custavam a chegar-nos as inovações literárias — se caracterizava por um certo descuido da fórmula, sobrepujando a tudo o sentimento de sinceridade na arte, como na vida. Um parnasiano severo e inflexível, dêsses que bitolam estrofes, como o arquiteto as esquadrias e alisares, increpará, na obra do Arcebispo — poeta, falhas canônicas, que, para ser justo e verdadeiro, devemos apontar, na certeza de que menos lhe afeiam os trabalhos, do que realçam, pelo contraste, a beleza do conjunto harmonioso.

Tais são, começando pelo trovar, — em que se mostrou menos exigente, a ponto de jamais adotar as rimas ricas, em que se celebrizaram Emilio de Meneses, Alphonse de Guimarães e Augusto dos Anjos — aquêlê passo de *Caveira idolatrada*, em que rima *tambem* e *mãe*, só aceitavel nos portugueses, pela sua pronúncia peculiar; e, mesmo no seu livro definitivo; *Terra Natal*, 4.^a edição *ne varietur*, vemos *aurora* e *protetora* (Primeira Missa) *foge* e *hoje, dizer* e *rosiclér* (Rio das Mortes), *voltas* e *revôltas* (Flor do aguapé), *secretas* e *historietas* (o guaraná), e *em-bora* e *redentora* (Madalena).

A métrica, em que se mostra mais cauteloso, também deixa ver ligeiros senões, como: das *Geórgicas*, ao sol da minha terra

(Mimoso)

em que se força a pronúncia de *Geórgicas*, para trissilábica, afim de acomodá-la no decassilabo e até a *alta* Supupira onde afla a brisa a reviver da história o outro período inteiro

(A flôr de aleluia).

Ha, ainda, e devemos apontar, já que estamos fazendo um ensaio concienzoso e não panegírico, na obra do Poeta do *Terra Natal*, cacofonias, como aquêlê verde aba (diaba) de *A monção* e emprego de vocábulos forçados para atender à rimagem, tal aquêlê *aduares*, em *Bispo missionário*, pequenos lapsos que escaparam à lima do cinzelador de tantos e tão lindos poemas.

Cultuou D. Aquino, com requintado bom gosto e altíssimo labor, todos os gêneros poéticos, desde o clássico, nos sonetos de metro camoneano e nos versos brancos impecáveis, até o alexandrino, em que foi mestre, — vejam-se *A morta Capital*, *Poconé*, *Sant' Ana do Paranaíba* e êsse formoso *O Cavaleiro da gravata branca*, teatralizado, em que ha dodecassilabos perfeitos, uns com o hemístiquio, outros ternários. Vemos, nas suas poesias, praticar, com maestria inegualável, os mais diversos metros, as redondilhas maior e menor; os mimosos versos quadrisilábicos, como em *Canção do paiaguá* e *Os salesianos*; os versos de métrica alternada, tão do gosto de Hugo e Lamartine, Castro Alves e Varela, como *O Lázaro*, *A inocência*, *A agonia de Coppé* e outros; as parelhas, muito da sua dilação — *A flôr da aleluia*, *A virgem da Guanabarra*, e aquela expressiva *Carta epitalâmica*, a um amigo que convolava ao toro nupcial, trabalho admirável, de rara inspiração lírica, que se enquadra no gênio dos poetas moralistas franceses dos séculos XVII e XVIII. O seu gosto pelas parelhas, manifestado na última produção sua publicada na Revista da nossa Academia, o já referido *O Cavaleiro da gravata branca*, que encantou a Cláudio de Souza, revelou-se na predição pelo poema de Gonçalves Crespo — *O minuete*, que sabia de côr e gostava de referir e declamar.

Nos versos brancos foi emérito, bastando citar, como padrão aquêlê *Padre-Velho*, que nada fica a dever a Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias.

Até o acróstico, hoje em desuso, aparece varias vezes na messe poética de D. Aquino, como na *Saudação dos alunos, Sonnet acrostique* (Odes, II) em francês, como o foram, muitas outras, em latim, cuja versificatória lhe era familiar e em italiano (ver Diversões, Odes II). E como usou os idiomas estranhos, tambem traduziu e verteu, com rara habilidade, do latim e das néo-latinas, bem como do inglês, as poesias reunidas em *Musa em ócios*, versões (Ode, II). Compôs numerosos hinos e canções, versos de encomenda ou solicitados, para festas intimas ou albuns, nada sabendo negar a sua bondade. Do seu fino gôsto artistico dá prova o cotejo, que se torna fácil, através das quatro tiragens do *Terra Natal*, das poésias sempre modificadas para melhor, na sua ânsia da perfeição e no seu amor entranhado ao vernáculo, de que foi um eterno apaixonado, ensinando e inculcando aos moços, o dever de cultivar e aprimorar as louçanias do estilo. Trabalhando, anos a fio, com D. Aquino, n'«A Cruz», pude ver, o seu meticuloso amor à forma escoreita, que, uma ou outra vez, se tinge de leve tom de elegante arcaísmo, bebido nas leituras de Vieira e Bernardes. Era o «Terror dos tipógrafos» a sua revisão em que, sempre, alterava e, às veses, refundia os trabalhos, para melhorar a forma, no seu desejo constante de perseguir e alcançar o ótimo.

7) Poesia, estêma e labeu

(Conclusão)

Poesia, estêma glóriofo que transforma o pobre ser humano, solicitado e impellido pelas miserias contingências dos apetites terrenos ou pelos cúpidos instintos da matéria, em um sublime portador do facho d'ívino, traduzindo as mensagens do alto, intermediário entre o Céu e a Terra, embaixador dos Numes invisíveis, inspirado da raça dos Homeros e Shakspeares, dos Isaias e Davís, dos Dantes e Hugos dos Campoamor e Rostand, dos Milton e Goethes, toda essa legião de homens — semidivinizados, que aos seus semelhantes trouxeram a flama sobrenatural, que acende clarões nas trevas do viver e aquece as almas com o calor da verdade e a luz da Beleza! Poesia, que para os mediocres materialões e grosseiros, que vivem exclusivamente da carne e do dinheiro, tudo vendo pelo prisma primário de sua tósca mentalidade, é um labeu e uma diminuição, pois êsses infelizes não podem alcançar, na sua «impotência estética», de que falava Raul Pompéia — grande Poeta em prosa — que se viva de ideal, que se nutra de outro pão que não o pão — mixto da realidade, que se distraia o tem-

po e o labor em coisas que se não convertem na vil almoe-da que lhes fornece, a turpida razão de existir! A um des-ses que tais, acudiu, certa feita, referindo-se ao Poeta-Arcebispo, num conceito de pigmeu diante de Buonarroti, que «administrar não é fazer versos bonitos...» Para indi-viduos assim, metalizados, azinhavrados até a consciência, na sua opacidade mental e negatividade artistica, o véu mi-sericordioso da nossa piedade ou as farpas finas e penetran-tes da nossa ironia...

D. Aquino era e foi substancial e visceralmente Poeta, e isso em nada prejudicou, antes realçou, a sua grande obra de Príncipe da Igreja, de estadista, de orador e de homem privilegiado. Como êle fazia os seus versos, con-tou-mo, quantas veses, no disreterear das nossas conversas intimas, no seu velho Seminário, ou nas pitorescas excur-sões que juntos fizemos pela serra ou pela Beira-rio. An-dando — era um peripatético e gostava de produzir em mo-vimento, fosse no da sua cadeira de balanço — ou mesmo a cavalo, de automovel ou avião, D. Aquino compunha, mentalmente, os seus poemas, e quando os escrevia, era apenas, lançar o que já estava feito e lhe saia da mente como Minerva da cabeça de Jove.

Um dos mais interessantes estudos sobre D. Aquino, publicados após a sua partida para a viagem de que se não regressa foi o de Floriano de Lemos, no *Correio da Manhã* de 8—4 deste ano. Nêsse artigo, escrito com muito senti-mento e acuidade de observação psicológica, frisa o autor de *O Bem*, uma circunstância de mim conhecida, mas que nunca divulguei, qual a de haver D. Aquino entrado para o noviciado, de cuja modesta crisálida sairia o imortal Prelado, por desejo manifesto do seu venerando Pai, que já tinha duas filhas religiosas. Sei que atuou muito no espertar-lhe a vocação o P. Helvécio, hoje Arcebispo de Mariana, de quem o Chiquinho — moço de salão, amigo de festas e da vida mundana — recebeu forte influência es-piritual, a que também, quando aluno dos salesianos, não fui estranho.

Conclui, com acerto, Floriano de Lemos, que «honesto e resignado, com uma consciência naturalmente religiosa, veio a ser um Pastor de almas completo». Não me animo a afirmar que lhe não fosse «vocação» a vida religiosa, pelo simples fato de não lhe haver abrolhado êsse ideal aos primeiros anos da adolescência, mas sómente aos 17 anos. Lembremo-nos de Fernandinho — Fernando Corrêa de La-

cerda — seu afim pelo sangue: era também Gaudie Ley como D. Aquino, pelo linhagem materna — que morreu como seminarista de Olivais em cheiro de santidade, e teve, entretanto, seus dias de sedução terrena, «no remoinho da vida mundana», qual no-lo conta, em sua linda biografia, recém-aparecida em Lisbôa, o padre Thomás de Aquino Miranda.

Isso em nada leva a sub-estimar as virtudes acrisoladas dos dois descendentes do Capitão-mor André Gaudie Ley. Quero, porém, deixar patente que a vocação — no seu sentido quasi místico, de apêlo, chamada misteriosa do alto — do Arcebispo D. Aquino, foi a Poesia, que lhe madrugou n' alma, antes de qualquer outra, que êle sentiu, como Paulo, na estrada, de Damasco e Pedro, ao tentar sair de Roma, Poesia que êle, na alma disciplinada e cheio de equilibrio, subordinou à Religião, fazendo dela essoutro cajado do seu pastoreio de almas . . Poeta êle o foi mais do que qualquer outra coisa. Na Poesia achou o sentido da sua vida, o *transfert* admiravel que lhe permitiu realizar o seu maravilhoso destino. Pela poesia viveu e dela extraiu os motivos de Patriotismo exaltado e da Crença sincera, que fazem o maior encanto da sua obra literaria.

Até escrevendo em prosa, nos discursos e pastorais, nos sermões e conferências, proferidos nas grandes Cate-drais ou nas rusticas ermidas dos vilarejos, nos Jockey-clubes faustosos ou nos arraiais perdidos entre os pantanais e as serras, êle fazia Poesia, verdadeiros poemas em prosa, como o são *A serra da Chapada*, no elógio do seu patrono, P. José Manoel de Siqueira, *A Beleza da matéria*, n' «*O Belo nas letras*», o magistral discurso com que instalou o *Centro*, hoje Academia Mato-Grossense de Letras, *A velha bandeira de Mariana* e tantas outras paginas de poesia oratória. Como o grande Alberto Rangel, que em seu «Lume e cinza», escreveu, em prosa, magnificos poemas evocativos, D. Aquino, Poeta acima de tudo, Poeta cem por cento, nos herdou, na sua polimorfa obra imperecível, o seu verdadeiro e autêntico testamento, de que vamos ter ainda o mimoso codicilo, nas encantadoras *Petalas do Evangelho*, que serão a sua primeira obra póstuma, ainda de Poesia sem metro.

Esse o seu maior titulo de glória, o legado primoroso do seu espirito de escol, e mais do que do espirito, do seu grande e generoso Coração!

ORAÇÃO EM NOME DO «GRÊMIO FEMININO JÚLIA LOPES»

Guilhermina de Figueiredo

«Ne attrectans vulnus pectoris tui, quod tempore
et ratione curatum est, commemoratione exulcerem».

«Depois que o tempo e a razão têm já curado as feridas, temo que, será renovar a dor, trazê-las do silêncio à memória». — S. Jerônimo a Pamáchio.

Temo eu trazer aqui, nest' hora, com as minhas palavras, a lembrança lutuosa e mesta dos dias atrás vividos, quando tôda a Cuiabá, chorava, enternecida, nas angústias lacrimosas da saùdade; sentimento torturante, sentimento em que a alma se debate, se deprime; mas também se sublima quando é ela dulcificada e embelecida nos prodígios da fé, no milagre da esperança, na imortalidade do amor.

É o que se dá quando a morte não traz o desaparecimento total; não traz o vazio do materialismo árido e sêco; não traz a dura e pesada realidade de um coração que, por ter deixado de pulsar, tenha deixado de viver, de amar, de realizar.

Não; há criaturas a quem, nem mesmo a morte é capaz de fazer desaparecer de todo, na memória e na lembrança dos que ficam, tal a intensidade e o valor da vida que souberam viver: vida palpitante e imortal, nos exemplos inapágaveis de fé, de trabalho, de lutas, conquistas e vitórias.

É a vida que não termina, que não se aniquila, que não se destrói; vida do espírito, que é amor, que é realização, que é heroísmo. Vida de renúncia à carne e ao mundo; renúncia ao egoísmo e às fraquezas; renúncia ao que é efemeridade, ao que é pragmatismo, ao que é mentira.

Vida que é sol; vida que é luz; vida que é grandiosidade!

Vida que é um milagre perene, a librar-se majestoso e cintilante, na radiosidade deslumbradora do exemplo, das virtudes, do valor moral e cultural, da paz e da beleza espiritual; vida tôda ela consagrada ao bem, ao belo e à verdade!

Tal é o vivo que hoje buscamos entre os mortos, na homenagem saúdosa e afetiva, ao perfume dessa ternura que nos invade a alma, quando a erguemos para tudo que é nobre, tudo que é puro, tudo que é caro ao coração e ao espírito.

E, com o Padre Vieira, repitamos aquela profunda e filosófica exaltação:

«Ó Arcebispo, ainda depois da morte, prodigioso; que, quando vos busco morto, sempre me apareceis vivo!»

Assim é o nosso querido morto que ainda encontramos entre os vivos; pois, D. Aquino vive ainda e viverá «in æternum», na evangelização douta e santa da sua oratória magistral e impecável, onde sempre imperou a fé, tocha ardente e viva, a iluminar e aclarar espíritos, almas, corações. Viverá sempre na beleza e na maviosidade de seus versos cristalinos, jóias de fino trabalho artístico: ora fervorosos e místicos nas maravilhas da fé, e nos encantos da Religião; ora vibrantes de um patriotismo sadio e puro; ora meigos e suaves, modulados na lira do afeto, da sensibilidade, do carinho.

Alma: estudante na fé; — coração: grande no amor; — espírito: cintilante no saber.

D. Aquino Arcebispo — Quem desconhece a passagem simbólica e magnífica de Frei Luís de Sousa, ao narrar a vida de D. Bartolomeu dos Mártires, quando assim se expressa:

«E êste esfarrapadinho inocente ensina a Frei Bartolomeu a ser Arcebispo! Êste me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o céu!»

Em nossa Igreja, Templo de fé e de amor, também nós, vimos a renovação dêsse quadro pinturesco e real, na pessoa augusta e venerável do nosso caríssimo Arcebispo; o pastor devotado, o Bom Pastor que se sacrifica, que renuncia, que ama, goza e sofre com as suas ovelhas, «por mais tempestades que fulmine o céu».

Imitador autêntico de D. Bartolomeu dos Mártires, soube êle viver a vida modelar do Arcebispo: santa e abnegada, só por Deus e pelas almas; por Êsse Mesmo Deus,

Enlêvo de seus poemas, nas estrofes cantantes e rítmicas; por essas mesmas almas a quem se dedicou, alcançando e realizando o supremo ideal dos ideais, que bem se pode assim traduzir:

«*Ó Deus, dai-me almas para levá-las a Vós!*»

D. Aquino Orador — Agraciado com aquele estilo magnífico, terso e elegante; estilo que bem se compara à música das músicas; — tal o ritmo melodioso, a beleza dos trôpos, a pureza da forma, a vernaculidade da língua; tudo isso numa nuance de côres e luzes, numa tonalidade perfeita, clássica, eloquente, brilhante.

D. Aquino Poeta — Brisa suave a acariciar e a embalar, docemente, a nossa sensibilidade; água murmurante a rolar por entre seixos, num sussurro melodioso e terno; canto de pássaro a chilrar e a pipilar: ora gaio e festivo, em odes e poemas; ora choroso e plangente, em nêias e elegias.

Que de harmonia, que de espontaneidade, que de lirismo, quando, salmodiando êle a sua «*Cidade Verde*», sonhando, alma em joelhos, cantava a barcarola sem fim, dos beijos e da paz:

«*Salve, Cidade Verde! a ti, meu berço,
Melhor do que o universo,
Eu te saúdo ao ósculo fugaz
Do Rio Verdenegro, que te esfrola,
Cantando a barcarola,
Infinita dos beijos e da paz!*»

E, voltando a Cuiabá dos seus amores; Cuiabá — a muas dos seus versos—esquecendo os encantos e a opulência das belas metrópoles da velha Europa; sentindo apenas o deleite e a ventura de rever a terra do seu berço; êle, com a alma em flores e o coração em festas, num só êxtase de amor, decantava assim, a primavera do seu ninho em flor:

«*E me esqueci de tudo que admirara,
Nos mais formosos parques de alem-mar:
Tão mimosa que achei, tão bela e rara,
Qualquer flor do teu campo, a mais vulgar!*

*Quando voltei após tão longas viagens,
A minha terra estava tôda em flor;
Eram flores dos céspedes selvagens,
Eram as flores do mais puro amor».*

Mocidade da minha terra: para vós sempre foram os mais puros e belos pensamentos do nosso querido Arce-

bispo, o divo poeta; para vós, o vate cantor dedicou as primícias da sua vida, e, para vós ainda, o crepúsculo sombrio de uma existência, tôda ela inspirada e vivida nos Amores Divinos, numa lição contínua e sábia aos jovens de sua pátria, sentindo com êles o pulsar dos corações, sedentos de amor, sedentos de luz, sedentos de fé.

Quando há 3 decênios, esta Academia despertava, implume ainda, no limar da vida; numa mesma noite esplendorosa e cívica, em que à poesia de um luar argênteo, se aliava o lirismo romântico das almas de escol, — D. Aquino, na sua oração inaugural, com o sorriso a reflorir-lhe nos lábios, assim falou aos moços: — «Façamos a literatura da esperança; confiemos em Deus, na Pátria e no futuro, nas grandes verdades que não passam.

E, pois, que a mocidade é a mais bela encarnação da esperança, façamos uma literatura que a eduque e eleve; façamos uma literatura que professe a bela divisa de um dos nossos homens de letras: «ædificabo». E, pouco tempo faz, ainda aos moços, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, em meio aos encantos da formosa Guanabara, deixou-nos aquela mensagem Eucarística; mensagem que é música, mensagem que é perfume, mensagem-estema que a fé, de mãos dadas com a arte, teceu; — para glória e orgulho dos brasileiros e dos cristãos, da Terra de Santa-Cruz; da nossa Pindorama em flor.

«A Hótia Santa: aí tendes, ó jovens, o sol da vossa florente juventude. Mocidade sem Eucaristia é flor a que falta o sol. Se a Eucaristia é um absurdo, amai loucamente tão Divino Absurdo! A Eucaristia é tudo; o resto é nada!».

Ó moços de minha terra: cada um de vós entronize, em seu coração, um monumento de glória e de sublimidade ao Pastor e Poeta: pai, mestre, conselheiro e amigo: seja êsse monumento, não de bronze, não de ouro, não de mármore. Pois como já o disse Rui Barbosa: «o bronze é duro, o mármore é frio, o ouro pomposo». Erguei-o, sim, todo êle esculpido e modelado no cinzel do afeto, bafejado ao sôpro mágico da fé e da esperança, na significação expressiva e real dessas duas festividades, onde, sòmente a vós, se dirigiu êle: para que vivais a vida do espirito; para que sintais a beleza e o valor da moral cristã; para que leveis, lá fora, onde ruge, bravo, o vendavel do materialismo pagão, — a aura benéfica da pureza, da bondade, da cultura; entrelaçadas sejam elas e unidas, num só lema, nobre e edificante, iluminado pelo Sol Radioso da Eucaristia, e aformoseado pela estrêla bemdita da Esperança.

E Maria, a Virgem das virgens, a quem Anchieta chamou: «Ó Ave Sagrada de eterna harmonia», a Virgem de Maic; — mês das campânulas, dos sinos e dos cânticos; mês das mães, dos amores, e do mais puros afetos; mês que traz consigo poesia e beleza, encanto e misticismo; — seja Maria a inspiradora a lembrar-vos, dia por dia, o dístico simbólico que alindará a vossa vida: «Fé e Esperança».

E com o poeta soberano, o nosso querido D. Aquino, em quem a Virgem encontrou o mais terno, o mais eloquente, o mais filial dos filhos; seja a chave áurea desta oração, a melopéa calma e maviosa, a ciciar aos vossos ouvidos, êsse canto de luz, de promessas e de esperanças:

*«Deus te salve, formosa juventude,
Que aos fulgores da fé e da poesia,
Cantando o poema heróico da virtude,
Sorris ao sol da vida, que esfuzia;
E lançando na arena imensa e rude,
O estribilho do céu: «Ave Maria!»
Desfraldas, linda, como num encanto,
A fita azul do ideal mais puro e santo!»*

NA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

Virgílio Corrêa Filho

A Influência literária de D. Aquino Corrêa

Bem que D. Aquino Corrêa nobilitasse a primor a batina que o atraía, na pujança da juventude, para a milícia da Igreja, a ponto de conquistar, em janeiro de 1915, a dignidade episcopal, como o bispo mais moço da cristandade, na época, a sua vocação literária desenvolveu-se a par e a par com a religiosa.

A breve prazo, assumia a chefia espiritual do Arcebispado de Cuiabá, mercê da sua piedade crescente, cujas ressonâncias atingiram o Vaticano. Inspirava-se nos exemplos de São Francisco de Sales, «mimosa virtude da mansidão», cujas boas letras lhe valeram, conferido por Pio XI, o «laurel glorioso de Patrono da Imprensa Católica», e de D. Bosco, antes até de ser canonizado. Deleitara-se, aos doze anos de idade, na leitura do seu livro — «O jovem instruído», do qual, ainda em vida do autor, atravessaram os prelos «122 edições de 50 mil exemplares cada uma». Das atividades do Arcebispo, que seguia à risca os virtuosos ensinamentos, dos seus dois maiores modelos, dirão os que mais de perto lhe acompanharam a piedosa trajetória e lhe poderão aquilatar, a ouro e fio, a excelsa beatitude. Aqui, terra a terra, apenas se esboçarão, pela rama, alguns aspectos do homem de letras, que as restrições episcopais não desviaram dos seus insospitáveis pendores literários.

Primeiros voejos

Preparava-se o jovem Chiquinho para os exames de madureza, que destemidamente arrostou, para triunfar com brilho, quando se lhe manifestou «uma verdadeira paixão pelo latim». Atravessava, então, a fase de auto-didatismo, por ter ultrapassado a série que lhe poderia ensinar o Liceu Salesiano.

Ao comemorar o jubileu de ouro da vida religiosa, relembriaria o sucesso, para indagar: «Como explicá-la? Certo não foi com o fim de abraçar a carreira eclesiástica, que me pus então a estudá-lo. Mui outra fora minha intenção, de todo em contacto directo com a poesia latina, especialmente nos poemas de Virgílio».

«De fato, prossegue em suas reminiscências, não sei como, rapazinho de 15 a 17 anos, que andara até então doudeando à flor de levianos e dulçorosos versos, tive coragem de ler, no original e na íntegra, livros como «Vida de Agrícola», de Tácito, e «Imitação de Cristo».

O triênio de 1900 a 1902 assinalou o «mais importante período de transição de minha vida», dedicado quasi exclusivamente ao estudo do latim, em «paupérrimo quarto de estudante, separado do resto da casa, em meio a vasto quintal, e à sombra de duas poéticas árvores, um cajazeiro e um tarumeiro, que por três primaveras, a cito, desabrocharam sobre êle o dossel perfumado de suas flôres alvas e roxas». «Aí foi, continuam as confidências, que sem conhecer nada de latinidade sem mestre nem método, num trabalho estafante de contínuas coltas à gramática e ao dicionário, vivi todos êsses anos fio a fio, lendo, escrevendo, traduzindo, decorando, preparando, enfim, inconscientemente, mas sob os auspícios da Providência, todo o futuro do 2.º Arcebispo de Cuiabá». Ainda que não ascendesse às dignidades eclesiásticas, avultou naquele ambiente propício, e com tais leituras, o enamorado das letras clássicas, em que se basearia a sua linguagem escorreita. Como ensaio do que empreenderia mais tarde, compôs hexâmetros latinos, cuja minuta registrou a data de 9 de Julho de 1901, em «retalho tosco e amarelido». Continha «ardente prece filial a Maria Santíssima, conforme verificou ao encontrá-lo, em meio de papéis velhos, mas no verso leu, também, os «primeiros tercetos, em decassílabos, de tradução da primeira égloga de Virgílio: «Titiro e Melibeu».

Êsse «papelucho de 16 por 11 centímetros, escrito a lápis, mas bem conservado», incorreu-lhe meio século depois em censura, pelos erros que não evitou. Pouco importa ao caso que tivesse o estreante cometido graves incidências, que seria o primeiro a denunciar, quando já ninguém lhe duvidava da segurança no versejar em ambas as línguas. O que releva acentuar é a aliança que desde a adolescência manteve entre o fervor da fé, e o amor à literatura, especialmente latina. Não se arreceava de freqüentar-lhe os mais conspícuos representantes, para entrar na intimi-

dade da vida pagã, conhecer-lhes a mitologia, de que se valeria oportunamente, os segredos da composição harmoniosa. Não obstante o convívio com as musas do paganismo, decidiu seguir a sua vocação religiosa. E indício de quanto lhe valeram os estudos, em que se tornara autodidata, na fase derradeira, o noviciado lhe confiou o encargo de ensinar latim aos colegas menos conhecedores das suas peculiaridades linguísticas.

Em Roma

A permanência na Cidade Eterna, para onde seguiu, a completar a sua formação, na Universidade Gregoriana, aguçou-lhe ainda mais o sentimento da latinidade, em que se aperfeiçoou, como recordaria em solene cerimônia inaugural do Centro Matogrossense de Letras, a 7 de Setembro de 1921. «Volta-se-me o espírito para os doces e estudiosos anos vividos em Roma, eterna escola do belo, onde tudo vibra musicalmente em sensações estéticas, desde a formosura divina dos seus Apolos, até os mármore modernos e veludosos de Canova, desde as criações vivas de Rafael até o misticismo dourado e vaporoso de Fra Angélico, desde as veneráveis e graves harmonias de Palestrina até as leves canções populares que revôam nas primeiras brisas da primavera, tudo, enfim, desde a solitária coluna das ruínas, recortando os seus acantos coríntios no céu azul das sete colinas, até a gloriosa e estupenda cúpola de Miguel Angelo, a pairar, como vasta corôa triunfal, sôbre tôda aquela belesa antiga, renascente ali sob as bênçãos muníficas do Papado». Em ambiente de tal modo propício, assimilou os ensinamentos de doutos mestres de teologia e filosofia, ao lado de 1.500 estudantes de tôdas as nacionalidades, cujos uniformes esvoaçavam», em gaia polícromia», ressaltando pitorescamente a roupeta escarlate dos acadêmicos alemães». Mas, ao mesmo tempo, aprimorou-se no conhecimento da latinidade, que se lhe tornou tão familiar como o uso do vernáculo, então reduzido a modestas proporções. Para não perder de todo o contato, muniu-se de escolhidas obras de escritores patrícios, que lhe fariam companhia no exílio voluntário. E afinando a sua lira, preparou-se para versejar à sombra das «Sete Colinas». Começou por uma Epístola, em tercetos, a Magalhães de Azeredo, que lá nobilitava a diplomacia brasileira. Ofereceu-lhe um exemplar da revista «Matogrosso»,

Pobre, mas inspirada nos eternos

Apótemas da fé e da verdade,

Ousa fitar, como ideais supernos:

Pregar ao argentário a caridade,
Exortar o burguês, instruir a plebe,
A todos restaurar na cristandade.

Pedia-lhe colaboração para o periódico do Colégio Salesiano, de Cuiabá, e em meio de lisongeiros louvores, dizia:

Poeta bem sabeis que em mil toadas,
Nos contam as serranas lá do Pindo,
Que do Anfriso nas bordas perfumadas,

O flavo Apolo, armentos conduzindo,
Soava o cálamo, e aos demais pastores,
Ensinar não negava o canto lindo,

Mas, deixando as reminiscências clássicas, escreveria ao conovicho Armindo, candidato à bemaventurança, a quem se afeioou desde logo, a ponto de traçar-lhe a biografia, em «Uma flôr do Clero Cuiabano». Em tom mais simples, indagaria:

Lembras-te, Armindo, das saudosas cenas
Dêsse ano que tão breve nos morreu?
Eis o jardim das níveas açucenas,
Que a tarde loira beija lá do céu

O assunto não comportaria referências mitológicas, por derivar somente de meditações embebidas de misticismo.

«Oh! como fascinava-nos aquela
Ordem que a vida religiosa traz,
Plácida ordem do amor, lúcida e bela,
Que é a justiça, a santidade e a paz».

Da mesma época derivou a «Carta em versos», dirigida aos primeiros bacharêis formados, em 1905, pelo Liceu Salesiano S. Gonçalo, bem como a poesia dedicada à memória de minha mãe, a que deu o título tétrico de «Caveira Idolatrada».

Há doze anos que aí a sepultaram...
Bem me lembro! Era em maio; me acordaram,
E ela era morta já.

Órfão, lamentaria,

Fugiu-me assim a meninice pura,
Sem beijos sem carícias, sem doçura,
Ó minha mãe, sem ti!

A adolescência, como em doidas valsas,
Arrebatou-me! De alegrias falsas
Fundo calix sorvi!

Não lhe seriam desconhecidas as tentações:

Rajada vespertina traz-me o harpejo,
E eu palpito, deliro, ardo, louquejo,
Desgarrado de mim!

Mas, ao contemplar as feições maternas, retomava a serenidade.

Vejo-te, ó mãe! Num arrebol celeste,
Aquela, cujo nome em vida houveste,
Rogas, meiga, por mim

Sim! pede por teu filho! É mau o mundo,
Simula beijos por morder mais fundo
Tem serpes no jardim.

Ambas essas poesias contêm elementos indicativos da individualidade, que se formava, longe de Cuiabá, mas sentimentalmente vinculado às suas influências. A inteligência, porém, embebia-se dos ensinamentos gregorianos e de boas letras; expressas na poesia «A Morte de Carducci».

«Ele passou ressuscitando glórias,
Antigas tradições, herois da história
E da legenda: foi um grande aedo
Da sua gente».

Cotejou com padrões clássicos: «As suas odes,

Na limpidez etérea da península,
Qual rugidos de espadas, retiniram,
Lembrando os carmes de Tirteu nos vales
Da Hélade em armas».

Mas, sentenciou: «tu não crêste», e por isso, a admiração apontou-lhe restrições:

Esta elegia entoei como uma prece,
Chorando a enorme perversão do poeta,
E ainda mais, a sua infausta herança,
De imortais versos

E enquanto o século derrama loiros,
Sobre a dissolução do vasto crânio.
Genuflexo, oro a Deus que se amerceie
Do gênio eterno.

Embevecido pela poesia carducciana, exprobase-lhe, todavia, a incredulidade, hostil à Igreja, a que se unia cada vez mais o estudante, como evidenciam várias composições contemporâneas, do tom de «*Ave Maria*», ouvindo Gounod.

Neste mundo, ou melhor, neste deserto,
Onde brotam, por certo,
Mas espinhos, que flôres, nos rosais;
Onde é feito de lágrimas e orvalho,
Que chora em cada galho,
E a brisa é um bando de suspiros e ais».

Como é doce aos ouvidos êste canto
Meigo, tranquilo e santo.
Que diz tão bem, a nossa dôr cruel,
Soluço feito música, ai do peito,
Em sorrisos desfeito,
Veneno acerbo transformado em mel!

De maneira análoga, o Hino Pontifício despertou-lhe, o estro, em saudação a Pio X, quando o viu, «*No Vaticano*». Essa e outras composições, que se tornaram conhecidas dos colegas da Gregoriana, movê-los-iam à escolha do livro, que decidiram oferecer-lhe, em regosijo pela sua primeira missa. Em vez de Missal, ou Breviário, ou de semelhante espécie, preferiram, porém, o volume, então no apogeu da fama — «*Les Trophées*», de Heredia, para assim premiarem, o vate, que a tonsura não emudecera, embora lhe vedasse os temas habituais dos trovadores, que os encantos femininos seduzem. Uma vez terminada a sua missão universitária, com a conquista dos diplomas doutorais, mister se fazia o regresso aos pagos natais. Então, disse «*Adeus a Roma*», comovido.

Cidade Eterna, ó deusa das cidades!
Ruínas solitárias, que sois hoje
Dos deuses os sombrios mausoléus!
Em cada uma de vós, deixai que arroje
A flor de um canto, o trovador que foge!
Ó Roma, adeus!»

Regresso ao Brasil

Assim se encerrou a fase romana, sem que lhe minguasse a inspiração. Ao contrário, a seguinte descerra-se com o hino «*A Virgem da Guanabara*», a que viria juntar-se «*O Meu Jesus*», de acentos místicos, «*Salve, Bandeira*», que lhe ditou o patriotismo. Serão os impulsos mais constantes, que lhe fariam vibrar as cordas da lira, ora em louvor da Pátria, ora para exaltar a Religião.

À primeira, dedicaria os versos da «*Terra Natal*», impressos em 1922 e reeditados em 1940, que evocam cenas, cenários e vultos, que a nobilitam. Para glorificação da

Igreja, enfeixou em volume *Nova et Vetera*, de 1947, as poesias de cunho religioso. Tanto em umas, quanto em outras, não se afastava dos padrões preferidos, como frisou nos conselhos da «*Arte Poética*».

«Se queres, poeta, que tua alma cante
Estuda, estuda a fundo, noite e dia,
O belo idioma límpido e cantante,
Para engastar a rima de diamante
No ouro velho da clássica harmonia

Deixa depois teu estro voar, sem tolas
Preocupações de mestres, nem escolas:
Fale-te o próprio Deus, no amplo universo!

Assim se expressava o ideal poético de D. Aquino Corrêa, que ainda reafirmaria o seu amor à boa linguagem em várias oportunidades que a tribuna lhe proporcionou.

O orador

Cedo cuidaria dos exercícios oratórios, a que o pre-dispunham, aliás, inatas qualidades tribúnicas. Bem apessoado, o porte varonil hominava a assistência, dispensando pedestal, mais semelhante a Nabuco, apolineo, do que a Ruy, de compleição franzina, de quem se tornaria fervoroso admirador. Gesticulação moderada, apenas a necessária para lhe sublinhar as afirmativas mais incisivas. A voz harmoniosa e clara, como se fôra ensaiada, realçava-lhe a eloquência, como sucede aos atores, que sabem valorizar os conceitos propagados por sua dicção. As feições de insinuante simpatia contribuíam para garantir o êxito de suas pregações. De anteriores alocuções, talvez não conservasse os originais. Mas a primeira, que enfeixaria em volume, aumentou-lhe a fama, por evidenciar características de peregrina eloquência. Começou por dizer que o surpreendera, em viagem de regresso à Pátria, cativante convite da sexta turma de bacharéis do Liceu Salesiano, que o elegeram seu paraninfo. Ao recebê-lo, «parecia-me que a terra do berço se me enflorara num paraíso, que o meu Estado requintara a magestade, que a alma da minha gente se expandisse em mais sorrisos, e os sorrisos em mais hospitalidade». Atendendo a tais apelos, «transbordava em minha alma o entusiasmo pela vida social da sua mocidade». Não lhe seria permitida a recusa. Ao contrário, teria ensejo de propagar ensinamentos, a propósito do «Noivado da Verdade», tema que preferiu, pois que a «instituição do paraninfado académico inculca a idéia etimológica e festiva de um noivado».

Noivos eram «os vossos espíritos moços, Senhores Bacharéis», e a noiva «seria aquela, de quem já cantava o Sábio das Escrituras: «A esta eu amei e requestei desde a minha mocidade, procurei tomá-la para mim por espôsa, e me fiz amante da sua formosura». Acentuando o paralelo, evocaria cena ateniense. «Parece-me sonhar nesta hora, deslizando ao revérbero diáfano e azul do céu da Hélade, um noivado grego. Através das ruas embalsamadas de mirto, roda o côche em galas dos noivos e paranifos; atrás, cantando o epitalâmio, ressoa alegremente o côro alterno das virgens e dos mancebos; e à frente, como que alumando aos nubentes os novos caminhos da vida, ardem e crepitam as sacras tochas do himeneu». Ali, também brilhavam, diante do carro nupcial, «duas tochas, duas olímpicas tochas». «Uma se chama Razão, chama-se outra Revelação». «A razão dignifica o homem, a revelação o diviniza». «A razão é a abelha adejando de flôr em flôr para fabricar o mel da Ciência; a revelação é Deus derramando aos homens o maná misterioso da fé».

«Ciência e Fé, filhas gêmeas de Deus, anjos custódios da verdade».

Certo, nem sempre andariam associadas e por isso refletiu: «Não se me furta, porém, senhores que nem todos subscrevem tais convicções e assêtos; senão que antes, se acoima a Fé de obscurantismo, qual se entre a Ciência e ela, reinasse um mútuo ódio nativo».

Passa a refutar semelhante conceito, e ao fim, acrescenta: «não é apenas a pecha secular do obscurantismo, que se importa aleivosamente à Fé, qual se fôra adversária da luz científica; assaca-se-lhe também e assoalha-se, mesmo aqui, em nossa terra, a calúnia do despotismo, porque, dizem, a Fé e o dogma são atentados contra a liberdade de pensamento».

Com viva sutileza contesta a acusação, antes de rematar:

«Ufane-mo-nos (os crentes), da liberdade e racionalidade da nossa fé, racionalidade esta, que, deixai vô-lo diga, me encantou nos anos do tirocínio teológico em Roma». «É que, meus Senhores, nada, nem o Fôro, que na sua vasta ruínia muda, parece perpetuar a desordem, a queda, o emudecimento da oratória e das filosofias pagãs ao defrontarem o Evangelho; nada, nem o Coliseu atestando a todos os séculos, como um troféu imenso, a grande vitória do cristianismo inerme, sôbre o império das águas e dos fascas; nada, nem as Catacumbas, onde palpita o heroísmo dos

mártires; nada me enlevou tanto e encheu-me de tanto orgulho pela nossa fé, como ver e ouvir aqueles venerandos mestres da Universidade Gregoriana, espíritos, que consumiram no culto da ciência a flôr da mocidade, fronte, que sôbre os livros se cobriram de cãs, sábios consumados, pregarem-nos da cátedra a mesma doutrina das nossas mães, ilustrando-a e defendendo-a triunfalmente contra os sofismas e as calúnias de um Renan, de um Strauss, de um Harnack, de um Loisy e outros». Não se arrecessem da caminhada seguinte.

«Abraçados assim, indissolúvelmente, à Verdade, aureolados pelos resplendores amigos da Ciência e da Fé, lançai-os desassombradamente ao anfiteatro da vida». Deviam, porém, precatar-se contra os erros modernos», dos que afirmavam «só o sensível é cognoscível», ou que «não há matéria sem fôrça, nem fôrça sem matéria» ou «atacam a autoridade civil e eclesiástica, visando submeter a ordem social».

Opostamente a tais balbúrdias, «o ideal do brasileiro gravai-o bem em vossa alma, outro não pode ser que o da ordem e do culto para com a autoridade», e aconselhando aos seus afilhados o «culto de Deus e da Pátria», exaltou, na peroração, a terra matogrossense. «Lembra-vos dela, e rogai ao Senhor Deus das Nações que ela, qual a fênix de seu velho escudo, haurindo a vida nas próprias entranhas, pelo talento, amor e dedicação dos seus filhos, pelas riquezas, uberdade e cultivo do seu solo, surja em breve, sem desharmonias de crenças nem de políticas, para alar-se galhardamente no concerto grandioso dos Estados, cantando o hino triunfal do amor, da paz e do progresso!

Os louvores, que despertou o discurso do paraninfo recém chegado ao torrão natal, reatou de maneira brilhante o contato, que se interrompera durante o longo exílio. Daí por diante, a sua palavra não deixaria de ser solicitada nas magnas cerimônias. Entre as demais, sobrelevou o sermão que lhe valeu de credencial para a Presidência do Estado. Era, então, Bispo de Prúsiade, e auxiliar do Arcebispo D. Carlos Luís d' Amour. A política matogrossense tumultuava em grave dissídio. De um lado, o situacionismo, que elegera o Executivo, e a Assembléia Legislativa, unânime, e por isso queria afastar do exercício o Presidente do Estado, argüído, meses depois da posse, de não lhe seguir as diretrizes partidárias. De outro, a oposição, pujante, mas afastada dos postos de comando, que o apoiou, resoluto, na crise decisiva, respondendo com energia à violência. O re-

curso às armas não favoreceu os adversários do governante, nem o «empeachment», que lhe cassaria o mandato, conforme decretou a Assembléia, contida pelo Supremo Tribunal Federal. Em tal emergência, o Presidente Wencesláu Brás conseguiu promover a renúncia de todos os responsáveis pelos acontecimentos, de que resultou a acefalia do govêrno, causadora da Intervenção Federal. Cessou de funcionar o Legislativo, como igualmente o Executivo eleito. Mas; nos bastidores, a luta continuava.

«Diante daquele quadro sombrio do presente e da fatalidade trágica, de futuro, que podia fazer um amargurado coração de Bispo»?

A pacificação

Em cerimônia religiosa, na Matriz, «daí de junto ao altar foi que o vosso humilde conterrâneo se levantou, sob os aguilhões imperiosos da consciência, para, contrariando embora instintivas relutâncias de caráter, pregar vos a mensagem cristã do perdão, da paz e da caridade, único iris naquele tenebroso naufrágio de instituições e leis, de direitos e deveres». Entre a assistência encontrava-se o Interventor Federal, Camilo Soares de Moura, que, impressionado, como todos os ouvintes, pela comovente peça oratória, esforçou-se por levar ao govêrno de pacificação quem aconselhava com fervorosa eloquência o abrandamento das paixões partidárias. Ao aceitar a sua candidatura à Presidência do Estado, assinalou, em discurso de 25 de de Outubro de 1917, as origens de que derivou, por acôrdo entre os partidos, e o programa que lhe cumpriu adotar. Dizia, a propósito, «não creio, é certo, nessa política, que no dizer de alguém, não tem entranhas nem coração, e, o que é pior ainda, não tem consiência. Creio, porém, na política da razão, que ilumina, da luz, que nos guia à moral e ao bem, do bem que é o ideal supremo de indivíduos e povos. Creio numa política superior, que, pairando acima de considerações partidárias, estabelece na vida pública a nubilante hegemonia do caráter, da competência e da responsabilidade. Creio, sôbretudo, na política do coração, que sabe amar, do amor, que nos une, na união, que faz a fôrça, da fôrça que progride, do progresso, em que se aperfeiçoa e aprimora a felicidade. Acorde com o credo político, traçou as diretrizes que seguiria, antes de acentuar, na peroração. «Trabalhemos, ó matogrossenes, por essoutra unidade muito mais sublime, que é a unidade dos corações da nossa gente. Expulsemos para sempre das nossas fronteiras

a discórdia, que faria da nossa grande terra este monstro execrável; alma de pigmeu em corpo de gigante! Amemos, ao contrário, com todo o entusiasmo, a concórdia, que até de pequenos sabe fazer grandes e fortes: *concordia parvaeres crescunt, discordia maximae dilabuntur*. Perseveremos na sinceridade e nobreza dos patrióticos propósitos de hoje. Que este acôrdo não seja um simulacro, mas uma verdade. Não calmaria precursora de tempestades, mas, sim, aurora e prenúncio de verdadeira e duradoura paz».

Iniciativas culturais

Ainda no quadriênio presidencial, cuja análise transbordaria destes comentários, o governante comprovou, frequentes vêzes, o seu carinho pelos problemas intelectuais. O Bicentenário da fundação de Cuiabá, ensanchou-lhe oportunidade de promover comemorações indicativas do seu amor às tradições, motivo de festanças folclóricas, e anseios de progresso cultural. Assim, empreendeu a publicação de várias obras referentes a Mato Grosso que sem auxílio oficial permaneceriam inéditas, além de incentivar a fundação de dois gremios de estudos.

A 8 de Abril de 1919, um dos atos comemorativos verificou-se no Palácio da Instrução, onde inaugurou o Instituto Histórico de Mato Grosso, para cuja presidência fôra aclamado. Na ocasião, proferiu apropriada oração, para explicar o emblema que lhe sugeriu: *Pro Patria cognita atque immortalis* (Pela Pátria conhecida e imortal).

«A imortalidade da Pátria! Eis a aspiração suprema do Instituto.»

De outra feita, seria ainda mais afeiçoada aos seus pendores naturais a associação promovida «pelos próceres da nossa cultura literária», que o elegeram seu presidente de Honra. Ao inaugurar, a 7 de Setembro de 1921, o Centro Matogrossense de Letras, que se transformou, mais tarde, em Academia Matogrossense de Letras, justificou a sua presença. «Venho, pois, a vós com toda a minha alma; como queria e dizia que fizéssemos nos adejos para o ideal, aquele grande mestre que foi Platão, o alcandorado filósofo amigo das oliveiras e plátanos pensativos dos bosques de Academo, tipo histórico das modernas academias e instituições consimiles, das quais a nossa, na penumbra da sua modestia, é uma palida miniatura.» Empolgado por justas aspirações, confidenciou: «se me fora cometido a cargo projetar o escudo de armas ou *ex-libris* do novo instituto acadêmico, dar-lhe-ia por único brasão um dos símbolos heráldicos da

beleza, uma rosa, por exemplo, inscrevendo-lhe em torno esta legenda sagrada: *Pulchritudinis studium habentes:*» estudiosos da beleza. «Tal é o mimoso verseto, que entoado há 22 séculos, na harpa solitária de um daqueles vates de Sião, pensadores e moralistas, lá naquele rincão pequenino da terra prometida, Chanaã dos rios de leite e mel e das rosas que não morrem, vem ecoando, de geração, em geração nas páginas da Bíblia». De origem tão veneranda, o distico adotado pela nascente agremiação gravou-se em livro aberto, orlado de rosas, como indicara o seu maior patrono, que lhe transmitiu as próprias aspirações.

«Assim como, Srs., à luz da critica, distinguem-se, na obra literária, duas entidades, a forma e a matéria ou fundo, assim também resplandecem nela duas belezas a beleza da forma e a beleza da matéria. Cultiva-las ambas eis a missão do Centro Matogrossense de Letras.»

Para conseguir a perfeição de forma, faz-se mister, primeiramente, o cultivo do vernáculo. E esclareceu: «versos límpidos e cantantes, rimas claras e opulentas, estrofes impecáveis com ânforas de Atenas, imagens plásticas e esplendorosas, tudo isto iria parar em aspiração ou sonho quimérico, sem a pureza, a correção, a elegancia da linguagem».

Por modelo, indicou aos pretendentes á boa linguagem: «para aprofundar as belezas do pátrio idioma, basta ler Ruy e Ruy, o qual, sobre não ficar somenos a Camilo na vernacularidade e robustez do estilo, leva-lhe a grande vantagem de não tratar de assuntos escabrosos para o melindre das almas delicadas.»

«Clássico sem ser arcáico, moderno sem barbarismos, verdadeiro parnasiano da prosa. Ruy tem o condão de refundir continuamente a lingua em novos moldes de beleza viva, ao calor de seu portentoso temperamento literário.» Admirou-lhe, na biblioteca particular, os livros indicativos de manuseio contínuo, como os dicionários da lingua, a que não faltavam anotações marginais. E quiz propo-lo aos «letrados de minha terra.»

«Imitemos, Senhores, o grande estudioso da formôsuras do vernáculo. *Pulchritudinis studium habentes.*»

No tocante à beleza da matéria, «deve o Centro mostrar-se verdadeiramente matogrossense. Lançar as bases da literatura regional, eis a grande finalidade que deve imprimir cunho característico ao programa da sua atividade.» Sem lhe discutir a conceituação, que admite a eficiência da iniciativa acadêmica na formação dos movimentos literários, em vez da hipótese inversa, consoante a qual decorrem de

outros fatores as manifestações intelectuais, incontestável é que da ação catalítica de D. Aquino Corrêa derivou inequívoca intensificação do esforço matogrossense aplicado às boas letras. Particularizando os seus propósitos, lembrou sugestivo episódio que lhe era conhecido, para lhe esboçar os traços em lance empolgante, «Pesquize, em fim, as nossas lindas tradições populares. Quantas riquezas inéditas! Tome-se uma ao acaso: os noivados à beira rio. Bem os conheceis muitos de vós, é uma flotilha de canoas. À frente, todo empavesado de flores do mato, vai o batel dos noivos; tres canoas amarradas, onde bracejam, em pé, robustos remadores. No cabo longo dos remos, bem na ponta, flutuam garridamente, ao vento da tarde, as côres alacres dos lenços de alcobaça. Espoucam de quando em quando, tiros e foguetes, que em meio ao viverio alegre do cortejo, repercutem amplamente, barrancas afora, por toda a redondeza do estirão solitário. Vão receber a benção do ceu na Igreja da freguezia. Vão e voltam cantando. Na volta, já o silêncio do crepusculo baixa sobre a natureza ambiente, e, ao longe, os ecos repetem o estribilho nostálgico.

Adeus, minha mãe

Do meu coração.

É a canção tradicional dos esposos, em despedida aos carinhos maternos. Vão remando, Vão cantando. E a barca-rola sobe num tremolo saudoso, até as estrelas comovidas. A lua, qual se fôra, no ceu, fantástica laranjeira, toda florida, desfolha agora, à passagem da flotilha nupcial sobre a água célere do rio, uma deslumbrante ilusão de pétalas de prata. Chegam. A passarada ribeirinha alvoroça-se nos ninhos, e, além, na mata próxima, as araquãs bravas preludiam a conhecida onomatopéia epitalamica do seu canto, que vai romper festivamente na crástina madrugada. Que beleza! Que poesia!»

Não admira o tema, líricamente versado pelo Presidente-Bispo, que não perdia ensejo de glorificar as noivas e os noivados, tanto simbólicos, de que se considerou, certa vez, paraninfo, como reais. Empolgado pela missão edificante, que antevia, sintetizou o programa que ambicionara para a nascente associação. «Façamos a literatura da esperança. Confiemos em Deus, na Pátria, no futuro, nas grandes verdades que não passam. «Façamos uma literatura que professe cavaleiramente a divisa de um dos nossos homens de letras: *œdificabo!* Literatura que saiba edificar a grandeza moral da Pátria, atraindo ao bem os corações ainda mais brancos e refratários, como a dourada lira de Anfião,

sob o manto mágico de suas melodias, arrastava as pedras da Beocia para a construção dos legendários muros de Tebas».

O surto da individualidade de D. Aquino Corrêa, animador das maiores iniciativas culturais por Mato Grosso, assinala, sem duvida, nova era em suas atividades literárias. Assim é que a «Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso» já atingiu o número LXX, estando prêtes a sair a lume o correspondente a 1955. De igual modo, a Revista da «Academia Matogrossense de Letras» ultrapassou o número XLII, e em suas páginas figuram, não sòmente os representantes da velha guarda, responsáveis pela sua fundação, como ainda os legionários mais recentes, que preenchem as vagas decorrentes da ausencia dos que não mais respondem à chamada, assim evidenciando a renovação do quadro social. Também obras avulsas aumentaram a bibliografia de Mato Grosso, especialmente a respeito de sua história. Certo, nem todas seriam estimuladas diretamente pelo entusiasmo irradiante de D. Aquino Corrêa, que, todavia, serviu de marco, a partir do qual se intensificou a produção intelectual, beneficiada, quanto possível, por seus estímulos. A sua contribuição pessoal, porem, não se limitaria à «*Capital Verde*», título glorificado em sugestiva poesia, que as recordações da mocidade inspiraram, antes que alterações posteriores influissem nas feições paisagísticas locais.

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
Tão verdes, sobranceiras,
E lindas como alhures não as há,
Sobre alcatifas da mais verde relva,
Em meio a verde selva,
Eis a Cidade Verde: Cuiabá.

E depois de enaltece-la ao máximo:

Não há tesouro que teu preço eguale!
Tudo que o mundo vale,
A par de ti, em lodo vil se esvai;
Pois tens o que há de mais sagrado e terno:
O tumulto materno
E esses cabelos brancos de meu pai!

Terminava,

Salve, cidade verde! a ti, meu berço,
Melhor do que o universo,
Eu te saúdo ao ósculo fugaz
Do rio verdenegro que se esfrola,
Cantando a barcarola
Infinita dos beijos e da paz!

O seu apêgo a Cuiabá, onde desejava e teve o repouso definitivo, não o restringiu no círculo de cuiabanismo exclusivista. Ao contrário, a sua peregrina inteligência abrangia o Brasil inteiro e a humanidade, como evidenciou em memoráveis alocuções, além das raias do Estado. Uma delas, cuja ressonância vibrou de quebrada em quebrada, ocorreu, na cidade mineira de Mariana, cujo Arcebispo, D. Helvecio de Oliveira, o convidara para memorável cerimônia civico-religiosa. Ao ser trasladada para «excelso santuário» a «Histórica Bandeira» do 17.º Batalhão dos Voluntários Mineiros», que os expedicionários a Mato Grosso dignificaram, levando-a até Laguna, coube ao Arcebispo de Cuiabá proferir a oração oficial, que tanto comoveu a assistência, provocando lágrimas de emoção. Era como que a voz de um remanescente daquela invicta legião, que, hostilizada pela peste, pelo fogo inimigo, pela fome, conseguiu estadear a sua bravura e resistência na «Retirada da Laguna».

O Ministério da Guerra, ali representado por altas patentes, bem compreendeu a significação daquele exemplo de cívico heroísmo e resolveu ampliar-lhe a divulgação, em edição especial, «para ser distribuída aos corpos de tropa do Exército».

O êxito oratório robusteceu-lhe a fama adquirida, que lhe permitira no mês anterior, celebrar condignamente «O Centenário do Bispado de Cuiabá», enaltecido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em sessão comemorativa de 26 de Julho de 1926. Em alocução primorosa, de posse, afirmou: «O Centenário, demais disto, não evoca apenas estes últimos cem anos da história eclesiástica de Cuiabá, mas revive também as memórias de quantos prepararam, por assim dizermos, os alicerces do seu venerando solio episcopal.» Sintetizou, a propósito, a evolução de Mato Grosso, para enaltecer os «heróis humildes» ao evocar «as memórias dos modestos obreiros da civilização que desfrutamos, a dos precursores dos Capitães Generais e dos bispos, as dos anjos da guarda do bandeirante, as dos continuadores de Anchieta, as dos batedores das milícias apostólicas, as dos que representam no mundo inteiro a vanguarda da Igreja de Christo, memórias ainda há pouco, no Ano Santo, celebradas tão carinhosamente por Pio XI, o Papa das Missões, memórias tanto mais dignas, quanto mais humildes, as dos missionários cuiabanos, obscuros heróis da Igreja matogrossense».

Na mesma ocasião, lembraram-lhe o nome para a Academia Brasileira de Letras, que festivamente o escolheu a 9 de Dezembro. Para lhe registrar a eleição vitoriosa, o «Centro Matogrossense de Letras» dedicou-lhe sessão especial, a 21 de Maio de 1927, na qual ainda uma vez estabeleceu as suas aspirações literárias. «Dois são os ideais, que inspiram a todo e qualquer homem de letras, proclamou. Um que lhes é comum a todos êles, e outros que os especifica e distingue; um que mais concerne à forma e outro à matéria das criações literárias. «O primeiro é a perfeição do vernáculo, a doce miragem da língua materna, o idioma veneravel dos gênios da raça, sorrindo-nos no impecável da sua correção, no extreme da sua pureza e no mais aprimorado da sua elegancia.» O segundo são os princípios supremos, que iluminam toda a obra do escritor, norteando-lhe, como estrelas polares, o pensamento, e fazendo palpitar, como um sopro do alto, as cordas eólicas da sensibilidade.»

Recordou, a respeito, a oportunidade que lhe ofereciam as férias do curso teológico, quando, saia, com os colegas, a «rusticar pela campanha romana em fora.» Então, nos recantos propícios, para se resarcir do uso exclusivo de estranhas línguas, durante o período letivo, deliciava-se nas «estâncias épicas de Camões e idílios suaves, de Bernardim Ribeiro.» Anotava à leitura, o «vocábulo genuino, formoso e expressivo.» «Que enlêvo, lembrou, ao descobrir uma sintaxe, uma locução, uma regencia siquer, mais rara e galante, que vale muitas vêzes, por si só, a enriquecer e abrilhantar todo um longo período.» Não admira que, enraizada nos modelos latinos e embebida de ensinamentos dos escritores considerados clássicos no vernáculo, a linguagem do segundo Arcebispo de Cuiabá se distinga pelo apuro da expressão e elegância no frasear, patente nos versos, como igualmente nos discursos, a que se assemelham as «Cartas Pastorais.»

Alteam-se, não raro, nos tons oratórios, como se fossem declamadas do púlpito, para versar problemas quase exclusivamente religiosos, referentes a «Quem é o Papa», «A Divina Eucaristia». «A propagação da Fé», «Deus e Pátria», o «Patriotismo cristão», e tantos de análogos propósitos. Na primeira edição de 1942, apareceram apenas dez, a contar da «Primeira Saudação», oito meses após a sua elevação ao Arcebispado. O segundo volume, que veiu a lume em 1947, dobrou-lhes o número, que mais tarde ainda aumentaria, até a inspirada pela comemoração do seu jubileu religioso.

«Dada e passada nesta cidade de S. Paulo, aos 7 de Outubro, Festa de Nossa Senhora do Rosário, em 1952», ao pregar as características da confissão, sintetizar o quadro da vida humana.

«Entramos no mar dourado da vida cristã, pelo bergantim florido da inocência, em que nos coloca o sacramento do Batismo. E nele navegamos inocentemente as enseadas azuis e tranquilas da infância, mais eis que, em chegando ao mar alto e bravo da juventude, onde imperam as tempestades das paixões humanas, é quasi fatal o naufrágio, e somos atirados; pelo pecado mortal, ao abismo das ondas, expostos aos tubarões e monstros marinhos, sem esperança de reembarcar no baixel da inocência, porque esta se perde uma só vez e para sempre». A «segunda barca de salvação é justamente o «sacramento da Confissão», em cujo exame se alongou, para concluir, como se se dirigisse em particular a cada um dos seus diocesanos. «Meu caro filho, daríamos por bem empregados todos os trinta e mais anos do nosso ministério pastoral, se nada mais fizessemos, senão ensinar-te eficazmente a amar o sacramento da Confissão e a bem usar dêle por tôda a vida.»

Não se restringiria, porem, a sua doutrinação apenas ao tema que nesse lance exaltou fervorosamente. Antes, os dois volumes dos seus «Discursos» evidenciam que soube propaga-lo em toda oportunidade. Em linguagem mais singela, que não destoava, porem, da perfeição costumeira, manteve no semanário *A Cruz*, de Cuiabá, coluna consagrada às *Petalas do Evangelho*, que a admiração dos seus leitores decidiu enfeixar em volume póstumo.

«Embora não dissimulasse nessas páginas esparsas vastos conhecimentos das Escrituras Sagradas, sabia interpretá-las a contento dos leitores, que os comentários deleitavam, não obstante desacompanhados de sua assinatura. Tanto o embeveciam as belas letras que não deixava passar ensejo de enaltece-las, especialmente para recomendar aos patricios, o culto da perfeição pelo estudo contínuo do vernáculo. E tão empolgado por seus encantos sempre via, que, a última hora, ainda revelou quanto os presava. Acamado, sentindo avizinhar-se a fatal visita indesejável, cercavam-no religiosos a quem, sorrindo, após receber a extrema-unção, esclareceu:

«Saiba morrer o que viver não soube».

Não seria, por ventura reminiscencia do arrependimento de Bocage, expresso no fecho do célebre soneto:

«Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões...?»

Fosse ou não lembrança da frase bocagiana, moldada em expressivo dêcassilabo, que, aliás não se aplicava ao seu caso, objetou-lhe um dos salesianos presentes.

Mas Vossa Excelência viveu bem.

Então, o Arcebispo, consciente das suas responsabilidades espirituais, sem mais provavelmente cuidar da literatura, ainda murmurou:

— Que os Anjos digam amem! »

E inclinando a cabeça para o lado do coração, como assinalava seu ex-libris, explicativo da divisa, que adotou, *mente cordis*, ou «pensamentos de coração», expirou suavemente, e sempre mimado pelos bons fados como se os Anjos lhe aprovassem o derradeiro anelo.

E assim se privou o patrimônio cultural matogrossense da sua mais peregrina personificação, que se tornou glória nacional, e da Igreja Católica, proclamada por quantos lhe acompanharam a trajetória luminosa de orador, poeta, prosador, que a religião e o patriotismo inspiravam com fervor.

PALAVRAS DE SAUDADE

proferidas por *Luis-Philippe Pereira Leite*,
junto a Herma de Dom Aquino Corrêa, no dia
2-4-1956, após a missa mandada resar pelos seus
afilhados na Catedral Metropolitana de Cuiabá.

A santidade e o saber foram as dominantes dessa vida refulgente, cuja luz se apagou para todo o sempre, faz pouco mais de um decêndio.

Viveu para a virtude e para a cultura: Deus e Pátria foram os ideais supremos de sua vida.

Sob qualquer prisma que se lhe tome a personalidade, ela se nos apresenta invulgarmente bela e magestosa. Um aspecto, porém, avulta em sua figura hierática, na magestosa beleza do seu nobre e generoso espírito: a bondade. Causava admiração a extrema bondade, com a qual recebia grandes e pequenos que o procuravam e para todos tinha sempre uma palavra de carinho, de consolo e de afeto.

Amou a Congregação Salesiana, da qual foi uma glória legítima e um dos mais belos ornamentos e, na sua modestia, costumava dizer que tudo devia a Congregação e que nada lhe dera em troca, mas, sabemo-lo todos, muito e muito contribuiu com a sua fé e inteligência, para o prestígio sempre crescente da Congregação Salesiana.

Amou a sua terra com entranhado amor e dela não se esquecia em momento algum de sua vida. Mesmo em Roma, no fulgor da pompa vaticana, quando lhe coube a honra insigne, jamais conferida a antistite brasileiro, de officiar a bênção do Santíssimo, quando da beatificação de Dom Bosco, em 1929, tendo ajoelhados ante os seus olhos o Santo Padre em branco imaculado; os Cardeais em purpura, os Bispos com as suas vestes roxas, em suma, toda a Igreja Universal, não se esquecia do seu Mato Grosso distante: guardava no seu coração todo o seu grande povo.

Partiu para a derradeira viagem, da qual só regressaria frio e inerte naquela tarde das Dores, que é o preambulo da Paixão, e levava a alma povoada de projetos e realizações em prol da sua pobre e querida Arquidiocese, e, a um dos seus intimos, que servia a longos tragos as confidências daquele coração que parecia despedir-se, arrematava, com aquele seu característico senso de realismo cristão — como Deus não há de rir dos homens ao alterar-lhe os planos?... Tal como previra ocorreu.

Dom Aquino, cuja perda deploramos, pôde operar este privilégio: teve uma vida grandemente simples e, por isso, veio a ser simplesmente grande.

Peçamos a Deus que receba em seu seio a alma boníssima do grande morto e permita que cada ano, neste recanto amorável da sua bicentenária terra natal, voltemos todos em coração e espírito para reverenciar e honrar a memória do pranteado pastor e pai.

A NATUREZA MATOGROSSENSE NA POESIA DE D. AQUINO CORRÊA

(Discurso pronunciado a 8-4-56, na Praça Alencastro, em Cuiabá, em nome da A.M.L. e do I.H.M., na homenagem prestada à memória do ilustre Arcebispo — por Lenine Póvoas).

Às manifestações de júbilo cívico com que a Municipalidade e o povo cuiabano comemora a passagem de mais um aniversário de fundação da nossa bicentenária Capital, não poderia faltar a palavra de solidariedade do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras.

E essa palavra, mau grado a obscuridade do seu portador, torna-se oportuna justamente nesta homenagem que imprime às festividades do 8 de Abril dêste ano uma nota de sentida saudade daquele que, em vida, foi o Presidente Efetivo do Instituto Histórico, o Presidente de Honra da nossa Academia, a figura exponencial das letras brasileiras: D. Francisco de Aquino Corrêa.

Cuiabá pode ufanar-se de haver cumprido, em 237 anos de gloriosa existência, o seu papel de sentinela avançada da civilização, e o seu dever de mãe generosa, dando à Pátria filhos eminentes que se projetaram no cenário nacional, constituindo-se em motivo de orgulho para todos nós, que aqui nascemos.

O Panteon matogrossense ostenta efigies de cuiabanos ilustres que se notabilizaram em todos os ramos da cultura humana, dignificando o nome da terra humilde que lhe serviu de bérço.

Lá estão Antônio Maria Coêlho e João Tarcísio Bueno, figuras legendárias de heróis, simbolizando, em duas épocas diferentes, — na epopéia de Corumbá e na jornada da Itália, — a bravura do soldado cuiabano; lá estão Aquilino Leite do Amaral Coutinho e Manoel José Murтинho, exímios

cultores do Direito, que projetaram o nome de Mato Grosso na Constituinte de 1891 e no mais alto Tribunal da República; lá estão Joaquim Duarte Murtinho, economista genial que restaurou as finanças nacionais e foi o construtor das glórias do Governo Campos Sales; lá está a figura homérica de Rondon, que encarna o Exército civilizando o sertão; lá está o vulto impressionante de Azeredo, que exerceu, indisputadamente, por três lustros, a Presidência do Senado Federal; lá estão as figuras varonís de Ponce e de Pedro Celestino, *condottieris* autênticos de nosso povo; lá está Eurico Dutra que honrou a sua terra na mais alta magistratura do país, dando ao povo brasileiro dias de equilíbrio financeiro e paz social, e um Governo marcado por um profundo respeito às normas constitucionais.

No setor da cultura, entretanto, ninguém alcançou as culminâncias atingidas por D. Aquino Corrêa. Ele foi a glória incomparável da inteligência matogrossense e a mais viva cintilação do nosso talento.

As maiores homenagens que Mato Grosso tributar à sua memória, retribuirão apenas uma parcela mínima do amôr imenso que ele dedicou à terra natal, e que sobressai como o traço mais saliente da sua grande obra literária.

Tôda a beleza de nossas matas e de nossos campos recamados de flôres; toda a grandiosidade de nossos pantanais pontilhados de vitórias régias; toda a poesia de nossos regatos e toda a majestade de nossos rios caudalosos; toda a magia de nossas aurora salpicadas de orvalho e toda a suavidade de nossas noites banhadas de luar; todo o fragôr de nossas límpidas cascatas, vive, empolga, extasia, deslumbra e canta nas suas estorfes, onde também vibram e palpitam os lances épicos de nossa História e as nossas mais caras tradições.

D. Aquino é o poeta da natureza matogrossense. Ela é a sua inspiração mais fecunda, mais bela e mais constante.

Longe da Pátria, na formosa Suíça, diante das mais fascinantes paisagens européias, são ainda os agrestes cenários matogrossenses que lhe inspiram. São as impressões imorredouras da terra do berço que lhe falam ao coração, acordando-lhe as emoções da infância — emoções inapagáveis — das quais nos fala Nabuco, na página imortal de «Massangana».

À beira do lago Lemano, emoldurado de lindas cidades dos Alpes imponentes, de bosques encantados onde cantam rouxinóis e melros, D. Aquino fecha os olhos e sonha...

Sonha a sua terra,

«Tão virginal, ao sól que a beija e doura,
Desde as cristas selváticas da serra,
Até à campina, onde a boiada estoura !

Sonha

«... a vasta e magnífica desordem
Das águas a tombarem nas cascatas,
Formando os rios bárbaros que mordem
O humus profundo e secular das matas ! »

Sonha

«... a floresta onde se assusta o bando
Dos pássaros bravios, multicores,
E orquídeas bravas erguem-se bailando,
Naquela orgia báquica de flôres ! »

O amôr ao torrão natal é sem dúvida, a alma de sua poesia, a fonte perene de seus devaneios poéticos. Cuiabá, para tantos tão desinteressante e prosaica, faz vibrar os seus sentimentos de esteta, e arranca de sua lira acordes imperecíveis, quando a saúda com filial afeto:

«Salve, meu verde ninho, onde, primeiro,

Contemplei o Cruzeiro

E as alvoradas alacres dos sóis !

Tu tens a côr das oliveiras mansas,

Das meigas esperanças

E das láureas eternas dos heróis !

Na tua verdejante flora rude,

Eu canto a juventude

Perpétua dos maternos ubres teus,

E sonho essa visão esmeraldina,

Que se nos descortina,

No livro santo quando pinta os céus.

Como tu, não tem, não, tantas grinaldas

De vivas esmeraldas,

A Úmbria verde, nem a verde Erin:

Mais rica do que o fúlvido Eldorado,

Tens o encanto sagrado

De uma Canaã melíflua para mim.

Não há tesouro que teu preço iguale !

Tudo que o mundo vale,

A par de ti, em lodo vil se esváí;

Pois tens o que há de mais sagrado e terno:

O túmulo materno

E êsses cabelos brancos de meu pai ! »

Enamorado eterno da natureza, toda a sua obra está assinalada por êsses acentos de bucólico lirismo, que dêle fizeram o Gonçalves Dias de nossa literatura. Poderia, aliás, D. Aquino dizer, repetindo o autor dos Timbiras, que

«A fronte não cingí de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flôres enfeitando a lira;
Não me assentei nos cimos de Parnaso,
Nem vi correr a linfa da Castália.
Cantor das selvas, entre bravas matas
Áspero tronco de palmeira escolho.
Unido a êle soltarei meu canto,
Enquanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.»

A originalidade de sua poesia genuinamente matogrossense, genuinamente cuiabana, a harmonia e beleza de seu estilo, conduziram-no a uma das poltronas da Casa de Machado de Assis, no mais consagrador reconhecimento de seus altos méritos intelectuais.

Quando pensava na morte, era, ainda uma vez, para a Terra Natal, o seu pensamento:

«Quero dormir à sombra da verdura
Da pátria, numa pura
Região de primaveras imortais,
Onde paíre, qual plácida e infinita
Flôr, essa cruz bendita
Da religião divina dos meus pais!
E quando, livre, pelo azul infindo,
Fôr minha alma subindo,
Possa ela ainda contemplar, meus Deus!
As verdes palmas dos gentís coqueiros,
Como dedos fagueiros,
A dar-lhe, trêmulas, o extremo adeus!»

Os sonhos do poeta se cumpriram. Cerrando os olhos à luz do mundo tão longe do seu bêrço querido, os seus despojos para aqui vieram, nos braços do povo que êle tanto amou, para «dormir à sombra da verdura», no santo recesso da veneranda Cathedral, embalado ao som dos hinos litúrgicos da «religião divina de seus pais.»

Seu nome simbolizará, na galeria das letras brasileiras, a suprema glória da cultura matogrossense, e seus maviolos versos identificarão, para sempre, em D. Aquino, o cantor imortal da nossa terra.

SAUDAÇÃO DE CESARIO PRADO, AO ARCEBISPO D. AQUINO CORRÊA, NA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

Exmo. Snr. Representante do Exmo. Snr. Presidente da República.

Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo D. Aquino Corrêa.

Excelentíssimas e digníssimas autoridades.

Exmo. Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil.

Exmos. confrades, Exmas. Senhoras e Senhores.

Conta-se que nas ascensões a visos de elevadas regiões montanhosas, sucede muitas vezes parar, de súbito, o excursionista pelas ingremes veredas, atônito ao rumor e ao ruflor de possantes rêmiges, que desatam vôo de algum píncaro vizinho e em majestosas evoluções, rumo ao mais alto do firmamento, prendem, com enamorado encanto, os olhos do viajante, a despertar do seu extase, pela voz do guia solícito e experiente, que exclama, a guisa de dispensável explicação:

É uma aguia, senhor!

Lembra-me neste caso, ao vir-me à fantasia, a noite engalanada, em que o Instituto Histórico Brasileiro, que é como o panteon do culto à memoria das glórias nacionais, recebia no seu quadro, o eminente Arcebispo de Cuiabá, já então um nome de projeção no âmbito nacional, não só pelo seu destaque na Igreja Católica, apenas entrado nos primeiros anos da maturidade, mas pela pacificação politica, que com tacto, descortino e brilho, vinha há pouco de terminar, de sua magistratura suprema, a que fora levado por sufragio unanime dos partidos adversos, a conselho sábio do governo desse eminente estadista, o Dr. Wenceslau Braz, que ora sai de honrado e voluntário ostracismo, com as glorias de um Cincinato.

Saudando o novo consócio, e exalçando-lhe, não só os méritos de eminente pastor de almas e prudente estadista, mas de igual, os dotes de tribuno e poeta, o orador oficial,

que outro não era, senão o erudito helenista, Barão de Ramiz Galvão, esmaltava o seu formoso discurso, com trechos descritivos da Roma dos Papas, profusa dos mármorees da Renascença, e da Roma pagã, dormindo o pesado sono dos séculos mortos, em veneráveis ruínas da antiguidade, e á laia de explicação concluía para o auditório enlevado: Esta página é de uma perfeito, harmonioso e acabado homem de letras, esta página é vossa, senhor D. Aquino.

Pouco depois, como Ramiz Galvão, era um Afonso Celso, um Carlos da Laet e outros expoentes ou mentores da mentalidade do país, era a opinião unânime da imprensa, que lembrava o vosso nome para as láureas da imortalidade e a Academia Brasileira de Letras, vô-la outorgando, não agiu com menos justeza e sabedoria, de quando deu, em seu seio, um assento a outro eminente dignitário da Igreja, o classico biógrafo de D. Viçoso, D. Silverio Gomes Pimenta, porque quanto ás galas e primores do vernáculo, vossa linguagem pede meças D. Aquino ao purismo do estilista da Vida de D. Viçoso, o auditório de discursos vossos, entre outros, o de saudação ao Presidente Justo em visita ao nosso País, e o da comemoração do centenário do Instituto Historico, tem, como enlevo, aplaudido vossa eloquência. Habitua-mo-nos assim de longa data, a ouvir o vosso nome, meu caro e venerando Arcebispo, transpondo os estreitos longinques recantos de nosso céspede natal, que a nós, vossos conterrâneos, já não causam nem trazem surpresa, todas as homenagem que vos rende a Federação das Academias de Letras do Brasil, com o calor de lidimo entusiasmo, interpretativo da admiração e apreço a vossa obra, na cálida palavra do eloquente de Paranhos Antunes.

Bem dispensável, portanto seria a minha palavra, sem cor e sem som, se me movesse apenas o intuito de expressar a minha veneração para com a vossa eminente individualidade, quando, de público, já tantas vezes, tenho na imprensa, vo-la manifestado, ou seria também dispensável com o intento vão de aproximar-me das autoridades máximas do pensamento do País, no coro de merecidos gabos, a vossa obra, como orador de recursos peregrinos e poeta de sonoras cordas maviosas e de liricas melodias de inspiração religiosa, patriótica e civica.

Quero apenas exprimir o quanto a Academia Matogrossense de Letras, de que sois o eminente Presidente de Honra, sente-se desvanecida com a homenagem singela, porém significativa, que ora se presta àquela, que foi o

inspirador de sua criação, traçou-lhe as normas do rumo para o Belo inseparável do Bem, dando-lhe o famoso ex-libris — Pulchritudinis studium habentes.

Para mais exprimir, sinto-me, senhores, na verdade, de tão pequeno, mais apequenado ainda. Porque, como dizer o que D. Aquino representa para a comunhão matogrossense? Ele nos enche do lídimo orgulho, como dos mais preciosos e puros valores do patrimônio moral e intelectual da nossa terra, com repercussão pelo País, quando nos anacletos nacionais, deparamos, com a recolta de inúmeros trechos de suas páginas oratória e cantos do seu estro poetico, todos de florentes ensinamentos morais e civicos, e portanto de frutos sem conta, no espaço e no tempo, e que por isso por serem tão edificantes em religião como em civismo e culto pátrio, se repetem, assim nos juvenatos religiosos, como nos educandarios leigos acordes todos em reconhecer-lhes a proficua ação eminentemente educadora da alma em flor da mocidade nacional.

Tal a asa do pássaro que roçando a superficie liquida e espelhante, deixa traços de círculos visiveis, porem incontaveis de borda a borda, e como incalculáveis são as vibrações desses sulcos no âmago da massa movediça, assim na vastidão da nossa pátria, no presente como no futuro, não é possivel medir-se a ressonância educadora da vossa poesia e da vossa eloquência, de que pude aferir cálculo aproximativo, ouvindo em festa civica escolar, realizada em Manáus, passagens empolgantes de um discurso vosso, repetidas com entusiástico louvor pelo então interventor do Amazonas o Doutor Alvaro Maia, como vós também estilista doublé de poeta e orador.

E como dizer o que D. Aquino representa para nós como pastor de almas?

Na verdade, neste passo eu que posso repetir, em sã consciência, a súplica do poeta das Flores do mal.

*Oh ! Seigneur ! donnez-moi la force et le courage
De contempler mon corps et mon âme sans degout.*

Sinto-me tomado de humildade, para falar sobre vossas excelsas virtudes a frente da àurea refulgência da vossa cruz peitoral, insignia que a sabedoria da Igreja só confere aos varões, que são o espelho da sua mesma sabedoria e das suas mesmas virtudes. Basta-me lembrar as manhãs das minhas idas ao outeiro do Bom Despacho, para a revisão dos meus folhetins destinados «A Cruz» porque pude

então calcular o quanto de caridade deve haver nas audiências do nosso arcebispo a velhas matronas, a cansados chefes de família, em busca de sábios, prudentes, consoladores e edificantes conselhos do seu bondoso coração: E aqui mesmo nesta grande metrópole, como a sala de visitas do colégio Santo Inacio se enche de nossos conterraneos a procura de D. Aquino! Aguardando uma vez sua presença, e vendo-o regressar aquele colegio com ar fatigado, e olhando o número de jovens filhos de seus conterraneos amigos, que põem os seus interesses de carreira, de situação e de toda ordem, sob o amparo e patrocínio do alto prestígio do nosso Arcebispo tive pena de D. Aquino, por tantos passos de diligência pelas secretarias do Estado. Lembrei-me da impressão de Zweig estudando o andar de Verharen e sentindo-se tomado de tristeza, por ver que o seu poeta envelhecia. D. Aquino, ha pouco, convalecia então de grave enfermidade, e daqui a fadiga, e não de velhice, pois diz o espanhol: «Cabelos blancos no és vejez, pero arrastar los pies, eso es». D. Aquino, que, de moço, tem as cãs do estudo e da meditação, mercê de Deus, entra o pórtico da idade prolecta, em perfeita hígidez, promitente de avançados anos, para as benções do seu lato ministério e para gáudio e benefícios de todos os comparecentes à sala de S. Inácio.

E que dizer das vossas excursões pastorais? Como a mim e aos vossos patricios, parecerão nada penosas as peregrinações de D. Viçoso, através das alterosas, descritas pela pena de D. Silverio em liteiras comôdas, diante das vossas estafantes romagens, em busca e remédio de almas, pelos ermos da serra da Chapada, vencendo em pobres montarias, os itambés da nossa terra.

Vossa obra educadora e apostolar e para ser tomada, em seu justo valor, pelos vossos eminentes cômpanes da Igreja, que à nós, leigos, apenas é possível lobrigar os aspectos dos esforços de vossas iniciativas fecundas em fazer ressurgir, nos longinquos, rincões matogrossenses, as sementes luminosas, lançadas por missionários Jesuitas e Franciscanos nos tempos coloniais, com novas levadas desses apóstolos de S. Inacio e do Poverello, para o Alto Paraguai e Chapada, dando-lhes também nas paróquias da Boa Morte e Rosário, outros púlpitos de pregação evangélica. Assim pois a obra de D. Malan vem sendo prosseguida, com galhardia, pelo seu dileto filho espiritual, que lhe decanta a glória em sonoras estrofes:

Mais de vinte anos faz, que a nossa encantadora
Ribeira, onde o ouro aflóra
Sorrindo as seduções desta luz tropical
Ele aportava envolto em seu burel maquisto,
Ao peito a cruz de Cristo,
E nos olhos azuis — a gloria de um ideal !

Seu nome ecoa na alma harmoniosa das matas,
No gorgear das cascatas,
Nos trinos do sabiá, na asa do vendaval
e enquanto retumbar sobre a infinita praia,
A onda do Araguaia,
Seu nome cantará, como hino triunfal.

Esses são os versos do Rapsodo para os herois da Cruz, que para os herois da espada, não são menos cálidos os poemas da Terra Natal dedicados aos Leonidas de Laguna e de Dourados, a Antonio João, a Batista das Neves, a Leverger, que leva a alma matogrossense a erguer-se em chamas ardorosas de amor pátrio tanto como os versos que descrevem a nossa paisagem agreste em flor, com os pensativos pantanais e com seus rios caudalosos ou plácidos, como o que banha a nossa pequena capital, a Cidade Verde de D. Aquino.

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
Tão verdes, sobranceiras
E lindas como alhures não as há,
Sobre alcatifas da mais verde relva,
Em meio a verde selva
Eis a Cidade Verde: Cuiabá!

Guardam-na, frente a frente, quais gigantes
Eternamente amantes,
Os seus dois morros e tão verdes são,
Que até refletem pálidos verdores
Nos lares cismadores,
Que enchem do vale a plácida mansão.

Como tu, não tem, não, tantas grinaldas
De vivas esmeraldas,
A Umbria verde, nem a verde Erin;
Mais rica do que o fúlvido El-Dorado,
Tens o encanto sagrado
De uma Canaã meliflua para mim.

Salve Cidade verde ! a ti meu berço,
Melhor do que o Universo
Eu te saúdo ao ósculo fugaz
Do rio verdenegro, que te esflóra
Cantando a barcarola
Infinita dos beijos e da paz.

Compreendereis, senhores, com que amor, o povo da minha terra ama o vate, que assim descanta os sitios natais. Já nos lembra que escritor pessimista lamente não tributar o homem aos poetas e oradores, a mesma gratidão, que manifesta aos que lhe fabricam, o pão e lhe tecem o pano. Vemo nos, porem o contrário. Ontem como hoje, tanto nas antigas como na moderna civilização os vates e os oradores, ainda vivos, foram e são festejados, coroados com ramos de loureiro e carvalho, e ovacionados pela multidões, nos restos publicos.

E que todos sentimos que êles nos dão o que mais nos falta mais que o pano, que podemos ter pelo trabalho e esforço das nossas próprias mãos: dão-nos as emoções, que no seu conjunto e jogo, constituem a própria chama da vida. Daqui, o porque nos aproximamos deles com santo orgulho e santa humildade, orgulho, por sentirmos que possuímos também as mesmas emoções; humildade, por sentirmos a nossa inferioridade em não sabermos exprimi-las.

Daqui a nossa gratidão, paga, porém em espécie diferente da que damos aos fabricantes de pão e pano; a popularidade e a glória, tidas, por inveja em desdém, pelos bafejados de trasitórios bens de fortuna.

Ora, se gratidão, em forma de popularidade, honra e gloria, é devida aos que nos fabricam o mel de Himeto, e nos comovem com os écos demostênicos, qual a nossa divida para com as individualidades representativas, que em si englobam nos aspetos de poeta e orador, a figura do sacerdote ? A respeito de tais individualidades, é que, com justeza, se pode dizer, que todas as homenagens que se lhes prestem, ficam muito aquem do mérito de quem as recebe. Tal é a vossa individualidade. Excelentissimo e Reverendissimo Senhor D. Aquino, a quem os poetas com assento nestas confrarias e os simples homens de letras como nós, destituídos do dom das Musas, porém, sempre voltados para o Ideal, agora aplaudimos, pela vossa missão sempre consagrada ao Ideal da Beleza e do Bem, da Arte e da Moral, em que se alicerça a obra da Paz, de que tanto necessita a humanidade, nos conturbados e amargurados dias atuais.

E por essa obra de Paz, se queremos de fato, vêla firmada em fundamentos estáveis, os artistas e homens de letras devem cercar de prestígio, amor e carinho, o sacerdotício militante nos mesmos rumos idealísticos, o sacerdotício da Igreja, que, ao tempo em que o astrolábio português traçava nos mapas do globo, as rotas marítimas, distribuiu pelos novos quadrantes da terra, os missionários da civilização moderna, toda baseada nos eternos princípios de amor e unidade humana, pregados e exemplificados, por Aquele, de quem o grande Charlyle, considerando-o supra sumo do heroísmo, dizia não ousar pronunciar-lhe o nome em assembléia profana, onde só lhe cabia a homenagem de solene e majestoso silêncio. Nêle, pelo bem da vossa palavra e pelo bem das vossas mãos, bendito sejais, Sr. D. Aquino.

A MAIS LINDA FLÔR

Gabriel Vandoni de Barros

Há alguns mezes, lendo aquela comovedora história do abbade Hans, que cultivava apaixonadamente as suas flôres no convento de Oved, e que as amava — «tanto quanto podia amar uma coisa terrestre e perecível» — eu ia tendo diante dos olhos a figura suave de D. Aquino Corrêa, êsse outro obstinado floricultor, amigo ardoroso de pétalas e corolas. E eu imaginava que, à maneira do protagonista da «Lenda da rosa de Natal», de Selma Zagerlof, também o Arcebispo matogrossense, muito a seu grado, se exporia às vicissitudes de uma caminhada extenuante, através de veredas nevadas e escorregadias, ou de trilhas espinhentas, não raro interceptadas por troncos de árvores abatidas pela ventania, para assistir, maravilhado, do alto da montanha habitada pelos bandidos interdictos, a miraculosa florescencia do jardim de Natal da floresta de Goinge. E que estupendas emoções seriam as suas ao constatar que o negrume da noite desaparecia, varrido por vagas luminosas, e que a neve fugia do solo como um tapete que se enrolasse; que os fetos erguíam os brotos, enroscados como báculos de bispos; que as folhas das árvores irrompiam instantaneamente, como si um bando de borboletas verdes se abatesse sôbre os galhos; que os pinheiros e abetos se crivavam de pomos vermelhos em tão grande quantidade que pareciam trajar mantos de púrpura; emfim, que começavam a germinar, a crescer e a florir, sob a ação do milagre do Natal, todos os grãosinhos que os passaros, os navios e os ventos tinham trazido dos paizes do Sul! Toda essa floração extraordinária e variadíssima (havia flôres do tamanho de rostos de homens) batida pelas fulgurações de uma luz de encantamento que era, por assim dizer, a metamorphose luminhosa das ondãs de sons dos longinquos carrilhões

que tangiam naquela hora evangélica, — certamente extasiaria a alma do prelado cuiabano e, tal como acontecera na legenda nórdica, também êle hesitaria, ante prodígios florais tão admiráveis, no escolher a mais bela flôr que deveria levar ao arcebispo Absalão de Lund.

* * *

A predileção de D. Aquino Corrêa pelas flores manifesta-se em todos os seus escritos, página a página. Dois dos seus livros se intitulam: «Flor de Aleluia» e «Uma flôr do clero cuiabano». As amenas crônicas dominicais da «A Cruz», sempre encimadas por versículos bíblicos, mas tão sugestivas e atuais, denomina-as de «Pétalas do Evangelho». O elogio acadêmico do seu patrono na Academia Matogrossense de Letras, o padre-mestre José Manoel de Siqueira, botânico por sinal, recebe a epígrafe de «A primeira flôr».

E tão acentuado é o seu pendor por essas mimosas joias vegetais que me surpreende o fato de não haver êle adotado, no seu brasão literário, os sinais eternos da beleza e da candura: uma rosa ou um lírio. Curioso é, porém, observar-se que, não havendo escolhido para si, por circunstâncias certamente ditadas pela sua modéstia, qualquer divisa floral, êle a aconselhára para o ex-libris da Academia Matogrossense de Letras e da imprensa católica. De fato, ao instalar o primitivo Centro Matogrossense de Letras, dissera que «si me fôra cometido a cargo projetar o escudo de armas ou antes o ex-libris do novo instituto acadêmico dar-lhe-ia por único brasão um dos símbolos heráldicos da beleza, uma rosa, por exemplo, inscrevendo-lhe em torno esta legenda sagrada: Pulchritudinis studium habentes; estudiosos da beleza. «Para a imprensa católica sugerira o moto: flores fructus que perennes, o mesmo da Academia Florimontana, instituída por S. Francisco de Sales em Annecy, e assim chamada «porque a destinava a congregar a fina flôr da inteletualidade». E nem seria o caso de nos esquecermos, aqui, daquela outra divisa famosa que êle aponta aos estudiosos da «ultima flôr do Lácio, inculta e bela», e que vinha a ser: il piu bel fior ne cogie: colhe a mais fina fior» perfilhada pela Academia della Crusca, «celebre sociedade tão em flôr antigamente na Italia.

* * *

Não obstante a formação clássica do seu espírito, que se abeberára nas fontes gregas e latinas, tal como desejava o poeta, enfeixára D. Aquino Corrêa a sua atividade terre-

na nêste binomio iluminado Deus e Pátria. E, ao seu nacionalismo, que aliás, não atenua, nêle, essa envolvente e meiga compreensão humana, tão peculiar a sua personalidade, hão de certamente parecer mais lindas e perfumosas as daphnes, as passifloras e as persicárias da chapada matogrossense do bínthos, as anemonas, os teredeilos e os heliotrópos das vizinhanças da Acrópole.

Mas as flôres, quaisquer que elas sejam — dêse a modesta flôr do aguapé, das nossas baías nativas que lhe merecêra estrofes cheias de delicadeza, até a flôr do edelweiss, que desabrocha no mais alto dos Alpes, já denominada por êle de «sempre viva das montanhas» — exercem sôbre o seu coração de artista um sortilégio fascinador.

Os seus livros trascalam, quasi período a período, os aromatas das nossas ribanceiras floridas ou dos nossos jardins caseiros, estrelejados de rosas. E com aguda paixão que êle nos põe, a cada momento, sob os olhos, madresilvas e boninas, orquídeas e cravos, lírios e malmequeres. Comove-se visivelmente ao tratar das singelas «boas noites» do seu tempo de noviciado do tempo do Padre Arminho Maria de Oliveira, alma irmã da sua... «Que amáveis florinhas!» Inclina-se reverentemente ante as rosas de Assis, «brotadas um dia, do sangue virginal do seráfico patriarca» e, ao memorar aquelas flores modestas espalhadas sôbre o caixão mortuário de Frei Macerata, e que, no dizer da lenda, anos após, foram encontradas tão frescas e perfumosas como no dia do seu sepultamento. Viajando pela Chapada, em visitas pastorais, há de contemplar sempre, com multiplicado prazer, aquela «palida solânea», conhecida pelo nome vulgar e botânico de fruta de lobo, que desabrocha pelos caminhos a sua flôr lilá e doentia, triste como as saudades sem consolo. «E, ao reler Heredia, jamais se sentira impassível ante o alexandrinos áureos da «Flôr secular e das «Flôres de fogo».

* * *

«Em flôr», «a flôr» «florir», «esflorar», «floração», «enflorar», «reflorescência», «aflorar», «desflorir», «florões», «enflorescer», etc. — encontram-se fartamente nos seus primorosos trabalhos. Todos os seus pensamentos são floridos. As flores são a sua preocupação continua, o seu refrão mimoso, mas obsidente. Si quizesse êle parodiar Dante que, atendendo à desinência inicial, êle mais gratamente chamaria de «Florentino» — poderia dizer, com inteira propriedade, *«tutti i miei pensier parlan de fiore»*.

A graça, a vibratibilidade, a clareza o colorido, o encanto, enfim, do estilo de D. Aquino Corrêa certamente advirão, em boa parte, dêste seu pendor, por êsses mimos da natureza. Numa outra pena, essa particularidade talvez tornasse monotono o estilo. Nêle, porém, tudo se transforma em beleza, porque, ao cuidar de flores, sem dúvida procede com aquela mágica perícia da ramalheteira Glicera, por êle proprio já citada. Do seu estilo, aliás se poderia dizer o mesmo que ele escrevera a propósito de São Francisco de Sales: «Páginas há que se diriam excessivamente melifluas, si não fôsem tão naturais e delicadas. Sente-se alí o resaibo de toda as doçuras; frutas assucaradas, mistos de leite e mel, flores por toda a parte, vozes de rouxinões que morrem cantando, um esvoaçar contínuo de abelhas melíficas, discursos, enfim, inteiramente perfumados, desde a raiz até as folhas como essa planta, de que êle fala, chamada Angélica, mas tudo isto tão espiritualizado, tão embebido num sainete delicioso de coisas celestes, que se não sabe como explicar, sinão que os céus, segundo a bela expressão da Igreja, lhe chovessem n'alma o misterioso mel dos alveários divinos: *mellifluit facti sunt caeli*».

Não me seria possível analisar a obra literária de D. Aquino Corrêa numa simples crônica de jornal.

Procurei apenas frisar uma das suas facetas mais gratas e típicas.

As suas produções, já numerosa, contêm multiplas belezas aprimoradas. E, para encerrar êste artigo com palavras suas, direi que me seria verdadeiramente «impossível, senhores, borboletear sequer à flor de tantas flores».

EM MEMÓRIA DO ARCEBISPO

(Excerpto do Discurso pronunciado pelo Sr. Rosário Congro, na Escola Normal D. Aquino Corrêa, de Três Lagôas).

Nesta altura dos anos, a morte não me atemorisa.

Nem me entristece, pois sendo o repouso, que mais poderei almejar?

Há duas coisas neste mundo santas, disse Castro Alves: «o rir do infante; outra, o tombar do morto».

Berço e túmulo se completam, e sendo essa a trajetória da vida, só o egoísmo nos faz chorar na separação.

Profunda mágoa me causou a morte, esperada embora, do nosso querido Arcebispo.

Foi em 1915, há quarenta e um anos, portanto, que nos conhecemos.

Titular de Prusiade e Auxiliar de Cuiabá, aos trinta anos apenas o presbítero Aquino Corrêa ao deixar na insigne Gregoriana as cintilações da sua inteligência, mergulhava cada vez mais na cultura vastíssima que o tornaria «clássico sem ser arcáico.»

Rodrigo Otávio não sabia de outro que se lhe avantajasse na pureza do venáculo.

Autodidacta, não me foi permitido ir além, tais as contingências que me assoberbavam.

Ele mesmo o fôra, dizia, até ir-se para a Cidade Eterna, onde, perlustrando os famosos monumentos, começou a recolher a sabedoria de seus talentos.

Muito de valioso aprendi com Dom Aquino, desde aquele memorável Discurso de instalação do Centro Matogrossense de Letras, a 7 de Setembro de 1921.

Dali nos fomos tornando todos, estudiosos da beleza: *Pulchritudines studium habentes*, que era a legenda sagrada que se ouvia «desde as primeiras idades do mundo!»

Embevecido, eu lhe ouvia o verbo nas tertúlias de após o almoço, aos sábados, no Seminário.

Poucos, mas habituais, eram os sabatinos.

E as suas orações, então, sempre disertas e profundas!

Chefe de Estado, teve um dia Dom Aquino Corrêa de indicar para a Assembléia Legislativa, quatro deputados que naquele cenáculo representariam o pensamento do Executivo.

A honra me coube de ser um deles no pêndulo que oscilava entre os vinte e quatro representantes do povo matogrossense, eis que eram dez de cada um dos partidos políticos que se defrontavam.

E porisso, os vencidos nas votações, diziam: Qual! Aqui nisto, só sendo aquinista!»

Oferecia-lhe eu, ás vezes, para apreciação do Mestre, uma ou outra produção literária.

Corrigio-me o soneto Serra da Chapada, substituindo o último terceto, não porque estivesse quebrado, mas porque ficava mais adequado.

Em verdade, referindo-me ao velho sino que tangia, da igreja secular, o Grande Prelado só lhe podia apor este fêcho: «pois só floresce, eterna, a divina seara!»

Un bel morir tuta una vita onora! disse Dante, e este maravilhoso verso inspirou-me «*A gloria vejo de saber morrrer*».

Devolveu-me Dom Aquino a poesia, com a publicação n'«A Cruz», sem alteração de uma virgula. Exultei, porque Dom Aquino era discreto no elogio, ainda quando tratava com seus amigos mais chegados.

Quando não mais dispunha das graças do Govêrno, anos depois da Presidência, convidei o snr. Arcebispo para o parentesco espiritual de levar-me um filho á pia do batismo.

Hélio devia chamar-se, como se chama, o caçula.

Dom Aquino, que já me era caro, mais avultou na minha estima quando aquiesceu e me dizia em carta: — «Baptizar o sol, não é brincadeira!»

Sempre bem humorado, ainda mesmo enfermo, era um gosto ouvir-lhe os trocadilhos finos e oportunos.

Certa vez, iamos para Ponta Porã, e nos belos campos da Vacaria, bom atirador que era, tomou da arma e abateu, ligeiro, um cervo que, distante, pascia entre nédios bovinos. Não quiz repetir a façanha, com receio de prejudicar a fazenda alheia...

Saudando-o, quando em visita á Casa das Leis, agradeceu, dizendo de começo: «Devemos todos suspeitar o vosso orador. Ele falou pelo coração».

Como o faço, agora, meu grande e saudoso amigo.

DOM AQUINO CORRÊA

Jayme F. de Vasconcelos

A alta cultura nacional e o Episcopado brasileiro estão de luto. Um dos seus grandes expoentes, Dom Francisco de Aquino Corrêa, virtuoso Arcebispo de Cuiabá, deixou de iluminar com os fulgores de sua privilegiada mentalidade as sessões da Academia Brasileira de Letras — de que era membro dos mais antigos — e de perlustrar a tribuna sagrada, onde a sua palavra apostolar era frequente e sempre nimbada por um fervor irradiante e por uma cultura apologética invulgar.

O venerando Antistite faleceu em São Paulo há poucos dias, deixando nas letras pátrias como no Clero Católico um profundo vácuo, — bem difícil de preencher, eis que D. Aquino Corrêa emprestava às suas produções literárias a irização da sua Fé e aos seus sermões religiosos a envolvente sedução do seu formoso estilo, da sua cultura literária e de sua infinita bondade. E justamente por estas peregrinas qualidades morais e intelectuais, sendo o único representante do douto Episcopado brasileiro a ocupar uma cadeira no cenáculo da imortalidade pátria; o único Bispo brasileiro sagrado aos trinta e poucos anos e que foi, em momento de perturbadora agitação intensa da vida social e política de Mato Grosso, que se achava sob o domínio da intervenção Federal, chamado por inspiração do então Presidente Wenceslau Braz ao cargo de Governador do seu Estado natal, com a patriótica incumbência de sua pacificação; ao ser criado pela Santa Sé o nosso segundo Cardeal, todos brasileiros esperavam e confiavam que outro não poderia ser o nomeado!

Mas os que assim pensavam — e eram todos os homens de letras do norte ao sul do Brasil — esqueciam-se de que Roma sempre foi susceptível á discreta influência do pres-

tigio político. Dom Aquino Corrêa, Príncipe da Igreja e Príncipe das Letras, era filho de um Estado politicamente fraco, e não era político, era apenas um nobre, um santo sacerdote.

Com a morte do Arcebispo de Cuiabá, a Igreja perdeu um dos seus maiores oradores sacros e as letras nacionais um dos que mais as serviram e dignificaram, graças ao seu culto ao estilo vernacular e ao polimorfismo da sua cultura geral e dos seus conhecimentos literários.

(De «A Provincia do Pará» — 29-3-56).

UMA IMPRESSÃO DE D. AQUINO

Palmiro Pimenta

A vida de D. Aquino Corrêa foi uma linha reta lançada para o alto; eleva-se sempre sem desvios nem oscilações. E nessa constante ascensão, mais notável pela auréola pessoal do seu valor do que pelo valor das posições que ocupou, percebe-se que apenas atuaram como energias propulsoras a inteligência, o estudo, o caráter, a bondade.

A elegância moral de D. Aquino não se concertaria com o estilo manco, a frase truncada, a palavra inexpressiva. Tôda a obra perfeita destinada a subsistir requer uma expressão de beleza. E impossível é esquecer o estético dos seus discursos e conferências vasadas em puro vernáculo que muito aprimora no trato diuturno dos clássicos da lingua.

Tudo nêle era burilado pela sua pena tal se fôra o mármore animado pelo cinzel precioso.

Era um purista que reveste de indumentária magnifica a idéia de si já opulenta, a idéia caldeadora dos mais rígidos princípios de educação religiosa.

O que anima, frue, freme, estúa, vivifica e perpetualiza a obra de D. Aquino é o profundo sentimento de piedade humana que presidiu tôdos os atos de sua vida.

O seu postulado foi tôdo êle cheio de abnegações e ensinamentos à causa santa da Religião e da sociedade e constitue em exemplo digno de meditação, em que se nos depara, na eloquentissima lição dos fatos, na realidade concreta e não na abstração das teorias, a beleza e a fôrça da familia cristã, numerosa e produtiva, célula insubstituível da grandeza da Pátria e da prosperidade humana.

Acredito que tôdos quantos tiveram a oportunidade de falar com D. Aquino, sentiram logo uma nota característica do nosso saudoso Arcebispo, o seu otimismo sorridente e constante.

Há um otimismo inferior, indigno dos que não refletem e não desconhecem a miséria do mundo.

Há porém, um otimismo salutar e fecundo, inteligente e filho de observação serena dos homens. Êsse admite a existência do mal, nem pretende estultamente negá-lo; sabe que tôdo ser é imperfeito e, se livre, capás de preferir bens inferiores ao envés dos mais altos e e mais dignos da vontade servida pela razão. Êle sabe também que a imperfeição do mundo depende até certo ponto da nossa cooperação livre e generosa.

Sabe que Deus é bom e tão bom que só permite o mal porque dêle é capás de tirar o bem.

E ao passo que o pessimismo conduz lógica e fatalmente à indiferença, à inatividade, enquanto o otimismo cristão aquecido pelas chamas da caridade, irresistivelmente se traduz em ação social.

Tal foi o otimismo de D. Aquino. Nunca lhe ouvimos uma palavra de desânimo. Ainda quando as esperanças bruxoleavam, os recursos pareciam faltar D. Aquino confiava na Providência e esperava e sorria.

PERDA IRREPARÁVEL

Severino de Queiroz

Por mais que procuremos conformar-nos com o trespassse de entes queridos e de vultos, que deixam saudade, a bem dizer eterna, e lacuna imprêenchível, — bem custosa nos é, às vêzes impossível, a conformação. Verdade é que ela nos é aconselhada pela nossa formação religiosa. Além disso não há outro caminho a seguir, senão o dessa conformação com o irremediável, e que vale pela aceitação integral da determinação do Criador. A natureza humana, porém, egoísta e rebelde, parece não admitir a morte de certas pessoas, que fazem falta a tantas outras, que ficam a sofrer neste grosseiro planêta de tantas misérias!

Está nesse caso D. Francisco de Aquino Corrêa, virtuoso e pranteado Arcebispo de Cuiabá, e que Deus levou do nosso convívio, a 22 de março dêste ano, para a mansão dos justos, onde se acha hoje, dali poderá proteger-nos, guiar-nos os passos incertos e livrar-nos dos males, que não nos faltam na Terra.

A morte de D. Aquino é daquelas que não deixarão de ser choradas tão cedo pela atual geração e pelas próximas vindouras!

A Santa Madre Igreja, o Brasil e Mato Grosso acabam de sofrer essa grande perda, essa perda irreparável, que foi o passamento de um dos seus mais denodados e virtuosos filhos: D. Francisco de Aquino Corrêa.

O mesmo podemos dizer da poesia religiosa, da boa imprensa e das letras pátrias, que êle tanto cultivava e queria cada vez mais dignificadoras e muito mais cristãs. Esses poderosos meios de perfectibilidade ficaram sem a orientação e sem as luzes do nosso grande Arcebispo, do nosso seguro e sábio guia espiritual, do culto brasileiro de Mato Grosso e ilustrado filho da sua muito querida Capital,

Cuiabá, que a inspirada musa cantou e batizou com o bonito cognome — *Cidade Verde*, que está firmado em literatura e até na conversação despreocupada e na linguagem do povo.

O digno, ordeiro e religioso povo cuiabano, que o estimava com tôdas as veras, chora, saudoso o seu erudito e bondoso antistite, conterrâneo digníssimo e sábio, que elevava, lá fora, o respeitável e hospitaleiro povo da Capital do nosso grande Estado, a sempre atraente cidade de S. Bom Jesus, a imagem tão querida de D. Aquino Corrêa, grande sucessor de D. Carlos Luís d'Amour, de quem não se esquecem os fiéis da nosso longínqua e pobre arquidiocese, como também não olvidam ao santo Bispo Dom José Antônio dos Reis e de outros sacerdotes, passados para melhor vida, e que souberam dignificar o presbiterato.

D. Aquino era ótimo filho, modelar sacerdote da Sociedade Salesiana, exemplar Arcebispo, irmão bondadoso, amigo verdadeiro.

No amor à Pátria, como se pode ver da sua grandiosa obra literária, — era algum tanto extremado. Uma das muitas provas dêsse elevado amor é, por sem dúvida, o exemplo edificante, que nos dava sempre, até nas mais breves palestras, — da boa linguagem, da pureza da nossa língua, o que era das suas preocupações de primeira plana. Quando, na conversa, que sustentava com os seus amigos e visitantes, — alguém empregava um francesismo, um italianismo, espanholismo — D. Aquino chamava logo a atenção, dizendo, com aquêle bondoso sorriso, que bailava sempre em seus lábios: — «Cuidado, não é vernáculo!» Mesmo nomes próprios não portuguêses, ou aportuguesados, postos nos batizando, filhos de amigos seus, — eram colocados no índice para posteriores reclamações. Como não seria esta nossa formosa língua, se os literatos, os padres, os jornalistas, os demais escritores, os mestres todos do nosso País e do velho Portugal, os alunos de todos os cursos superiores falassem e escrevessem o português ou luso-brasileiro como falava e escrevia o nosso chorado D. Aquino! Ah! se assim fôsse! Esta mais nova e mais bonita flor do Lácio, na expressão alma de Olavo Bilac, — não estaria, como está (e há muito tempo), no criminoso abandono, em que se acha! Sim, senhores leitores, o idioma, em nosso meio, está postergado, assim por governantes como pela grande maioria dos governados! Só é estudado, com amor e carinho, por alguns professôres do vernáculo; e só é respeitada a sua pureza por muito poucos puristas (não empregado o termo no sentido depreciativo, que lhe dão os

inimigos da boa linguagem, os gramaticófobos, — de *gramáticos ranzinzas*), — aquêles que repelem os estrangeirismos desnecessários, bem assim os neologismos populares, feios, híbridos, ou pretensiosos. Um dêsses puristas não exagerados era D. Aquino Corrêa, que, senhor dos mais recônditos segredos do nosso português, escrevia escoreitamente, como se pode observar em seus numerosos trabalhos em prosa e versos. O nosso maior desejo é que os brasileiros de cultura e dignidade sigam o edificante exemplo de D. Aquino e falem e escrevem bem, para exemplo da mocidade hodierna! Muitos representantes dessa mocidade já vão pondo reparo nos muitos erros dos velhos, especialmente nos que nos dirigem: deputados, senadores, edis, pessoas dos poderes executivo e judiciário, altos funcionários, gente dos quartéis e dos jornais, ou revistas, os quais, de modo geral, escrevem mal, falam mal!...

A correção de linguagem é dignidade e patriotismo! Hajam vista os exemplos de D. Aquino e de outros.

Orador sacro e profano de primeira ordem, com seu estilo de sabor ático, D. Aquino Corrêa atraía à Cathedral de Cuiabá a intelectualidade da sua querida Cidade Verde sempre que anunciava um sermão, especialmente aquêles tão celebrados e inesquecíveis, que o bondoso Arcebispo pronunciava na Semana Santa. Tornou-se obrigação da grande maioria do povo cuiabano ouvir êsses admiráveis sermões de D. Aquino, bem assim os chamados de *Encontro*. Dava gôsto ouvir a palavra fácil e autorizada do nosso pranteado Arcebispo, assim nos sermões como em qualquer improvisado profano e até na conversação com amigos, cultos, ou não.

Era dos príncipes da Igreja Romana um dos mais eruditos e também dos mais acatados em pontos doutrinários. Sim. O que afirmava D. Aquino em pontos de fé não mais voltava à baila, porque êle havia dito a última palavra a respeito.

Dominava, além do latim, várias línguas estrangeiras, em que redigia tão bem como na sua, e que falava fluentemente: o italiano, o espanhol, o francês, o inglês.

Na ânsia de pacificar a família matogrossense, dividida por dois partidos de âmbito estadual e algum tanto extremados nas odientas retaliações, — muitas vêzes motivos de discussões de rua, de brigas e até de homicídio — D. Aquino aceitou a candidatura conciliatória para o cargo de Presidente do Estado. Vieram as eleições, e foi eleito, tendo governado Mato Grosso por 4 anos, com serenidade

e sabedoria. Conseguiu a pacificação por todos almejada e trouxe a felicidade para o seu povo bom e laborioso, que se entregou ao trabalho honrado e produtivo, como tudo é do domínio público.

Representou o Brasil num Congresso de Ensino, realizado na Suíça — Congresso que presidiu com admirável brilhantismo e autoridade, tendo falado em francês, língua oficial daquela douta assembléia.

Era membro da Academia Brasileira de Letras, — o primeiro matogrossense honrado com a eleição para fazer parte do mais alto sodalício das letras pátrias. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e era Presidente de honra da Academia Matogrossense de Letras, que ajudara a fundar com o nome de — Centro Matogrossense de Letras.

Era dinâmico no serviço da sua arquidiocese e da Igreja de Cristo; muito trabalhou para a obtenção do terreno e posterior construção da chamada — Casa do Arcebispo, que se ergue fronteira à Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá e ao lado direito do velho Seminário do morro do Bom Despacho.

Foi essa personalidade, êsse luminar da religião cristã e das nossas letras; foi essa encarnação da dignidade, êsse insubstituível amigo, que Deus houve por bem levar privando-nos, para sempre, da sua honrosa companhia, das suas luzes, da sua amizade, que muito e muito nos dignificava! Foi êsse grande brasileiro de Mato Grosso, êsse sábio e virtuoso prelado, que o País perdeu e o nosso Estado a 22 de Março dêste ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1956!

Conformemo-nos com os altos desígnios do Criador e dirijamos as nossas preces a Maria Santíssima, á Santíssima Virgem de S. João Bosco, para que, com a sua infinita generosidade e o seu poder, rogue pela salvação da boníssima e caridosa alma de D. Francisco de Aquino Corrêa!

Paz e descanso eternos a êle, para que possa ajudar-nos aqui, na Terra, e rogar pelo nosso espírito, quando Deus nos cortar o fio da vida terrena!

TOMBOU O MESTRE POLIMÁTICO

Hélio Serejo

Dom Aquino Corrêa, verzejador de extrema sensibilidade, Príncipe da Poesia Matogrossense foi, indiscutivelmente, um dos maiores poetas do Brasil. Foi tão vivaz e fulgurante como Valery e Malarmé, poetas notabilíssimos que gastaram a vida inteira na decantação de seu instrumento poético, amadurecendo, paralelamente, e sem cessar, o seu pensamento.

Como ambos, Dom Aquino Corrêa, acumulou reservas de emoções para tirar delas uma essência forte capaz de «resistir a diluição de todas as interpretações».

A maioria da sua sadia poesia foi, inegavelmente, uma comunhão grandiosa de sentimentos cristãos, afetos, bondade, puros e nobres pensamentos, enfim, uma grandiloquente e expressiva manifestação estática do Belo, onde tudo vibra, se agita, numa musicalidade engrandecedora.

Muitas e muitas delas nos fazem bater pressurosamente porque vêm revestidas do fulgor adamantino de uma profunda e humana simplicidade filosófica, que nos deleita e nos inebria.

Foi o fecundo homem de letras matogrossense, um exuberante parnasiano da poesia, um cultor magnífico da perfeição da forma que traz sempre, em seu cristalinos versos, o murmúrio queixoso das torrentes, a matinada dos pássaros esvoaçantes na verde mataria, a beleza incomparável dos nossos ocasos, o esplendor do céu matogrossense coalhado de estrelas, os gemidos amargurantes do carro de bois pela estradas ermas e desertas, o canto do curió ao cair da tarde e o silêncio magnificador das noites sertanejas. Ele mesmo disséra um dia que «todo coração de poeta traz dentro em si a nostalgia do infinito, como a concha que arrebatada ao mar, guarda para sempre em suas valsas de nacar, a ressonância saudosa das grandes águas distantes».

Efetivamente, o nosso querido poeta, trazia dentro do coração essa «nostalgia do infinito» por êle definida e trazia ainda mais, aquêle elevado sentimento de bem querer à terra natal, a qual cantou tantas e tantas vezes através de dulcíssimas imagens que brotavam dos seus versos, brilhando e entontecendo, como se fossem joias antigas guardadas, como preciosas reliquias, em seu cérebro portentoso.

Êle que sempre quiz, exaltou e adorou, o seu torrão natal, com sincero e desmedido amor, pôs em sua magnetizante poesia toda a magia estonteante da sua helênica beleza.

Para definirmos com justiça a alta personalidade do poeta Dom Francisco de Aquino Corrêa, recorreremos à seguinte expressão do erudito crítico da poesia Luiz Washington: «A função do poeta é dar às palavras o seu valor harmônico e criar de novo, com o auxilio delas, associando-as, substituindo-as, surpreendendo-as em posições inéditas, o ar de mistério de que originariamente se cercam».

Paul Valéry, notável poeta francês, nos diz ainda: «Não se faz um poêma com idéias nem com sentimentos; faz-se um poêma e com palavras. Um poêma deve ser uma festa de inteligência».

Dom Aquino Corrêa, sublime arquiteto do verso, deu a todas as palavras empregadas em suas notáveis produções poéticas esse «valor harmônico», e, indubitavelmente, os seus versos todos são verdadeiras festas de bom gosto, harmonia, graça, ritmo, melodia e inteligência.

Admirador de Malarmé, por sua filosofia, seu rigor de estilo, sua concisão e originalidade, o bem amado poeta cuiabano, conquistou o público criando um «sentido poético» todo seu que vai do lirico ao shakespiriano, do romântico ao petrarquiano. E as suas produções poéticas têm sido aquilo que êle próprio caracterizou, «composta de versos límpidos e cantantes, rimas claras e opulentas, estrofes impecáveis como ânforas de Atenas, imagens plásticas e esplendorosas».

Dom Francisco de Aquino Corrêa, o sublime e extraordinário bispo-poeta, foi uma das mais vigorosas expressões da poesia brasileira.

* * *

Morto Dom Aquino Corrêa, perde com êle, o Brasil, um dos seus mais dignos filhos e, a Santa Igreja de Cristo, um servo de grandeza, espiritual sublime...

ORAÇÃO FUNEBRE PRONUNCIADA POR DOM ORLANDO CHAVES, BISPO DE CORUMBÁ, NA MISSA DO 30.º DIA NO SANTUÁRIO N. S. AUXILIADORA

Exmo. Snr. Contra-Almirante Ivano da Silva Guimarães, DD. Comandante do 6.º Distrito Naval, de Mato Grosso.

Exmo. Snr. General João Batista de Matos, DD. Comandante da Brigada Mista.

Demais Autoridades presentes, Diletísimos filhos:

Estamos chorando a morte do maior matogrossense, de um dos mais ilustres filhos do Brasil, de um santo Arcebispo, genuína glória das missões, da Congregação salesiana de São João Bosco, em Mato Grosso.

Para aquilatar a grandeza de Dom Aquino, basta notar a ascensão vertiginosa com que êle se guindou ás alturas a que chegou.

Tendo feito seus estudos primários e ginasiais, na cidade de Cuiabá, no começo dêste século, sob o magistério dos intrépidos Missionários Salesianos, aos 19 anos bacharelou-se em Ciências e Letras. Seus mestres vendo nêle mente eleita o enviaram para estudar em Roma, onde aos 22 anos era Doutor em Filosofia. Aos 23, laureou-se também em Teologia, pela célebre Universidade Gregoriana. Defendeu Tese, falando em latim. Aos 23 anos ordenou-se Sacerdote. Com 25 anos apenas já era diretor do Colégio em que cursou os estudos de ginasio: *O Liceu Salesiano de São Gonçalo de Cuiabá*. Aos 29 anos foi sagrado bispo Auxiliar de Cuiabá, o Bispo mais moço do mundo. Com 32 anos elegeu-se Presidente do Estado, numa época das mais difíceis e conturbadas de sua História. Ao término do seu Governo, a Santa Sé o nomeou Arcebispo de Cuiabá. Com trinta e poucos anos apenas, tinha chegado a tal altura, que no seu Estado não podia subir mais.

Foi-lhe então dada possibilidade de ascender mais alto, fora de Mato Grosso, com o convite de ser Arcebispo de Bélo Horizonte, respondeu que estava bem em sua terra natal.

A pesar de conservar-se em Cuiabá, sua grandeza era tanta que em breve projetou-se no Brasil inteiro: Eleito membro da Academia Brasileira de Letras, tornou-se um dos oradores mais apreciados de nossa Pátria e poeta de escol. No Congresso Eucarístico Nacional de Porto Alégre em 1948, seu discurso de encerramento foi a melhor peça oratória entre tantos grandes oradores que ilustraram o majestoso certame de fé.

Foi outrossim membro do Instituto Histórico de São Paulo e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não se fez esperar muito a sua projeção atingiu também o âmbito internacional. Pelo Papa foi feito assistente ao sólio Pontifício. Representou o Brasil em 1938 na Conferência Internacional de Educação, de Genebra, na Suíça, em que o elegeram Vice Presidente. Fez parte da Embaixada Enviada pelo Brasil na tomada de posse do Presidente do Uruguai em 1951. Tinha um trato tão fino, que o Cardial de São Paulo, impressionado, disse dêle: «É notável que Dom Aquino nasceu em Cuiabá, no entanto parece um parisiense.»

Acima de tudo êle foi um grande Arcebispo. Organizou a Provincia Eclesiástica do Mato Grosso. Chamou para o Estado os Jesuitas e os Franciscanos, aos quais confiou as Prelazias de Diamantino e da Chapada. Formou o Patrimônio da Arquidiocese, Construiu o Palácio Arquiepiscopal, que é um dos mais bêlos do Brasil, com a renda de seus trabalhos literários e com as ofertas de seus inúmeros amigos. Eram celebres suas visitas pastorais em que êle se apresentava entre a população pobre do interior, com um caminhão carregado de presentes, para socorrer também materialmente seus filhos espirituais.

Um dos seus méritos principais foi ter reaberto o Seminário de Cuiabá, fechado havia muitos anos. Entregou-o á Congregação Salesiana que formou nêle todas as novas gerações de Sacerdotes, filhos de Dom Bosco, que hoje são os educadores dos Colégios Salesianos de Mato Grosso. O mesmo Dom Aquino foi por vários anos professor apreciadissimo de Filosofia e Teologia, e de Português, para os moços vindos da Itália como missionários.

Nêsta hora, porém, em que toda a grandesa humana passou mais convêm considerar as suas virtudes. Nisto como em tudo êle tambem foi grande.

Poéta inspirado e clássico, nunca se perdeu em temas fúteis ou escabrosos em que os artistas da métrica muitas vezes soem descambar. A musa de Dom Aquino, foi sempre nobre, elevada e casta.

Cantou em poesias que se tornaram célebres sua terra natal, com toda a sua beleza virgem. Dedicou lindos versos aos moços e á mocidade do Brasil. Exaltou as figuras dos herois da nossa História. Foi poeta altamente patriota. Tornou-se um elevado poeta cristão dos mais delicados sentimentos místicos. Quem não se comove ouvindo duas poesias dedicadas a Nossa Senhora, ao Bom Jesus? Eis como êle canta as glorias de sua batina:

Minha pobre batina mal cerzida,
Tu vales mais que todos os amores,
Pois, negra embora enches-me de flores
E de esperanças imortais a vida.

Com seus sorrisos encantadores,
Zomba o mundo de ti, de ti duvida;
Não sabe a força que me dás na lida.
Em te eu beijando os místicos fulgores.

Tu serenas do orgulho as brutas vagas,
E ao mostrar-me do mundo a triste sina,
Toda a volupia das paixões apagas.

Oh! como o bravo envolto na bandeira,
Contigo hei de morrer minha batina,
O minha heróica e santa companheira.

Como orador ele não só fez discursos sacros, mas também tratou com competência, raro e inflamado amor pátrio, temas históricos patrióticos. Seu discurso sobre Tamandaré, na inauguração de seu monumento na Praia do Botafogo em 1950, valeu-lhe a comenda de grande oficial da Ordem do Mérito Naval, concedida em 1952, em Cuiabá. O da transladação dos despojos dos herois da Retirada da Laguna, de seus túmulos para o Monumento da Praia Vermelha em 1941, e outros feitos para o Exército, grangearam-lhe a condecoração de Comendador da Ordem do Mérito Militar em 1954.

Entre as virtudes que adornaram sua alma, três se destacam com maior fulgor, a Bondade, a Humildade e a Piedade.

A Delicadeza cativamente com que tratava a todos éra fruto de sua Bondade. Não teve inimigos, ou melhor, ganhou até seus inimigos com a Bondade. As vezes foi atacado pela imprensa por despeitados e invejosos do seu próprio Estado. Ele, porém, nunca respondeu a êsses ataques. Nem sempre foi tratado com a consideração que êle merecia,

por pessoas muito inferiores a êle que galgaram o poder, e, houve casos até que o perseguíram de inveja pelo prestígio de que disputava perante o Governo Federal. Êle, porém fingiu desconhecer as indelicadesas com que o maltratavam e as pagava com visitas repassadas de cordialidade.

Sua Bondade foi tão atraente, que êle fascinava e sua roda de amigos e admiradores, em toda parte foi enorme. Dotado de grande inteligência e espirito pronto, para tudo e para todos, tinha saídas graciosamente irônicas que tornavam sua convivência e conversação alegre e sumamente agradável.

Sua Humildade transparece em uma de suas últimas pastorais. «O Testamento do vosso Arcebispo». Não obstante ter feito tanto por sua Diocese e por seu povo, reconhece que nada fez e se penitencia por isto. Eis como aparece sua profunda humildade em seu testamento: «Que meu enterro seja feito a vontade do meu testamenteiro, com a maior simplicidade permitida pela Igreja, e é meu desejo, embora disso não me julgue digno, que meu corpo seja sepultado na capela-mór da Cathedral, ao lado dos meus antecessores. *In Cornu Evangelii*, junto aos degraus de acesso a mesma capela em frente a balaustrada da Comunhão, de modo que uma singela inscrição lembre aos comungantes que rezem pelo falecido Arcebispo. O que tinha de dizer aqui aos meus caros diocesanos, á maneira de confidências, despedidas e conselhos, já procurei fazê-la na Carta Pastoral intitulada «Testamento do Vosso Arcebispo» que entendendo se considere parte integral desta escritura. Só me resta pedir publicamente perdão a Deus e ao próximo; a Deus pelos meus inúmeros e enormes pecados de pensamentos, palavras, obras e omissões, principalmente nos deveres do officio; e ao próximo, a quem tenha ofendido, especialmente com máus exemplos e escandalos, suplicando a todos, irmãos no sacerdócio e na Congregação, filhos e filhas espirituais em Nosso Senhor Jesus Cristo, parentes e amigos, enfim que ajudem com suas orações a encomendar a Deus minha alma, e a esperar firmemente até o fim, na multidão das divinas misericórdias. *In te, domine, speravi, non confundar in aeternum.*

Os grandes santos foram profundamente humildes, apesar de sua grandeza. A humildade é a virtude da temperança pela qual nós conhecendo a nossa miséria, moderamos a exagerada estima de nós mesmo, que nos pode ser inspirada pelo nosso orgulho.

Santo Agostinho foi um dos homens mais santos e sábios da humanidade. Pois sua humildade inspirou-lhe «as suas confissões», que são o melhor testemunho de sua profunda humildade.

Em Dom Aquino foi edificante também sua Piedade. Os latinos chamavam de piedade a virtude que levava os filhos a amarem carinhosamente a seus pais. O Cristianismo chama piedade a virtude com que amamos a Deus como nosso pai e demonstramos-lhe nosso amor filial com frequentes e sentidos atos de religião.

A Piedade de Dom Aquino era notória pelo modo edificante com que exercia os atos de religião; a missa, a oração, o breviário e suas mesmas práticas e sermões. Ele passava horas rezando na Igreja, deante do Santíssimo Sacramento. Em São Paulo, quantas vezes o vimos denovo longo tempo em oração no Côro do Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Estas virtudes perfumaram seus últimos instantes no leito de morte. Quando a Irmã de Caridade no Hospital de Santa Catarina lhe disse que era hora de receber a Extrema Unção ele respondeu «A Extrema Unção já a recebi 3 vezes», e olhando para as unhas e vendo que já estavam roxas, prosseguiu: «posso recebe-la mais uma vez». A quem lhe disse que estava rezando por ele, respondeu humildemente e em verso: «Reze para que saiba morrer bem, quem bem viver não soube». No ultimo momento pediu aos que o circundavam; Rezem o «Adore te devote»... É uma oração em versos, o Hino de Santo Tomaz de Aquino, a Jesus, presente na Eucaristica. E todos começaram comovidos, pois o momento da última agonia é sugestivo: *Adore te devote, latens Deitas. Quæ sub his figuris vere latitas: Tibi se cor meuntotum subiicit. Quia te contemplans totum deficit.* Adoro-vos devotamente ó Divindade escondida, que debaixo dos véus eucaristicos vos ocultais verdadeiramente, a vós meu coração se entrega inteiramente, porque contemplando-vos todo desfalece. O canto tem 7 estrofes: a última diz: Ó Jesus a quem agora vejo oculto — concedei-me, Vos peço, o que tanto desejo; que vos vendo face a face seja feliz com a visão da Vossa glória Amem.

A o terminarem estas palavras, ele fez gesto de ajustar o travesseiro para repousar, inclinando-se a esquerda, e exalou o ultimo suspiro. A morte descerrou-lhe os véus do mundo sensível e abriu-lhe a visão eterna de Deus a que ele fez jus pela sua santa vida. Morreu como um poeta ouvindo uma poesia e morreu como um santo Arcebispo num ato de puro amor de Deus.

Dom Aquino ao falecer, deixa uma grande lição aos que abandonam a religião apenas galgam uma posição no mundo. Ensina-nos com sua vida que não é incompatível a grandesa humana com a grandesa cristã. Ao contrário êle se serviu de sua grande inteligência, da riqueza dos seus dotes naturais, para ser profundamente cristão. Foi um genio e foi um santo. Seu sepultamento mais pareceu um triunfo do que um funeral. Logo que soube de sua morte o próprio Governador de São Paulo ofereceu seu avião pessoal para o transporte do corpo a Cuiabá. As 16 horas do dia 23 de março voltava seu cadaver a Cidade Verde de onde êle tinha saído fazia poucos dias. A sensação de dor pelo seu passamento inesperado invadiu a todos. A noticia de sua chegada toda a população da Capital matogrossense foi esperar o féretro em São Gonçalo, organizando-se aí majestoso cortejo funebre até a Catedral, onde se expoz o caixão. O povo chorando, em filas intermináveis, passou deante do seu cadaver para o último adeus àquele que tanto fez por Cuiabá e por Mato Grosso. As orações se sucederam sem cessar. Sua figura esbelta conservou sua nobreza com a majestade da morte. No dia 24, dedicado a Na. Sa. Auxiliadora, foi o sepultamento. Às 9 horas — Missa Pontifical de corpo presente, com a participação de 5 Bispos, do Governo e demais Autoridades e de grande massa popular. Fez a oração funebre o Exmo. Snr. Bispo Auxiliar. A tarde antes do sepultamento foi o ultimo adeus ao povo de sua Arquidiocese. Toda Cuiabá: estava presente. Quando o féretro saiu da Catedral, foi coberto pela bandeira do Brasil e a policia do Estado, enfileirada, deu três salvas de fuzil para o chão em continência por ter sido êle Chefe do Estado. Depois de uma hora de procissão o caixão voltou e, na porta da Catedral, falaram 12 oradores: Dêsde o secretário do Estado, o Deputado, o Desembargador, até o Jornalista, o operário, a mulher cuiabana, e os escolares. Tudo acompanhado de pranto de saudade. Como Arcebispo foi sepultado em sua Catedral onde vela pelo seu querido povo.

E nós agora no responsório sobre êste cadafalso que lembra seu caixão lancemos um última benção e rezemos a derradeira oração do reconhecimento e da saudade por aquêle que tanto glorificou Mato Grosso, o Brasil, a Igreja e tanto nos beneficiou.

SANCTIFICA IN VERITATE

Oração fúnebre proferida por Dom Camilo Faresin, Bispo Coadju-
tor de Registro do Araguaia Mt. nas solenes exéquias de 30.º dia do
falecimento de S. Excia. Revma. Dom Aquino Corrêa, no Santuário de
Maria Auxiliadora de Cuiabá.

Outra pessoa, bem mais competente, deveria estar
aqui para dizer o elogio fúnebre do Exmo. D. Aquino... há
um mês desaparecido aos nossos olhos, porém sempre mais
presente à nossa memória.

«*Non omnis moriar*» — Não morrerei de todo — e
Dom Aquino não morrerá facilmente na alma cuiabana, an-
tes na alma salesiana e brasileira; pois a memória do varão
justo será abençoada eternamente.

Talvez fui procurado eu, como um dos filhos espiri-
tuais mais querido do ilustre falecido, e por isso mais prou-
to a respigar nos íntimos e noltálgicos arquivos das me-
mórias do coração.

Não é difícil falar de Aquino: difícil é falar bem e dig-
namente de uma personalidade tão distinta, e elevada. Com
que edificação não ouvimos a Êle, com a simplicidade de
D. Bosco, contar na maravilhosa história de sua vocação na
sessão magna do Congresso Eucarístico de Cuiabá! Como
nos encantou com a sua narração; como nos comoveu.

Quantas vêzes, nós, que fomos criados á sua escola,
provocávamos Sua Excia. para que nos falasse de sua vida—
e Êle, como pai que ama satisfazer aos filhos, nos cativava
horas a fio, com os mais íntimos pormenores dos fatos sa-
lientes de sua vida pobre e humilde: quando pequeno es-
tudante no seminário, de manhã cedo era acordado por D.
Carlos de Amour para lhe ajudar missa; quando prêso pelo
estudo do Latim, baloiçando-se na rêde, ficava o dia inteiro

com gramática e vocabulário à mão, lendo «Vergílio» «o poeta virgem» — encantando-se com a língua do Lácio, que Ele chegaria a falar e escrever com propriedade e arte admiráveis. Como nos lembrava, para animar-nos na perseverança em nossa vocação aquêle «4 de Novembro de 1902. Alta madrugada, beijei a mão a meu pai e partí para sempre do lar paterno».

Os superiores descobriram logo no «Chiquinho» uma inteligência de escol e encorajavam-no a completar seus estudos em Roma.

O trabalho intelectual era-lhe fácil: a memória prodigiosa o favorecera; o «*Studium scientiæ*» o apaixonava; formou-se uma cultura religiosa, filosófica, e teológica, profana e literária, que ainda nos últimos tempos despertava uma santa inveja nos grandes doutos de nossos dias.

Roma pagã o atraiu, mas a Roma cristã o encantou: assimilou o espírito Católico e Salesiano, que o distinguirá por tôda a vida: a Igreja e a Congregação Salesiana, em cujos mananciais haurira abundantemente a doutrina e bebera o espírito genuíno que formára a sua paixão a vida tôda.

De Roma, manda uma fotografia ao Pai: nela está o «Chiquinho» lendo um enderêço de homenagem ao S. Padre, Pio X e Ele no «retro» escreve: Um Bororo diante do Papa. Encontra-se o sucessor de S. Pedro com o servo de Deus D. Rua, e fica tão impressionado, que numa sublime poesia lhe retrae a figura física e moral.

Deve voltar para sua terra, mas Roma «capita mundi», que Ele considerava sua 2.^a Pátria custa-lhe deixá-la e Ele canta o seu «Adeus a Roma», numa longa *sátira*, que se divertia a recitar-nos e cuja declamação do alto do Capitólio arrancou aplausos e a nós lágrimas de saudades. Sómente tivemos que dizer já vão muitos anos: «Ó Roma adeus» — Tomada a direção do seu Liceu Salesiano S. Gonçalo, é surpreendido pela nomeação a Bispo-Auxiliar do D. Carlos de Amour: era o Bispo mais jovem do mundo, o 1.^o Bispo Salesiano do Brasil, a 1.^a vocação Salesiana de Mato Grosso, que desabrochava em tôda a sua beleza.

As alternativas políticas de partidos em «luta fratricida» escolheu a Dom Aquino como o candidato da Conciliação: Ele que nunca sonhava em política, aceitou de ser Governador do Estado em circunstâncias particularmente difíceis, com o único fim: o bem de sua terra, ou como Ele gostava de dizer, de sua gente: cumprir a sua missão, como imposição da vontade de Deus, como um dever sagrado.

Mas na sua completa personalidade, nós compreendemos a D. Aquino como o Arcebispo de sua cidade natal, da Cidade Verde, de Cuiabá.

Ele gostava de citar o trocadilho latino:

Si sanctus est, oret pro nobis: Si alguém é santo, que êle reze por nós.

Si sapiens est, doceat nos: Si é sábio, seja, o nosso mestre.

Si prudens est, reget nos: Si é prudente êle nos governe. E D. Aquino foi o arcebispo santo, sábio, prudente.

Dom Aquino *Arcebispo santo!*

Santidade feita de piedade: sincera, profunda, simples, diria quasi infantil. Quando rezava ainda as preces mais comuns, ou celebrava a Santa Missa a gente, ao lado dêle, se sentia como que enlevada. Êle comunicava o seu fervor, o que andava na alma: quase que se via a sua fé na Eucaristia, sentia-se o entusiasmo por Maria Santíssima. Quem não lembra o famoso discurso da inauguração do monumento da Imaculada lá do morro do Bom Despacho? «Ou Maria ou Morte» foi o seu grito. E a alocução sôbre a Eucaristia à juventude do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro. Os últimos dois escritos. E o amor ao Papa? Duas são as magistrais pastorais sôbre o Vígario de Cristo que mereceram aliás elogios do mesmo «Osservatore Romano» e no Testamento do Vosso Arcebispo: como primeira das três recomendações que deixou a seus filhos foi o amor à Igreja e ao Papa.

Por mais de 50 anos, como Salesiano tôdos os dias depois da meditação, rezou a oração consagrada a Maria Auxiliadora, cuja linda tradução oficial em português vemos a Êle: Pois bem: naquela oração se pede a Nossa Senhora que Ela nos ensine a copiar em nós as virtudes do nosso santo Fundador: «A angélica modésdia, a humildade profunda, a ardente caridade» — as três virtudes que distinguiram Dom Bosco e foram também características do nosso ilustre falecido.

Perto de Dom Aquino respirava-se a pureza. Porque Êle era o encanto da infância e da mocidade? Exatamente pela sua delicadeza de consciência, que lhe transparecia dos modos. Êle chegava até ao escrúpulo neste ponto e nem sequer imaginava que no mundo pudesse haver certos pecados.

Mas ornamento da modéstia, era a sua humildade. Com quanta simplicidade Êle contava da sua origem pobre. Como Ele atribuía tudo o que era depois de Deus, à Congregação

Salesiana que o vem tirar do meio de seu povo para colocá-lo no candelabro. Os seus modos humildes atraíam a si grandes e pequenos, pobres e ricos, doutos e ignorantes. Ninguém sentia acanhamento em se lhe aproximar e para todos tinha a palavra conveniente, alegre, consoladora: ninguém nunca se afastou dele humilhado — É próprio dos grandes tornar-se pequenos com os pequenos.

Filho espiritual de D. Bosco apóstolo da caridade do século passado, discípulo de S. Francisco de Sales, o santo da mansidão, Dom Aquino copiou em si a caridade e a bondade dos dois. Sabia amar a todos: êle não tinha inimigos; e, como se disse no dia do entêrro, a sua palavra benéfica e a sua mão generosa chegavam a todos.

Fiel ao ditado que «o barulho não faz bem, e o bem não faz barulho», a quantos Êle não distribuia a esmola que não humilha; para quantos Êle não procurou uma colaboração que melhorasse a situação familiar ou individual! Êle nunca se declarou credor de ninguém mas sempre devedor a todos. E quando, por impossibilidade, não podia ajudar a quem pedia ou devia negar a quem era importuno, Êle não fazia sentir a sua recusa e preferia sempre sofrer a fazer sofrer. Nós que fomos desde a nossa juventude alvo de suas atenções e carinhos, conhecemos tôdas as suas delicadezas, que, às vêzes pareciam puerilidades e eram fruto de caridade, de amor.

Dom Aquino, como bem se vê andou no caminho de D. Bosco e portanto no caminho da santidade. *Santo e sábio*. Dom Aquino nasceu talhado para os estudos e até que pôde dedicou-se ao trabalho científico com uma paixão sublime: era o amor à ciência que o atraía, para transmitir aos outros a luz da verdade, que nos torna livres.

Que de cartas pastorais não nos legou, que discursos maravilhosos e em várias línguas, quantas obras literárias de sumo valor! Mas sobretudo tôdas estas obras para educar, formar, elevar os espíritos para o bem. Não era a cultura pela cultura, mas a cultura em função de um verdadeiro apostolado, com um espírito sempre sobrenatural, que transparecia de sua palavra, de seus modos, de seus atos. «*Si prudens est, regat nos*»: si é prudente, êle nos governe.

A prudência foi a virtude característica do govêrno de D. Aquino, seja como chefe de Estado, seja como Arcebispo metropolitano. A tudo Êle sabia chegar com tato delicado; para

qualquer problema. Êle dava a solução que não doía a ninguém, para todos. Êle possuía a palavra que iluminava, guiava, confortava.

No pastoreio da Arquidiocese, pelo espaço de quase 35 anos, Êle deixou um marco indelével, espargiu a bôa semente da palavra de Deus, com uma abundância talvez única, tentando de chegar a todos com as qualidades do Bom Pastor. Quanto não lutou, não se humilhou e não sofreu para conseguir a divisão de sua imensa circunscrição eclesiástica em outras duas, para que a todos os seus filhos raiasse a luz salvadora do Evangelho de Jesus Cristo. — E todo êsse trabalho, tantas vêzes insano, muitas vêzes devêras heróico, pela sua saúde fraca e frequentemente abalada, com o sorriso nos lábios, porque alicerçado num forte espírito sobrenatural.

Na sua preciosa existência, Êle bem realizou o lema do brasão de sua terra «*Virtute plus quam auro*» a glória se conquista muito mais com o valor, com a virtude, com a santidade, do que com o ouro material, com as riquezas do mundo, ou melhor ainda, com tôda a sua atividade. Êle quiz «atualizar» existencializar o programa que colocára em suas armas episcopais e que fôra a oração de tôda sua vida: «*Sanctifica in veritate*» Senhor santifica-me e santifica a todos na verdade.

Meus senhores, a Vossa presença me diz quanto vós estimais e amais a D. Aquino: Eu vos agradeço, porque vies-tes ainda uma vez prestar homenagem ao maior matogrossense. Agradeço ao Govêrno todo pelo interêsse, que tomou, agradeço as autoridades tôdas, ao fôro, à Família Cuibana: Todos que sentiram como luto próprio a morte do nosso Pai e Pastor.

Dom Aquino, a tua figura cresce, se agiganta diante de nós: tu continuas a ser o nosso mestre e guia, lá do céu, onde nós já te cremos na posse da glória eterna, pede a Deus por um novo Pastor e Pai, como tu fôste para todos nós, e nós ficaremos aqui não a chorar a tua morte, mas a lembrar e a imitar a tua vida de heroísmo, de bem, de santidade.

**ORAÇÃO FUNEBRE PROFERIDA PELO REVMO. PADRE PEDRO COMETTI,
NA MISSA DO 30.º DIA DO ARCEBISPO DE CUIABÁ**

Fechando o ciclo dos dias de sua passagem sôbre a terra, na serenidade da sua fé, na esperança de sua imortalidade, numa última poesia de amor a Jesus Eucarístico, inclina a fronte augusta, cerra os olhos e recolhe-se aos domínios da eternidade. A sua grandeza, a cintilação de sua inteligência, a auréola das virtudes, o afeto de seus filhos, não lograram prolongar essa vida gloriosa!

Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo que foi, de Cuiabá, Conde Romano, decano dos Arcebispos do Brasil, glória das letras Pátrias e do Episcopado Nacional, Ex-Presidente de Mato Grosso, o maior dentre os cantores de seu Estado Natal, vergou ante a soberania que poupa os grandes e os pequenos, os reis e os pastores, os sábios e os humildes.

O Arcebispo ultrapassou a meta. Dobrado de canseiras, carregado de méritos, abençoado pelo céu e pelos homens, reclinou no leito de morte para acordar em frente às grandes recompensas asseguradas aos que lidam nas boas pelejas e nas causas sagradas e dignas.

Para Êle, soou a hora da paz!

Incumbido pelos irmãos de Congregação, aqui me encontro, nesta amarga contingência, para a saudade, do afeto e da gratidão.

Não se trata de medir benemerências, ou aquilatar o preço de uma grande obra; não é, também, o momento de enquadrar, no vasto panorama da Igreja, da Literatura e da História do Brasil a figura singular de um dos Bispos e Literatos mais notáveis de seu tempo. Essa é a justiça da posteridade.

Por enquanto, para consolo de nossas mágoas, hão de bastar as luminosas certezas da fé, povoando das mais suaves esperanças, êsses vazios que a morte vai incessantemente abrindo, na carne viva dos nossos corações.

E que existe ainda outra vida, a eterna, outra pátria, a celeste, essa em que nos havemos de encontrar. E depois da beatífica visão e a posse do bem supremo, essa há ser a parte mais doce da nossa bemaventurança: o reencontro daquêles que aqui se amaram e entre cujas imagens se interpõe agora, humedecido de lágrimas a densa neblina da saudade.

Nasceu o Sr. D. Aquino, na legendária cidade de Cuia-bá, a 2 de Abril de 1885, na amena chácara á beira do rio homônimo. Foram-lhe pais, Antonio Tomaz de Aquino Corrêa e Maria d'Aleluia Gaudie Aquino Corrêa. Orfão aos 5 anos de idade, canta êle as tristezas da infância sem mãe:

«E me vestiram de roupinha preta,
Das crianças na chusma gaia e inquieta
Eu, de luto brinquei.
A gente me dizia «coitadinho»
Tão criança e sem mãe! Então sozinho
Muitas vezes chorei!
Assim fugiu-me a meninice pura,
Sem beijos, sem caricias, sem doçura,
Ó minha mãe, sem ti!»

Fez-lhe, entretanto, Deus mercê de um pai excepcional, que soube educar o filho, com o exemplo luminoso de católico convicto e prático, pai cuja lembrança aureolada das mais altas virtudes, acompanhará o filho, Sacerdote, Presidente, Arcebispo em todos os instantes da vida!

Santo Pai, que entregou para o serviço de Deus o filho caçula e as duas únicas filhas! E na hora da morte, o velhinho octogenário teve a confortar-lhe as derradeiras horas, as filhas religiosas e o filho Arcebispo, que outrora «ele vira partir, um por um, deixando-lhe o lar deserto mas que voltavam então, todos êles, corações a exuberar carinhos e preces, para lhe abrirem de par em par, as portas do Paraíso.

«E numa dessas noite em que o filho, hora já avançada, velava á sua cabeceira, dedicado e carinhoso, o velho pai, ao ver cintilar na penumbra da alcova, o anel pontifical, sentiu-se comovido, de ter ali, o seu filho e o seu Arcebispo, naquêle mister de enfermeiro, e disse-lhe com voz afogada em pranto «Deus o abençõe!»

«Ó meu Deus, escreveu êle mais tarde, como esta benção me calou no fundo da alma! Foi uma das suas últimas palavras, e ficou-me gravada no coração como a última vontade do seu amor!»

Cursou as escolas primárias com professores particulares e os estudos secundários no Liceu Salesiano de S. Gonçalo. Foi o melhor aluno que por ali passou, exuberante de vida, de sã alegria, primeiro, sempre, nos estudos. Presidente da Companhia de S. Luiz, com o seu exemplo e a irradiante simpatia de sua personalidade, exerceu um fecundo apostolado de bem entre os colegas.

Concluidos os estudos ginasiais entregou-se, sozinho, ao cultivo das linguas vernácula e latina, com tanta paixão êxito que, daí a pouco, cumpanha belos versos em ambas as linguas.

Sorria-lhe o mundo com suas vaidades, a fascinação do século o empolgava

«... pelo universo em festa,
que luz! que amor! que poesia ardente!
Ha tanto sol nas perfumadas festas
tantos delirios na manhã ridente!

Entretanto, após muito pensar, após muito rezar, sentiu que o eterno sedutor de corações «Sedutor Ille», o chamava para a vida religiosa.

E na manhã de 4 de Novembro seductor de 1902, Francisco, o idolo da sociedade cuiabana, o jovem elegante e festejado poeta, dava um último adeus ás vaidades enganadoras do mundo e na flor das suas 17 primaveras, entrava para o Noviciado Salesiano do Coxipó da Ponte.

Dêle são êstes versos:

«Beije um dia a velha mão paterna
E fui-me! Além a aurora esplendia
Da vida a lágrima chorei mais terna,
Por ti, Virgem do azul, por ti Maria!
Sobre o telhado rubro um hino brando
E matinal a passarada erguia
«Adeus meu lar» disse, e parti chorando
Por ti, ó Virgem sem rival, Maria!»

A 19 de Março de 1903 despia as roupas do século e envergava a negra sotaina dos soldados da Cruz, a batina que ele cantou nestes versos:

«Minha pobre batina mal cerzida,
tu vales mais que todos os amores,
pois, negra embora, enches-me de flores
e de esperanças imortais, a vida!...

Findo o ano de noviciado, inicia os estudos filosoficos. Mas, o Revmo. P. Antonio Malan, Inspetor que era, dos salesianos, resolveu mandar o Clérigo Aquino para Roma. Lá no centro do Catolicismo, ao contacto de mestres exímios, iria haurir a ciência filosófica e a teológica. E cousa admirável, frequenta êle, contemporaneamente, duas faculdades, a de Teologia e a de Filosofia a Gregoriana e o Angelicum, qual a qual mais antiga, e gloriosa, e por ambas, após 5 anos de ininterruptos estudos, é-lhe conferido o título de «Doutor» *máxima cum laude!*

Sacerdote e Bispo

Ordenado em presbitero a 17 de Janeiro de 1909, após celebrar a primeira missa sôbre o túmulo do Principe dos Apóstolos, volta para a sua terra natal em 1910. Conselheiro escolar do Liceu S. Gonçalo, é nomeado no ano seguinte Diretor, tão jovem quão sábio, virtuoso e prudente.

Diretor e professor de eximias qualidades, a 2 de Abril de 1914, no dia em que completava 29 anos, o Sumo Pontífice S. Pio X, o preconizava Bispo Titular de Prusiade e Auxiliar do Arcebispo D. Carlos Luis de Amour.

Cuiabá, a velha e pacata Capital, estremeceu de júbilo ao ver o primeiro filho seu guindado ás honras do Episcopado. Sagrado a 1.º de Janeiro de 1915, era êle o Bispo mais moço do mundo inteiro! Ao lado do octogenário Arcebispo D. Carlos era bem, o jovem Bispo Auxiliar, «a flor e o sorriso dos seus atribulados e provecos anos de apostolado».

Presidente de Conciliação

Em 1917 «ha mais de ano, o pampeiro das discórdias partidárias desenfreado-se árdego e repentino sôbre o Estado de Mato Grosso, revolveu-o lado a lado nos sobresaltos da mais diuturna e profunda crise, que registrou seus fastos políticos. Avermelhavam-se em sangue fratricida os horizontes do mesmo Estado. Quem havia de ser o Anjo da paz, em época tão conturbada e ameaçadora? O jovem Prelado, diante daquêle quadro sombrio do presente e da fatalidade trágica do futuro... de junto do Altar, se levantou sob os agulhões imperiosos da consciência para pre-

gar «a mensagem cristã do perdão, e da caridade, único arco-iris naquêlo tenebroso naufrágio de instituições e leis de direitos e deveres».

Foi então que a confiança dos políticos de sua terra e a palavra do Chefe da República o roubaram ao remanso espiritual do apostolado e lhe entregaram a gestão suprema dos negócios do Estado, em época tão revolta e calamitosa. Foi o candidato da Conciliação.

«Foi-se-lhe entregar nos braços um Estado agonizante. Saia êle, estrangulado e semi-morto, dentre as garras da mais angustiosa crise, vestes estraçalhadas e feridas abertas, e lhe verterem o derradeiro sangue».

Seria D. Aquino o Samaritano de sua terra! «Mas quantos trabalhos, quantos sacrifícios, quantas amarguras, quantas decepções!...

E êle, á custa de imensos sacrificios, sempre sereno, sempre justo trouxe para Mato Grosso:

«...como a pomba alvissareira
o sempre verde ramo de oliveira...
impossível pareceria e inacreditável.

Mas a paz sorriu! Os partidos se uniram contra o Bispo Presidente. Foi êle o Presidente, a vitima da paz do seu Estado, porque como êle... «a paz é flor celeste que sôbre a terra não viceja senão, mimosa parasita nos braços da cruz...»

Arcebispo Metropolitano

Ao deixar a suprema Magistratura do Estado, outra investidura recebia o nosso grande morto: a de Arcebispo Metropolitano de Cuiabá. Filho obedientissimo da Santa Igreja, aceitou esta grande e pesada cruz, temida e recusada por outros. E, aos 35 anos, o mais jovem dos Arcebispos brasileiros, empunhava o báculo de douradas tradições, e começava o pastoreio espiritual de sua terra.

Não cabem nos estreitos limites de um elogio funebre, os trabalhos, as benemerências, os sofrimentos, as humilhações, a caridade dêste tão grande quão humilde pastor. Trabalhou no silêncio, no escondimento, por isso que trabalhou em profundidade. Durante mais de 30 anos, enquanto lho permitiram as forças, em exaustivas visitas pastorais, levou a luz e o calor do seu grande coração, aos mais invios sertões. Êle, o Arcebispo tão aristocrático, visitava uma a uma, as choças e palhoças daquelas perdidas aldeias

do interior. E o fazia com tanta amabilidade, com tanto amor, com tanto gosto, como se estivesse nos salões fidalgo das grandes capitais.

Durante quase 40 anos, pregou a palavra de Deus a seus diocesanos, organizou as Páscoas coletivas de homens, senhoras, moças, moços, com esmeradas e magistras conferências preparatórias. Formou elites católicas, sustentou, redigiu e dirigiu o Jornal «A Cruz». Formou o patrimônio da Arquidiocese, com trabalhos e humilhações só de Deus conhecidas. Dividiu a imensa Arquidiocese em duas Prelazias, confiando-as ao zelo iluminado e ardente dos Jesuítas e dos Franciscanos.

Construiu o Palácio dos Arcebispos, no qual êle, não quis morar, continuando a viver em três velhos e pauperimos quartos, dormindo num catre sem colchão; deu o magnífico palácio para os pobres e para os operários.

Mas, de modo todo particular, teve um grande, um imenso coração para com os pobres e desventurados, filho que foi de S. João Bosco, o maior coração que tenha pulsado no século XIX. Êle, que chegara a vender uma preciosa cruz peitoral, cravejada de esmeraldas para prover às necessidades da Arquidiocese, teve magnificências de rei e entranhas de pai em espargir esmolas. E nem os íntimos lhe conheciam os protegidos e nunca acenava aos benefícios feitos.

Mas, naquele tristíssima tarde de 24 de Março, quando o coração cansado de D. Aquino ia repousar na sua Catedral, uma enorme multidão em prantos, acompanhava o feretro. Eram viúvas, orfãos e pobres a quem, às ocultas, o velho Arcebispo socorria e sustentava. Jovens, senhoras, homens máduros, para quem o Arcebispo arranjara uma colocação, melhorando-lhes as condições econômicas.

Famílias a quem o paterno e santo coração de D. Aquino, restituira a paz e a união desfeitas... As lágrimas dos humildes, formaram, naquela cruciante hora, a mais fúlgida coroa sobre o feretro daquele, que para seus filhos, sorridente e meigo, doara 40 anos de dedicações paternas, tanto mais preciosas quanto mais ocultas.

A grande voz do Brasil

Tantos fulgores de inteligência e ardores tão incendiados de coração, não deviam iluminar e a querer tão só os sertões em flor de sua terra natal. Durante muitos anos, foi êle, o Arcebispo Acadêmico a magnífica e altíssima voz da Igreja Católica do Brasil. Falou de Deus, da Virgem Auxi-

liadora, defendeu a Santa Igreja, exaltou a moral cristã, cantou as glórias da Pátria, na Academia Brasileira de Letras, no bronze do pulpito da Candelária, na colina do Ipiranga, nas grandes praças da Capital da República nos salões históricos do Itamarati e no Joquei Club do Rio, perante as multidões eletrizadas pelo seu verbo inflamado, diante de Chefes de Governos, de Ministros e Embaixadores, perante a augusta Assembléia dos Arcebispos e Bispos do Brasil.

Foi a voz de ouro que inaugurou as galas do Congresso Eucarístico do Centenário da Independência, que abriu o Congresso E. N. de Porto Alegre.

Foi o embaixador Brasil que presidiu o Congresso Internacional da Instrução em Genebra. Não foi porém apenas o poeta e o orador que assomou aquelas iluminadas e altíssimas tribunas. Foi sempre e acima de tudo, o Sacerdote, o Salesiano, o Bispo, a quem confiara Deus esta gloriosa e sublime missão: ser a elegante e clássica voz de Deus e da Igreja para os grandes do mundo. Foi o arauto da verdade e do bem, nas doiradas fêrrides da Pátria Brasileira. Foi poeta e apóstolo da juventude. Foi apóstolo de Cristo, pela arte e pela beleza, e pela poesia.

Como Jesus outrora, abeirado do sepulcro de Lazaro, sentimos rebentarem as lágrimas do coração, ao contemplarmos este funebre monumento de dor e de saudade, que na sua eloquentíssima mudez, nos está a proclamar que o Venerado Arcebispo de Cuiabá, dormiu o derradeiro sono. A Congregação Salesiana, a Inspeção de Mato Grosso, que foi a sua Inspeção, por Ele tão amada e tão dignificada, chorada a perda de tanto Filho e quisera ouvir nesta hora, a voz taumaturga do Mestre a repetir, solene e divina e palavra da vida: *Veni foras!*

«Levantai-vos D. Aquino, morto, mas imortal, que ora me ouvis do além-túmulo: do sarcófago da vossa Catedral, com a sinistra apoiada serenamente ao báculo de ouro e a dextra erguida, no gesto patriarcal da bênção! D. Aquino que com a mão a cintilar sob a gema do vosso anel, apontastes ao Brasil, os caminhos luminosos do dever e da fé. D. Aquino, que com as vossas doutas cartas pastorais orientastes a aristocracia dirigente do país, para os ideais cristãos, da eterna sabedoria: que evangelizastes as populações mais humildes dos nossos invios, penetrais, sentando-vos as mesas do caboclo, para lhe encherdes de alegria a alma e a cabana sertaneja.

Vinde D. Aquino, receber o preito comovido da nossa admiração e carinho, e os sufrágios religiosos da nossa caridade filial, sempre apreensiva ante os juízos dêsse Deus, três vezes santo, em cuja presença nem os céus e nem os Anjos são puros.

E agora, que os olhos da nossa religiosa saudade vos contemplam entre nós, com o vosso paterno sorriso, com as vossas cãs imaculadas, escutai a nossa promessa: de sermos fieis aos vossos ensinamentos, fortes na fé que defendestes, ardentes na caridade que praticastes, afim de que um dia, num canto de eterna e ímortal poesia, possamos, gozar convosco, da eterna bemaventurança. *Assim seja!*

Campo Grande, 21-4-1956.

DOM AQUINO

Pe. Ebion de Lima

A 22 de Março último D. Aquino passou da imortalidade acadêmica para a imortalidade sem paródia.

As letras pouco perderam com a sua morte, mas a humanidade empobreceu. Porque D. Aquino foi mais empolgante como homem do que como homem de letras.

Um homem que viveu sempre em clima de refinada altitude. Era sempre de cima que ele tinha a visão das coisas.

Bondade sem artifício, elegância e grandeza de alma sem nenhuma ambição. Enfim uma superioridade sem arrogância, antes muito simpática e sobretudo acessível.

Era tão acessível que a sua musa estava continuamente a disposição de todos. E ele fez versos para futebolistas, para costureiras, para o 40.º aniversário, das Vozes de Petrópolis...

Versos encomendados que, para um grande poeta português, era o diabo, pois os versos se devem fazer quando êles querem, não quando os outros exigem...

E é de ver o malabarismo poético de D. Aquino para compensar com a surpresa da forma a pouca poesia de temas enxutos. Aqui um espécime comovente, pela graça da piedade e pelo acerto dos trocadilhos:

A Nossa Senhora da Pena

(Venerada em Jacarepaguá como protetora dos jornalistas)

Tu que proteges a pena
Do humilde herói do jornal,
Olha e vê, quanto ele pena,
Nessa luta contra o mal.

Tem pena de tanta pena,
E sôbre o mártir do ideal,
Desdobra a macia pena
Da tua asa maternal.

Faze, Senhora, que as penas
Sofridas por teu amor,
E essas intrépidas penas,

Com que exalça o teu louvor,
Sejam-lhe, enfim, leves penas
Para voar ao Tabor!

D. Aquino era um homem parnasiano, espírito de molde estruturalmente aristocrático. E como o estilo é realmente o homem, não se concebe para D. Aquino uma outra escola literária senão a de Lescomte de Lisle. A sua poesia só poderia ser vazada olímpicamente; um absurdo esperar dêle qualquer coisa em «ritmo dissoluto»...

Certa pose sem afetação, certo ar de tranquilidade e segurança e a dignidade que lhe ajuntava a nobre sotaina, faziam dêle aquilo que se chama «uma figura hierática».

Homem de coração e inteligência, de alma unvida pelo bálsamo do Evangelho, singrou sem nenhum fél o mar de incompreensões que inunda a nossa vida no contacto com os nossos semelhantes.

Negou-se sempre a qualquer movimento de polêmica e era tão superior que antes apoiava sinceramente todo ataque que lhe desferiram com alguma nota de talento. Ainda últimamente nos recordava a quente atmosfera dos tempos em que assumira o mandato presidencial de Mato Grosso em 1917. E saboreava como anedota o atrevimento de um jornalzinho que no fragor da luta pusera garrafalmente uma epígrafe: O Bispo Aquino Está dominando a politica, mas arrumada de jeito tal que se devia ler iniludivelmente: O Bispo aqui no Estado minando a política...

No tempo em que o Agripino Grieco aprontava na crítica nacional de uma gozadíssima palhaçada em torno dos acadêmicos, D. Aquino foi atingido com manifesta injustiça e leviana irreverência.

O crítico granjeou muitos inimigos com tudo aquilo. O Arcebispo, ao contrário comentava com os seminaristas todas aquelas malignidades referentes a sua pessoa, acrescentado mais espirito sem o menor ressentimento, e não seria por aquelas pilhérias de mau gosto que ele introduziria na sua vida a novidade de ter inimigos.

Uma das faces mais edificantes da personalidade do Arcebispo falecido era o seu entranhado apego ao espírito da Congregação Salesiana a qual pertencia e honrava. Como D. Bosco que antes de tudo era o sacerdote, D. Aquino, homem espontaneamente e contagiosamente pio, foi em todas as circunstâncias o ministro de Deus, um portador de suavidade religiosa e de apelos para as realidades do Alto.

No próprio discurso de posse na Academia observou Humberto Campos, «não tergiversára, sequer, em condenar, perante um público de pecadores elegantes, a beleza literária inspirada pelo pecado». Pois na apreciação do Conselheiro XX os dois Arcebispos D. Silverio e D. Aquino, na lista acadêmica, eram os «únicos filhos naturais da Igreja ou de Deus. O resto, ali, pertence ao Diabo... Pois foi naquele recinto que em 1937 pronunciou a sua mensagem aos homens de letras; um sermãozinho sobre tolerância e sobre o verdadeiro humanismo. Literário e elegante, mas um sermão!

«*Sanctifica in veritate*» era o lema pastoral de D. Aquino. O ideal do homem perfeito, do homem do cristianismo, do homem novo que D. Aquino elaborou em si mesmo e que realmente, segundo a escritura, foi criado *in justitia et sanctitate veritatis*.

(De Vozes de Petropolis—Revista Católica Cultura—Maio-Junho 1956)

DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

Pe. Francisco Leme Lopes

Muitos são os aspetos sob as quais pode ser estudada a personalidade de Dom Aquino Corrêa.

Príncipe da Igreja e Príncipe das Letras, o salesiano ilustre que a 22 de março ultimo, terminou em São Paulo sua carreira mortal deixa exemplos dos mais edificantes. Poucos matogrossenses terão como êle honrado o torrão natal. Um instante mesmo foi escolhido para o govêrno civil de seu Estado. Era um nome de conciliação por entre politicos desavindos. E sua administração representou um padrão da maior honradez. Quando a Santa Sé o elevou a plenitude do sacerdócio, foi o Bispo mais jovem da Cristianidade. Ao morrer, era o decano do Episcopado Nacional. Com sua acentuada vocação literária, cultivou com esmêro a poesia. E sua voz foi das mais eloquentes que já se fizeram ouvir em púlpitos brasileiros.

Mas é especialmente para sua alma profundamente religiosa que se volta nêste instante a nossa saudade. Dois objetos atraíam particularmente sua piedade: o Santissimo Sacramento e a Virgem Maria. Basta folhearmos seus volumes de poesia ou de discursos para vermos a frequência com que se ocupa dêsses temas. Um testemunho pessoal. Quando vinha ao Rio de Janeiro, Dom Aquino nos dava, aos Jesuitas a insigne honra de hospedar-se conosco. Vizinho seu de quarto, posso testemunhar como eram prolongadas suas visitas ao Santissimo Sacramento. Passava horas — sem exagêro: horas — na tribuna donde se pode contemplar a Hóstia Imaculada.

E como falava de Maria Santissima! Era a «Musa Celeste» que lhe inspirava os mais belos cantos. Daí seu amor às Congregações Marianas. Particularmente expressivos

seus versos de 1938 a Mocidade Mariana. Lembrando a «formosa juventude» da «fita azul que há de salvar o mundo», diz-lhe:

És a gentil cavalaria andante
Da pluma azul»...

Assim se dirige aos Congregados:

Mas vós, os voluntários do heroísmo,
Donzéis e paladins da Imaculada,
Vós é que sois a flor do patriotismo,
E as esperanças desta Patria amada».

Em seu discurso sôbre «A Virgem da Guanabara», ao ensejo da coroação litúrgica da Imagem de Maria Auxiliadora», pronunciado em Niterói a 22 de Outubro de 1950, descanta em prosa o que com eloquência proclamára na poesia e exalta «o coração dos marianos». Assim se expressa: «Onde quer que se glorifique a Rainha, aí não póde faltar, como aqui não faltou, a sua guarda de honra. A guarda de honra da Rainha Virgem e Mãe são as Congregações Marianas. Verdadeira guarda de honra, porque não se pode honrar melhor a Maria, do que santificando a virgindade e a pureza. Tal é justamente o programa dos Congregados Marianos».

Mais adiante: «Daquí o panorama consolador que nos deparam países católicos, onde essa falange branca de milhões e milhões de marianos nos dá a impressão edificante duma encantadora floração de lírios, por sôbre os pântanos do vicio.

«Daquí o milagre estupendo dêsses moços heroicos, que vitoriosos de todas as seduções, em pleno sorriso da vida e da virtude, encantam-nos com a sua beleza moral, dando-nos impetos de beija-los na frente, como se beijaria um anjo descido do céu:

«Daquí, enfim, as energias sobrenaturais, que nessa palestra espiritual, íntima e fecunda, adquirem êles para seu mimoso apostolado juvenil, em nome de Maria.

«Não admira, pois, a insistência, com que de há três séculos a esta parte, os Sumos Pontífices, desde Gregório XIII e Bento XIV, até Pio XII, gloriosamente reinante, vêm recomendando as Congregações Marianas; enaltecendo a Companhia de Jesus, a quem se deve a genial organização e manutenção das mesmas; vigiando a integridade dos seus estatutos; encomendando-as aos Bispos, e por fim, em

nossos dias, declarando-as, em documento da mais alta valia, uma como vanguarda florida e brilhante das milicias universais da Ação Católica».

A seguir, comentando uma palavra de Augusto Comte, que, ao sublinhar a beleza da devoção a Nossa Senhora, chama a Santíssima Virgem «A dama dos corações desocupados», lembra que os congregados têm o coração desocupado de erro e do vício, «Corações desocupados! Gloríai-vos de o serdes vós, ó congregados de Maria!... Reconhecei aí a condição básica e essencial ao caráter impoluto dos paladinos da Imaculada: corações ocupados e preocupados com as misérias do mundo, não podem ser marianos».

Coração desocupado dos amores profanos e das vaidades terrenas, era por certo o de Dom Aquino. E assim, quando meia hora antes de seu trânsito, a religiosa enfermeira do Hospital Santa Catarina, ao qual se recolhera, avisa do fim próximo, pede que lhe administrem todos os sacramentos. Depois de recebê-los, incitam-nos à confiança lembrando que sua vida foi devotada a Deus e à Igreja: Nosso Senhor há de recompensá-lo por seus merecimentos.

«Que os Anjos digam amém as suas palavras». E logo fecha para sempre os olhos às coisas da terra o fervoroso devoto do Santíssimo Sacramento e da Virgem Imaculada.

(Da revista «Estrela do Mar» do Rio — Junho de 1956).

ORAÇÃO DO JORNALISTA AUGUSTO MÁRIO VIEIRA

Meus Senhores !

Aqui neste mesmo local, falando como primeiro orador ao lado deste busto, saudei em vida o eminente Arcebispo D. Aquino Corrêa, em nome da cidade dos seus sonhos, que em festa, com o seu povo, comemorava apoteoticamente os seus 50 anos de vida religiosa.

Hoje, falando sómente diante do bronze, êsse bronze duro no dizer de Rui, que dá a impressão de um homem duas vezes morto, não deixa de ser êsse mesmo bronze a mais amiga e carinhosa das homenagens.

O povo, no seu alto sentimento trouxe para a Praça Pública a imagem do mais querido dos cuiabanos, que não podendo mais ser visto vivo, pelo povo da sua terra, aqui, e, bronze, recebe as homenagens de saudades da sua gente, acontecendo bem diferente das próprias referências do mestre Rui, que afirmava que nas multidões de hoje em dia se gastou e extinguiu êsse culto das virtudes e glórias de exibição talhadas no marmore ou vasadas no bronze. As turbas agora passam descuriosas e irreverentes, sem levantar os olhos, pelas imagens dos grandes homens, alçados nos seus pedestais de granito; e a impressão da sorte dessas personagens, condenadas, numa exposição eterna, a distração dos transeuntes, é a do suplicio da indiferença, imposto aos glorificados.

Com D. Aquino, em bronze, isto não acontece !

O povo da sua Cidade Verde, não deixa o seu nome se mergulhar na neblina do esquecimento. Homens, velhos e crianças, por aqui passam, levantam os olhos, fitam o bronze e então encheram, com recordações e saudades a figura insinuante e notável do glorioso Príncipe da Igreja e das letras o Arcebispo de Cuiabá.

Mas, êste mesmo povo, amante da sua terra, que hoje aniversaria, bem interpretado pelos seus nobres representantes não permitiu que a Cidade Verde de D. Aquino, nesta data gloriosa para todos nós, efemeride muitas vezes festejada pelo calor do patriotismo e pela inteligência encantadora do homenageado, comemorasse os seus 237 anos sem que se fizessem ouvir palavras de homenagens a mais alta cultura matogrossense, que nasceu nos 167 anos de Cuiabá, para morrer nos seus 237, com 70 anos, apenas por dias com 71, assinalando sua preciosa existência notáveis serviços prestados ao Brasil.

Senhores!

Surpreza foi para mim, falar no dia do aniversário de Cuiabá, saudando a sua imortal figura. É que os ilustres Vereadores conhecem o meu entusiasmo por esta grande terra, que também já a representei no Legislativo Municipal, e desde que de lá me afastei, em momentos notáveis, com êste, os nobres Vereadores a mim se dirigem e me convocam oficialmente para participar dos festejos da cidade.

D. Aquino Corrêa:

Aqui está a cidade de Cuiabá, a sua terra querida aos seus pés numa homenagem de respeito e amor.

Algumas incoerências ou maldades promovidas, si elas existiram, contra a sua respeitável figura, êste povo pede-lhe perdão e aqui, hoje, reunido em praça pública, reafirma pela construção moral dos seus filhos, que o cuiabano, o cuiabano excencia, o cuiabano nobre o tinha como o Arcebispo de uma grande bondade, o tinha como tudo aquilo que disse o imortal Menotti Del Pichia... Sacerdote pacífico, orador manso e persuasivo, autoridade suprema no setor Cultural do Estado, apolitico e neutro pela própria função sacerdotal.

O seu povo depois do seu desaparecimento, fala a boca cheia, tão cedo, as vezes profetizando-se nunca mais... Cuiabá terá um homem notável diante do altar da Pátria, como foi D. Aquino Corrêa.

Ainda foi Menotti, que escreveu, momentos depois da sua morte: Cruzou a mão no peito para o descanso que fazia jus êsse trabalhador incansável. Há mortes que parecem premios: o longo labor dá direito a descanso. E quando se morre assim, em cheiro de santidade, o drama final de uma vida toma a feição de apoteóse. Não seria nada demais, si no hospital onde morreu êste Arcebispo, se tivesse ouvidos, na hora da sua agonia um coral angélico e depois,

palpebras descidas, mãos inertes, uma grande revoada de asas. Para o ceu levaram a alma dêste bom companheiro os anjos do Senhor, porque ha dezenas e dezenas de anos para o ceu êle trabalhava.

Pois bem estamos falando em bronze com o nosso querido Arcebispo. Do alto êle nos acompanha. E o pedido de Cuiabá ao seu ilustre filho, que tôdos os anos lhe dava um régio presente, na voz do seu belos versos, hoje, morto, com o cheiro da Santidade, que ilumine o espirito de um cuiabano em flor, para que seja o seu substituto, porque D. Aquino, como sentimos diferente a Cuiabá sem o seu cantor imortal. Mande-nos um outro porque Cuiabá muito precisa.

Cuiabá, 8-4-1956.

DOM AQUINO

Floriano de Lemos

1 — A grande saudade do companheiro

Mais um companheiro que desaparece, depois de quase 40 anos de convivência estreitada por uma série de ideais comuns: Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá. Nascemos no mesmo ano: trabalhamos juntos durante a Intervenção Federal em Mato Grosso e depois dela, de 1918 a 1920, êle governando o Estado e eu como seu auxiliar, na direção da Gazeta Oficial. Ambos amávamos as belas letras com igual devoção, tendo o destino apenas nos separado na profissão — de padre e de médico, afinal muito ligadas as duas pelos deveres que as fazem confinar com as missões. Durante o tempo em que servi junto ao govêrno de Dom Aquino, almoçava, regra geral, no palácio, com êle e com o seu secretário particular — aquêle santo que se chamou o padre Manuel, mais tarde arcebispo de Goiânia também há pouco falecido. Por isso tudo, pode-se imaginar com que saudades vou referir-me ao egrégio espirito que acaba de desprender-se da terra, para enamorar-se definitivamente das regiões da Luz.

2 — O primeiro contacto com o Bispo

Quando em Janeiro de 1917, fui visitar o bispo de Prusiade, no Liceu dos Salesianos, de Cuiabá, tive uma agradável surpresa, encontrando-o no seu pequeno apartamento, a folhear um livro de Guimarães Passos. Eu havia funcionado, no ano anterior, como inspetor de exame no Colégio Santa Rosa, em Niterói, instituto educacional onde pude compreender a extensão da obra dos Salesianos, especialmente a de Dom Bosco, da qual um resumo me foi oferecido através de um opúsculo traduzido pelo prefeito do

Colégio, o então padre Helvecio (hoje arcebispo de Mariana), outro grande amigo meu.

O bispo de Prusiade era Francisco de Aquino Corrêa, o mais moço, naquela época, dos componentes do Episcopado Nacional.

Passaram-se alguns dias, a êle me convida para uma festa, uma Kermesse que se realizaria no Pôrto, em benefício das obras da Igreja de São Gonçalo; pediu-me, nessa ocasião, que contribuisse com o óbulo da viúva, fazendo uma conferência literária. A assistência seria principalmente de moças — e assim deixava o tema dessa palestra à minha vontade.

3 — A conferencia que virou sermão

Fuí à Kermesse. O bispo falava verdade: havia moças em gárrulos enxames, oferecendo pequenos objetos de arte, feitos com escamas de peixe, e balas e sequilhos, paninhos de renda, e mil outras coisas mais, que a rapaziada presente adquiria iluminado o negócio por sorrisos encantadores. Logo que me viu, Dom Aquino levou-me para um lugar onde trepei sôbre um caixote, improvisada por êsse modo a tribuna da qual eu falaria. Feita a apresentação, falei sôbre *Maria*.

Ninguém contava que êsse fôsse o assunto da palestra, entremeada com citações de S. Bernardo, S. Jerônimo e demais autores da Igreja. E quando, generosamente aplaudido por todos, desci da tribuna, Dom Aquino segredou-me ao ouvido:

— Isto nunca foi conferência. Muito bom sermão...

4 — A intimidade com o artista

Desde então, ficamos muito amigos. Quando estávamos sós, trocávamos versos. Dom Aquino era viceralmente um artista. Nos seus discursos nas prédicas da missa e até nas suas Pastorais, via-se o cuidado que punha na frase, muita vez rematada por um delicioso imprevisto. Seu português castiço, ouro de lei, vernáculo purissimo. E como tinha paixão pela terra natal cuja história conhecia a fundo, as suas melhores produções poéticas, a meu ver, foram as que dedicou aos tarumeiros, aos morros revolvidos pelas catas, à procura do ouro, ao heroísmo dos bandeirantes que fundaram a Cidade Verde.

Cem anos que ainda eu viva, não me esquecerei do entusiasmo com que descrevia o espetáculo impressionante do *Vêu de Noiva*, queda de água diante da qual se detiveram,

encantados, os primeiros exploradores, à altura do Coxipó. As últimas estrofes eram estas:

«Foi assim que, num pincáro de Serra,
Deus quis perpetuar, ó minha Terra,
a festa virginal do teu noivado».

5 — Dom Aquino e Dom Emanuel

No govêrno do bispo de Prusiade o seu secretário foi o padre Manuel Gomes de Oliveira. Alguns anos mais tarde, ambos se tornaram arcebispos, de Cuiabá e de Goiânia, respectivamente, como *Dom Aquino* e *Dom Emanuel*.

Duas autênticas e expressivas glórias da Igreja Brasileira. Profundo preparo em tôdas as ciências e artes, grande talento creador, delicadeza diplomática, bondade natural, formavam em ambos êsses sacerdotes um conjunto de qualidades que os impunham em sociedade como dois vultos fora do comum. Dom Aquino encarnava o tipo máximo da cultura matogrossense: Dom Emanuel, a maior figura de todo o clero nacional.

Comparando-os, agora que já não existem no nosso meio, lembro-me do paralelo que foi feito entre Vieira e Bernardes, numa página que pertence, de há muito, às nossas antologias: Vieira (no caso, Dom Aquino) ainda mesmo falando de anjos, tinha os olhos na terra, enquanto Bernardes, até quando tratava das coisas mais profanas (como Dom Emanuel), tinha o pensamento voltado para o Criador.

Eu explico o que acontecia com Dom Aquino da seguinte maneira: êle não entrou para o Seminário por obediência à fôrça incoercível de uma vocação. Foi o seu digno Pai que lhe inspirou a carreira em que devia tornar-se uma glória. Mas a sua infância, ao lado das meninas e dos meninos do seu tempo, foi a mesma dos companheiros que então teve; e, sem dúvida, essas vivências deviam ter constelado, para todo o sempre, o espirito do jovem que teve de preparar-se para o sacerdócio.

Honesto e resignado, com uma consciência naturalmente religiosa, êle veio a ser um Pastor de Almas completo. Pena é que não tivesse chegado ao Cardinalato — que tanto mereceu.

6 — A contagiosidade nos trocadilhos

As notas com que compús a presente crônica redigida ás carreiras, representam apenas a necessidade de não deixar passar sob silêncio a morte de um amigo e compa-

nheiro de multíssimos anos. Num livro que tenho em preparo — *Perfis do meu tempo* — figura o estudo da personalidade de Dom Aquino, feito com carinho e desenvolvimento.

Mas quero ainda lembrar uma face interessante do espirito jovial do Arcebispo de Cuiabá: gostar de trocadilhos. A mesa, naqueles memoráveis almoços do tempo de governador do Estado, não raro mandava, na hora da sobremesa, o empregado *catar atas* no quintal, tendo porém o cuidado — recomendava — de não trazer nenhuma *ata dura* nem *ata rachada*... Quando lhe aparecia um individuo que não via, já fazia muitos anos, olhava para os de casa e perguntava se «não seria o *Tomaz Queimado*»...

Pois sabem o que me aconteceu, ao retornar ao meu lugar de redator desta fôlha, de volta de Mato Grosso? Foi isto: os meus colegas de jornal (instalado agora no largo da Carioca) receberam-me em charola, saudando-me assim: «*Eis Dom Aquino Corrêa*...» «Mas eu respondi, imediatamente:

— *Aqui no Correio*. Porque continuo a ser o Floriano de todos os tempos, no Rio e em Cuiabá...

Rio 16 de Junho de 1956

*Meu prezado mestre e insuperável beletrista amigo,
J. de Mesquita. Saúde.*

A UNITER, sociedade cultural que exerce atividade beletrica no Rio de Janeiro (União Nacional e Internacional de tôdas as Energias Renovadoras) ciência, artes e letras, bem como a sociedade de Homens de Letras do Brasil, a que tenho a honra de pertencer, levaram a efeito, 5.^a e 6.^a feira p. p. duas sessões de homenagem póstuma ao nunca suficientemente elogiado por humanas bôcas, nosso comum amigo: — D. Aquino Corrêa.

Ambas as sociedades desenvolveram notáveis programas de saudade, exaltando a figura excelsa do varão de Deus em terras cuiabanas florescente.

Confesso-lhe meu caro, com inteira fidelidade que, nunca senti tamanha emoção na vida e nem experimentei maior saudade em qualquer tempo.

Parecia ter ao lado aquêlê vulto mágico que brincava com os auditórios do seu tempo, pondo no coração de cada um novo encantamento, cada vez que alçava modulada e encantadora voz que, dava curso às catadupas de luz do verbo insopitavel e acachoante de caminho terso pelo alveo da ideia.

Li depois de tantos outros que disseram suas, duas poesias de minha apoucada lavra, mas fi-lo com a unção de quem deposita flôres sobre um túmulo estremecido, certo de que o seu ocupante já não ali está.

D. Aquino vive para as idades e o espaço escuro e frio de uma tumba não pode conter o espirito gigantesco que êle foi nas letras e na fé, tanto quanto na piedade e no patriotismo, assim como na dignificação da terra em que nasceu, como do Deus a quem serviu, dando de sua inteligência fulgurante o máximo que um humano pode oferecer!

São dois sonetos, um dêles, deve estar no arquivo precioso do passado, pois, foi-lhe endereçado por ocasião do seu aniversário natalício no ano de 1953.

Era para mim uma data caríssima e, onde quer que estivesse parabenizava-o, mesmo que fosse telegraficamente. E outro, fi-lo agora, aproveitando o motivo do primeiro, complementando aquêles, com o fim único de homenageá-lo também naquelas duas secções literárias.

Ei-los:

«GENETHLIACA»

O justo como a palmeira florescerá (David)

A Pátria brasileira comemora
a data aniversária, neste dia
do antiste cuiabano, a quem, nesta hora
meu peito parabens também envia.

Por vós querido amigo est'alma implora
a Deus, saude e paz, justa euforia,
nos dias da existência e, desde agora
até à eternidade, em alegria.

Por vós que tendes sido em meio agreste
a glória perenal do vosso Oéste
no seio da família cuiabana,

Vivendo pela fé, roble florido
que o tronco à terra tem e ao céu metido
da fronde o solideu, na flora humana.

Janeiro de 1953

NÊNIA

As arvores não tombam; morrem de pé;
o justo vive ao passar para a eternidade.

A Pátria brasileira, hoje deplora
com infinita mágua, em desatino
o lance inesperado que incorpora
ao mundo além da vida, a Dom Aquino.

Também com ela vai no tempo em fora,
curtindo o seu pezar meu pequenino
e pobre coração, subindo embora,
que entôa junto a Deus da Glória o hino.

Êle que foi na vida est'outra glória,
da terra em que nasceu para a vitória
cantando o nome e a raça cuiabana

Passou... como os gigantes da floresta
de pé, com o seu Deus, tendo a alma em festa
como um roble imortal da flora humana.

Junho de 1956

Júlio Costa

O BOM PASTOR

Discurso do Des. Mario Corrêa da Costa, na festa do Arcebispo, em homenagem a D. Aquino.

A Igreja, sempre sábia nas suas determinações e nos seus mandamentos, oferece a meditação dos fiéis, no Evangelho de hoje, o perfil do Bom Pastor, e consagra êste domingo, ao culto da autoridade espiritual. E é por isso mesmo que, com êste ágape de cordialidade, desejamos homenagear aquela mesma autoridade, na pessoa veneranda do insigne Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Ornamenta, para satisfação nossa, esta manifestação de apreço que tributamos ao excelso Pastor da Igreja cuiabana, a realização da 3.^a conferência dos Bispos da Província Eclesiástica de Mato Grosso, com a presença de S. S. Excias. Revmas. Dom Orlando Chaves, operoso e dedicado Bispo Diocesano de Corumbá, Monsenhor Alonso Silveira de Melo, apostólico prelado de Diamantino e insigne batalhador dos nossos ínvios sertões, Dom Wunibaldo Talleur, Prelado da Chapada dos Guimarães, onde realiza obra digna dos maiores encômios e Dom Antônio Campelo, Bispo Auxiliar, incansável defensor de nossas boas causas.

Aos ilustres Pastores, as homenagens da sociedade cuiabana.

Peço senhores meus, desculpas pelo desalinho de minha modesta oração; mas, a responsável por isso é a comissão incumbida da efetivação desta homenagem a D. Aquino Corrêa.

Sim, como poderia eu, humilde magistrado, sem o dom do colorido, sem estudo da língua, cumprir a missão que me confiaram — deixar a minha voz soar em saudação ao gigante das letras matogrossenses, sempre deitado em berço esplendido do estilo e da opulência, não fosse a certeza do indispensável beneplácito de todos os presentes.

Mas assim farei o possível, com o coração e a alma em festas, emocionado com essa honrosa deferência.

Ah! cidadãos ilustres, pudesse eu cantar nêstes acanhados periodos, as pastorais, os conselhos e as advertências de nosso querido arcebispo, não teria por certo nenhuma dúvida em fazê-lo, uma vez que em ensinamentos que tais, encontramos alegria e a razão de ser de nossa própria vida terrena.

As pastorais do preclaro arcebispo, nos dizem que, em verdade, viemos a êste planeta por alguns mêses apenas, para fazermos jús á vida eterna.

Lendo-as e buscando bem compreendê-las, sentimos que, realmente, nascemos e vivemos para, antes de tudo, reconhecermos a existência de um só Deus — a quem devemos glorificar e adorar — eis que nosso pai e amigo, Senhor dos senhores, Dono do universo, que Ele mesmo criou.

Vêde bem, ilustres senhores, um só Deus, Senhor absoluto de nossas vidas — da deste mundo, que é efemera, e da outra, que, como Ele proprio, não terá fim.

É, exatamente, a êsse Deus, que D. Aquino Corrêa sacrificou toda a sua exuberante mocidade, sempre com êsse paternal sorriso, que abrilhanta ainda mais a sua inconfundível personalidade.

Sentimos, senhores (até parece contrasenso) na obra cristã de nosso chefe espiritual neste Estado, que tinha razão o libérrimo Victor Hugo ao afirmar que «toda ciência acaba em adoração».

Vosse Excelência Reverendissima D. Aquino Corrêa, com a devida vênia, imortalizou-se muito antes que os homens lhe conferissem a imortalidade acadêmica.

Sim, meus senhores, pois, principiava a desabrochar a flôr dessa imortalidade e já não poderia mais ser olvidada por nós, matogrossenses a figura por todos títulos encantadora e excepcional do nosso homenageado, cuja imortalidade real nasceu, sem dúvida, no instante feliz em que milionário de energias moças para dominar nêste mundo repleto de prazeres profanos, procurou na luz maravilhosa e radiante da divina, misteriosa e soberana Cruz, abrigo seguro contra as enganosas tentações, oferecidas graciosamente, são os responsáveis diretos pelo desequilibrio universal, os responsáveis pela ordem e segurança do mundo.

Foi assim, meus ilustres conterrâneos, que se imortalizou, de fato o nosso festejado, que impellido por inspiração divina — segredo de Deus! — se apresenta voluntariamente, para renunciando *in eternum* as deliciosas aventuras que a humanidade soe oferecer aos seus jovens e substituindo essas ilusões pelo voto de pobreza, pela solidão

e pela austeridade, impostas pela batina, combater pela rainha das causas — salvação das almas, cujo preço foi a própria vida de Jesus, como homem.

Dir-se-ia até que o nobre arcebispo, jurando amôr e fidelidade á batina, sua inseparável companheira, como que pecou por inveja, uma vez que se casaram como se fossem a infância e a inocência.

Ah! arcebispo, as suas tristezas, as suas lutas, as suas preocupações, os seus desvêlos, os seus sofrimentos para satisfação e felicidade nossa, produziram exelentes frutos, não obstante, ás vezes estranharem a esterilidade do ambiente. Desejam por ventura uma prova?! Ei-la, esplendorosa! Sim, a magnificiência desta solenidade, ilustres cidadãos, fala bem alto do respeito e da consideração que a sociedade matogrossense tributa ao inclito sacerdote.

Salve! pois, Dom Francisco de Aquino Corrêa, um dos principes da elegância intelectual brasileira, e, talvez, o maior dos matogrossenses.

Dom Aquino Corrêa, sabemos que V. Excia. Revma. tem derramado, com resultados positivos insofismáveis, por isso que visíveis a olho nú, por todo o nosso Estado, e quem sabe por toda a Pátria muito amada, santas benções de Bom Pastor, exemplos de civismo, de fé e de esperança num Brasil mais cristão, por isso mesmo mais unido mais forte, mais feliz.

DOM AQUINO

Paciência de santo — Jamais disse não — Foi, na época, o bispo mais moço do mundo — Governador de seu Estado natal aos 32 anos — Pode ser cognominado o Arcebispo da simplicidade.

W. O. Bodstein

Sómente às 11 horas vim a saber que Dom Aquino falecera em São Paulo, às 20, 30 horas do dia anterior. Dirigi-me imediatamente para o aeroporto, pois queria contemplar, ainda uma vez aquela meiga figura de sábio e de santo.

Ao chegar, do aeroporto de Congonhas telefonei para o Liceu Coração de Jesus, de onde me informaram que o corpo seguira para Cuiabá, em avião especial, cedido pelo Governador do Estado bandeirante.

Deus quisera de outra maneira, Louvado seja Deus!

Não me fôra dado ver o cadáver desse querido amigo talvez para que eu conservasse na memória aquela figura estuante de vida, aquela fisionomia serena e risonha, aquela figura de verdadeiro santo.

Não cheguei a ver no meu pai espiritual a máscara da morte! Da morte que tanto apavora os ímpios, mas que constitui o «suspiro dos santos», no dizer do Padre Manuel Bernardes.

Arcebispo da simplicidade

Fui ao Liceu. Desejava, ao menos, rever o local em que estivemos tantas vêzes juntos e no qual Dom Aquino passára seus últimos dias de vida.

Deus foi generoso para comigo ao conceder-me a ventura de desfrutar por muitos anos a companhia dessa grande alma. E foi justamente no Liceu que melhor pude aquilatar do espírito alegre e brincalhão desse Príncipe da Igreja e das nossas letras, da maneira bondosa e cordial com que tratava a todos, pois ali o acompanhava a todos os instantes.

Cativava pela sua irradiante simpatia e pela generosidade do seu coração.

De uma paciência sem limites, nunca se aborrecia com alguém. E, ao lhe ser feito um pedido, jamais disse não.

Uma qualidade, porém, sobressaia, se assim podemos dizer, das demais, a sua simplicidade. Pode Dom Aquino ser cognominado o Arcebispo da Simplicidade, essa rara virtude que é o apanágio dos sábios.

O bispo mais moço do mundo

Foi Dom Aquino, na época, o bispo mais moço do mundo, pois no dia em que completava 29 anos de idade viu-se eleito, pelo Santo Padre Pio X, bispo titular de Prusiedade e auxiliar de Cuiabá. Com 29 anos foi eleito Presidente do Estado de Mato Grosso, seu torrão natal, e com 36 anos elevado ao cargo de Arcebispo Metropolitano de Cuiabá. Nos últimos anos era, no cargo, o arcebispo mais antigo do Brasil e o assistente ao sólio pontifício mais antigo em todo o mundo. Por êsses motivos costumava dizer que já era digno de museu...

Espirito Brincalhão

Do seu espirito brincalhão, perspicaz e irônico, podemos ter uma idéia pelos fatos seguintes:

— Certa vez, ao tomarmos o bonde, uma jovem que também embarcava ao avistar Dom Aquino, deu três pancadas na madeira. Percebendo que eu havia visto, sorriu para mim, como a se desculpar. Ao descermos perguntei a Dom Aquino se havia reparado na moça ao nosso lado. «Aquela que sorriu para você» — perguntou prontamente. Explique-lhe a razão do sorriso, e êle: «Por que você não me disse? Se tivesse sabido ter-lhe-ia dito: «Vou rezar a Nosso Senhor para que não se case».

— Quando o acompanhava, costumava informá-lo do nome da pessoa que lhe dirigia. Uma vez no Palácio Guanabara, o arcebispo esperava para falar com o saudoso dr. Gabriel Monteiro da Silva, então secretário do presidente Dutra, quando êste se aproxima. Imediatamente anunciei-o, em voz baixa, mas percebi que Dom Aquino não chegara a ouvir-me entretido que se encontrava, palestrando com um amigo. Conversou o dr. Gabriel alguns minutos com o eminente prelado mas vendo que êste nada lhe dizia de especial perguntou: «Está esperando por alguém Dom Aquino?» ao que respondeu o arcebispo, aproveitando a oportuni-

de para fazer um de seus costumeiras jogos de palavras: «Sim estou esperando; é melhor esperar que desesperar». O dr. Gabriel pede licença e se retirou quando, então fiz ver a Dom Aquino que aquêlé é o próprio dr. Gabriel. O ilustre acadêmico, fez-se anunciar novamente, e, ao voltar o secretário da Presidência, abraçou-o e disse-lhe: «Mas, doutor Gabriel o senhor está mais moço que nem o havia reconhecido...»

Completaria 71 anos

Tôdas essas recordações e muitas outras, acudiram-me, diantes do velho Liceu.

Perambulei dois dias pelas ruas de São Paulo, revendo os lugares por onde, juntos, havíamos passado.

E hoje, 10 dias após a sua morte e véspera do dia em que deveria completar 71 anos de idade, a saudade dêsse grande amigo mais se acrisolou.

Dizem que quando morre um amigo morre também parte do nosso ser. E bem sei quando isto é verdade.

Se Deus quis que eu conservasse de Dom Aquino apenas sua fisionomia alegre e bondosa, não retirou, no entanto, do meu ser, a dor da saudade. Saudade que jamais se apartará de mim.

Ao presidir a inauguração da B. I. C. A., fundada em memória do meu idolatrado filhinho Carlos Alberto, assim se expressou Dom Aquino: «A saudade é a soledade, solidão ou vácuo produzido pela ausência dum bem que se perdeu e se deseja. A saudade é, ao mesmo tempo, dor e conforto; dôr pela ausência do bem, e conforto pelo desejo, que o atraí e parece restituir ao coração saudoso».

Mais uma vez sinto na carne o que representa êsse «vácuo produzido pela ausência dum bem que se perdeu».

Tenho, porém, um consôlo o de saber que na côrte celestial, ao lado de Carlos Alberto, acha-se um novo patrono de B. I. C. A., que, com o seu meigo sorriso de santo e de sábio, estará abençoando a instituição da qual foi o verdadeiro incentivador, o primeiro bemfeitor, o protetor permanente: Dom Francisco de Aquino Corrêa, um amigo de tôdos as horas. *Requiescat in pace*, querido amigo.

(Do «Correio da Manhã» — 1-4-1956).

NO ENTÊRRO DE DOM AQUINO

Maria Dimpina

«Magnificat anima mea Dominum quia fecit mihi magnum qui patens est».
(A minha alma engrandece ao Senhor porque me fez grande Aquele que é poderoso).

Com estas palavras, adaptadas das do Cântigo da Virgem, iniciei o meu discurso a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom Aquino na Sessão Literária comemorativa das bôdas de prata de seu sacerdócio, falando eu, então, em nome do Grêmio Júlia Lopes.

E eu as dizia a quem, saindo de Cuiabá, em madrugada, para êle toda excepcional, se dirigia, a pé, à vizinha povoação do Coxipó da Ponte para iniciar o seu noviciado.

Eu eu as dizia a quem depois dêste ato de humildade dignificante e depois de vinte e cinco anos de nobre sacerdócio, era elevado, enaltecido, glorificado mesmo, pelos seus dons de cultura, de inteligência de política, de oratória, de diplomacia e, sobretudo, de amoroso Pastor que tudo dava pelas suas ovelhas.

Hoje, que estamos em presença de Dom Aquino morto, podemos, com muito mais razão, acreditar que uma eternidade bemaventurada lhe foi reservada. *Sicut locutus est ad patres nostros*, como êsse mesmo Deus onipotente prometeu a nossos pais.

* * *

Dom Aquino!

Em nome da Família matogrossense e em especial da mulher cuiabana, venho trazer a Vossa Excelência Reverendíssima não digo as nossas despedidas porque o nosso caro Arcebispo continuará vivendo em nossa alma e em nossos corações. Venho trazer, sim, o penhor do nosso affecto filial e a promessa de continuarmos a conservar sua lembrança e praticar seus ensinamentos, seus conselhos, sua dire-

ção espiritual, enquanto vivermos até que um dia passemos, também, desta vida para uma eternidade igualmente bemaventurada.

Desta felicidade que lhe foi reservada, Dom Aquino, não temos a menor dúvida.

Ela não é baseada em um ato do amor que temos ao nosso caro Arcebispo, nem oriunda do que ficou justificado pela sua vida exemplar e dignificante.

Nós nos baseamos nas próprias palavras de Cristo, palavras que, para edificação nossa Vossa Excelência Reverendíssima fez gravar em um monumento de arte e de fé que se levanta na Igreja São Gonçalo desta Capital: «*Quem acredita em mim ainda mesmo morto viverá*».

Continuará Vossa Excelência Reverendíssima vivendo em suas obras, como o Pastor amante e querido de suas ovelhas até um dia possamos, mercê de Deus sermos — todos os que cremos nas promessas de Cristo, um só rebanho e um só Pastor.

AUREO JUBILEU

Benilde Moura

Eloquente, empolgante, magnifico o Congresso Eucarístico realizado em nossa Capital, ao mesmo tempo que o Aureo Jubileu de Dom Aquino. Flôres, luzes e vozes, como descidas do Infinito em palavras que bem esclareciam as maravilhas do Ideal Divino, ditadas lá do Céu e repetidas na terra, graves, fecundas, arrebatadoras, partiam do coração dos homens a repercutirem místicas, vibrantes e absorventes, como se o Reino de Deus se houvesse aberto, permitindo a pobre humanidade o resgate feliz de todas as culpas e enfermidades espirituais.

Nunca se viu espetáculo tão belo e convincente. O próprio Deus cruzava por entre as multidões, falando aqui, murmurando ali, sussurando mais além, ora fulgurante como o sol, ora sob a forma de cintilante estrêla e ainda como seta flamejante atingindo almas, penetrando, rompendo as mais espessas e estranhas barreiras do ser humano, infiltrando, ora em abundantes jorros de luz, ora mesmo em fraca luminosidade, a excelsitude do Amor Cristão na mente reduzida dos ateus.

Quatro dias somente duraram os gloriosos festejos, perpetuando-se todavia, estendendo-se continuamente, vivendo e repetindo-se através do ilimitado panorama de nosso espírito, grande na extensão, mas irremediavelmente acanhado na compreensão dos mistérios divinos. Crianças, moços e velhos, pobres ou ricos, anulando preconceitos e castas comprimiam-se, confundindo-se num mesmo sentimento de igualdade e ternura. Jesus, presente às cerimônias, velava paternalmente estendendo os braços amigos em amplos de Paz, envolvendo a multidão contrita e enaltecida diante do Altar. Rápidos, os momentos escoavam-se nos deixando a cada reticência uma exclamação de saudade e uma angustiosa interrogação suspensa no Infinito. Milhares

de cristãos de todas as idades, cheios de boa-vontade, ansiosos de compreensão e carinho, recebiam diariamente a auspiciosa e redentora visita de *Jesus Sacramentado*. Delirava-se perante o majestoso e artístico Monumento erigido para a celebração dos cerimoniais. Nas ruas, nos lares, por toda a parte o povo exultava. Cada criatura transformara-se numa pira de júbilo e de fé. Em cada rosto resplandecia o clarão da crença e o fervor das almas agradecidas.

Curtos foram êsses momentos de espiritualidade e sabedoria cristã vividos pela gente cuiabana, encerrando-se as solenizações com a sublime apoteose da procissão de Corpus Cristi. Verdadeiro poema de beleza suprema e emoções de se conter. Não estávamos no mundo e sim no Céu realmente transportado para a terra sob a doce proteção do Onipotente. As almas transtornadas alavam-se às mais excelsas escalas do sentimento, subjugadas e fundidas em uma só aspiração de fraternidade e amor.

Diante de nosso olhar deslumbrado, na altiloquência do carro alegórico, o homem avocara o Podêr Supremo na pessoa do Arcebispo. De joelhos em todo o trajeto amparando o Santo Relicário, olhos cerrados a evitar o contágio das misérias humanas, transfigurado, imóvel, *Dom Aquino* personificava fielmente o *Todo Poderoso* debruçado sobre o mundo. Misto de fervor, adoração e crença une-se a um sabor de inexplicável amargura a apertar-nos o coração. E triste pressentimento faz desligar pela nossa face rosários de lágrimas sentidas. O cenário, cuja figura central é a veneranda pessoa do Arcebispo, assemelha-se sobrenatural. Parece-nos que *Dom Aquino* já não pertence a esta vida. Misticismo? Não! Admiração profunda a êsse vulto inconfundível e insuperável da Igreja Católica. E êsse quadro de amplos sentido e importância, imprime-se em nossas almas contemplativas, afeitas ao amor e ao respeito, com as côres indeléveis da saudade, que será a fléxa cintilante a indicar o caminho do dever e da responsabilidade.

Nunca mais esqueceremos as comemorações do Áureo Jubileu de Dom Aquino. A lembrança de sua figura arqui-episcopal paramentada, etérea e quêda sobre o carro, permanecerá lúcida e feliz em todos os corações, fortalecendo-nos com a fôrça de sua Fé e podêr de suas preces, que, estamos certos jamais deixarão de serem festas por nós.

Nunca mais, creio, alcançaremos a graça de presenciar festividades iguais em Cuiabá. As gerações futuras, talvez. Mas quem cabe se com mais ou menos brilho, mais ou menos eloquência e fervor. Ó futuro duvidoso que nos

aguarda, oferece uma perspectiva tão mal dirigida, que não podemos nos eximir de, nesses instantes dedicados à oração, estender o pensamento à humanidade e dizer baixinho em conversa amável com o próprio coração:

Meu Jesus, a humildade de meu silêncio, com todas as forças de minha alma peço-te pelos povos do mundo inteiro; pelo presente e pelo futuro das Nações; pela minha amada Pátria e pelo Estado, onde móro. Não os abandones a uma sorte cruel. Gente cristã ou gente pagã é sempre domínio Teu, Penetra-lhe o íntimo, abate-lhe o espírito de orgulho e rebeldia; transforma-lhe a maneira de pensar. Não Te afastes da Terra já mortificada pela grosseria humana. Impede a confusão e conseqüente anarquia social. Loucura positiva é afirmar, ou crêr que o futuro apresenta as mesmas características do presente. Embora saibamos ser na vida tudo bem relativo, temos a visão de um porvir a oscilar sobre falso alicerce feito de dúvidas, enganos e negações. Precisamos, por isso, cada vez mais de Teu amparo e sábias orientações. Não deixes que os argumentos de nossos oradores, na Sagração do Áureo Jubileu de Dom Aquino, se percam no espaço, ou através do tempo. Defende a vida e a saúde de nosso Arcebispo. E faz que o deslumbramento de nossas almas, nesse breve período de santas celebrações, perdure para sempre como as cousas eternas. Que a lembrança viva, colorida, astriada de ouro e cintilações tão raras, não se desfaça jamais. E em nossos ouvidos fique a sonoridade interminável de tudo o que ouvimos dos lábios dos pregadores e em crescentes repetições aumente nossa Fé e nossas possibilidades de sentir e refletir.

DOM AQUINO

Rescala Bitar

Assistimos ontem à missa de 7.º Dia que se rezou em intenção da alma de D. Francisco de Aquino Corrêa, o arcebispo de Cuiabá, o literato eminente, membro da Academia Brasileira de Letras e de tantos outros grêmios onde se cultua com primor o estilo da lingua pátria, que nos deixou por ter sido chamado ao Reino Deus, conforme foi noticiado com merecido destaque por êsse imenso Brasil a fora.

Para nós, entretanto, ex-meninos daquele esquecido Mato Grosso de antanho, foi-se o nosso muito querido D. Aquino. Assim apenas, aprendêramos a chamá-lo. E já vai bem distante a época. Súbito tínhamos de vestir nossas melhores roupas, cortar melhor o cabelo, aprender melhor as lições e o catecismo. A diretora do Grupo Escolar e o padre Giardelli explicavam: «vamos ter a honra da visita do nosso Arcebispo».

E não tardava muito. Lá surgia na fronteira de Ponta Porã a figura esguia, humilde e simpática que logo se fazia estima, por todos, aturando com santa paciência as peraltices e as indiscrições de nós outros, meninos de então. E, na escola, ante o exibicionismo inquiridor da professôra, D. Aquino estava sempre alerta para socorrer o menos aplicado. Um sinal furtivo, um gesto, e, pronto, lá vinha a resposta à pergunta da mestra e a certeza de se estar a salvo do castigo que, fatalmente, viria após a retirada do visitante ilustre.

Ele, como poucos, soube realmente amar ao próximo como a si mesmo. E a melhor prova tivemos-la em 1917, quando parecia não mais ser possível a reconciliação entre as facções políticas de Mato Grosso. Ele foi o miraculoso pacificador da família matogrossense. E como conseguiu? Apenas pela sua bondade imensa e pelo amor incomensurá-

vel que dedicava aos seus semelhantes. E para nós que o conhecemos quando ainda ensaiávamos os primeiros passos e que espiritualmente dêle nunca nos afastamos, seus êxitos não mais nos surpreendiam. E sabíamos por quê. Porque êle, como seu querido pai, traçara, para a sua existência terrena rigido programa, onde, como estribilho, figurava a prece maravilhosa de Leão XIII: «Viver virtuosamente, morrer piedosamente e obter no céu a eterna bem-aventurança».

Assim, sem dúvida, foi a vida gloriosa de nosso querido D. Aquino, que hoje dorme o sono dos justos e bem-aventurados. Dorme sim, ó Jesus misericordioso. Por que se aqueles que apenas crêem em Vós vivem após a morte, como êle, que, entre nós, foi vosso Servo dedicado e amantíssimo, ensinando que Vós sois a ressurreição e a vida, poderia morrer? Não, êle não morreu, apenas dorme!...

(Do «Correio da Manhã» — 29-3-1956)

NO ENTERRO DE DOM AQUINO

Palavras em nome dos Operários — por José Miguel dos Santos

Dom Aquino, meu amigo e meu arcebispo ! . . .

«Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros: virgens das matas suspirai comigo. «Assim se escreveu, assim se disse de Gonçalves Dias, o sublime cantor, o incomprável poeta dos nossos índios . . .

Eu aqui, diante do corpo sem vida de quem, com tanto brilho, com tanta majestade e magnificência foi a um só tempo o pastor excelso e o cantor augusto e inspirado das almas e das coisas cuiabanas, eu aqui direi: ajoelha, ajoelha e chora, Cuiabá, eis que é morto o mavioso e arrebatado poeta das franças das tuas palmeiras e das frondes verdes dos teus dadivosos mangueirais.

Já houve, Dom Aquino, já houve quem dísesse que há momentos na vida em que seja qual fôr a posição do corpo a alma está sempre de joelhos.

Cuiabá inteira, Cuiabá «o centro, o cerebro e o coração de Mato Grosso», Cuiabá está com a alma ajoelhada diante do filho que tanto a engrandeceu e ilustrou.

Conta-se, Dom Aquino, que ao nascer Jesus, sua mãe santíssima, a mais terna, a mais amorável das mães, o beijou nos pés, nas mãos e no rosto. Nos pés porque era Ele o seu Deus, nas mãos porque era o seu rei e na face porque era seu filho. Então chorou a Virgem Mãe de contentamento, beijando o filho amado que acabava de nascer; e hoje chora Cuiabá de tristeza e amargura o filho desaparecido de quem ela espiritualmente beija os pés, as mãos e o rosto: — os pés que sempre trilharam os caminhos seguros da virtude, as mãos que tantas benções e tantas graças semearam, e o rosto, o seu rosto, D. Aquino, o seu rosto sereno, nobre e altivo que era o espelho da sua bondade sem limites e da sua imensa sabedoria.

Afirma-se que o rosto é o espelho em que a alma se reflete, e seu rosto, Dom Aquino, não era somente o espelho da sua alma, seu rosto, onde quer que V. Excelência estivesse era o espelho em que transluzia a alma, a grande alma generosa e amiga de Cuiabá, a «Cidade Verde» de seus versos lapidares, de Cuiabá que neste instante inescrutável e augusto lhe beija as mãos de pastor espiritual e o rosto de filho.

Eu lhe estou trazendo aqui, Dom Aquino, com ás minhas palavras desataviadas e incolores, o gesto o olhar e a palavra do operariado de Cuiabá, que também êle se ufanava dos lauréis que o seu arcebispo conquistava e que por mais de meio século se acumularam como o maior, mais brilhante sagrado patrimônio desta terra e dêste povo.

Trago-lhe as dolorosas despedidas de operário em geral e de modo especial as do Centro Operário de Cuiabá e do Sindicato dos Oficiais Barbeiros, Cabeleireiros e Similares de Cuiabá, em cujo seio não havia quem não se desvanecesse com a honra de lhe aparar os cabelos da cabeça venerável, que tantas glórias conquistou para Cuiabá, para Mato Grosso e para o Brasil...

E aqui «cesse tudo que a antiga musa canta, que outro valor mais alto se alevanta». A sua glória maior, Dom Aquino, não lhe adveio já o deve ter sentido V. Excelência no tribunal de Deus — não lhe adveio das glórias conquistadas para Cuiabá, para Mato Grosso e para o Brasil: — sua glória maior, Dom Aquino, foi a de ter ilustrado e engrandecido a Igreja divina do Cristo imortal e eterno.

Nossas saudades, D. Aquino, Cuiabá beija de joelhos as suas mãos de amigo e de pai, e o seu rosto de filho.

IN MEMORIAM

Francisco Xavier (trabalhador)

Dorme Dom Aquino, então, descanças,
Que a tua musa cessa e jamais canta.
Na terra que foi teu berço: é a tua Campa agora!
E a tua falta — nossa Pátria, chora...
E o teu Nome deixaste gravado
Junto aos outros Heróis da nossa História!
Eu não venho aqui despertar-te o sono,
Que hoje dorme sob a lousa fria...
Eu venho sómente te trazer em canto
Os versos tristes, desta poesia!

Mas tu, que importa ter deixado o mundo,
Vácuo profundo de prazer e dor...
Tu descanças hoje no teu sono eterno,
E, o que é da terra, na terra ficou!
Dorme, Poeta! Nêsse leito nosso,
Que importa os ossos com a terra fria?
Si a tua Alma, ter de Deus a Palma,
A Virgem Santa, que será teu Guia!

No teu último momento fatigante,
A Morte inexorável te chamou!
E a tua Alma foi prestar as justas contas
Ao amável e eterno Criador!
E o grito de dor da tua morte,
Ecôou no Brasil, de Sul ao Norte,
E Cuiabá, no seu último Adeus,
Chora ao grande Filho, que perdeu:
— Dom Francisco de Aquino!... — Faleceu!

RECEPÇÕES A DOM AQUINO

Carmino de Campos

Sempre que D. Aquino, em serviço da Arquidiocese ou em tratamento de saúde, se ausentava de sua cidade natal, era sempre recebido jubilosamente pelo povo de Cuiabá, a lendária «Cidade Verde», que o estimava bastante. Numa dessas vezes, representando o jornal «A Cruz», o nosso confrade Carmino de Campos, pronunciou a seguinte saudação ao Príncipe da Igreja Católica Apostólica Romana, e ao Cuiabano ilustre:

«Exmo. e Revmo. Sr. D. Aquino Corrêa DD. Arcebispo de Cuiabá, membro da Academia Matogrossense de Letras e membro da Academia Brasileira de Letras.

A nossa, a sua Cidade Verde, o povo bom e amigo da lendária Cuiabá, recebe, de braços abertos e sorriso nos lábios, a V. Excia. Revma. com êsse mesmo amor e carinho e regosijo, com êsse mesmo amor filial que sempre recebe V. Excia. Revma. no seu regresso á terra do berço — a sua, a nossa encantadora Cuiabá.

Como das outras vezes, desta feita, no entanto, a nossa alegria, o nosso regosijo é imenso, porque, V. Excia. Revma. retorna, felizmente, completamente restabelecido, superando integralmente a traiçoeira enfermidade que tentava isolá-lo e quiçá desalojá-lo de nosso convívio.

Felizmente, graças a Deus, e Maria Santíssima V. Excia. retornou mais forte, com êsse sorriso nos lábios, em que extravassa a bondade de seu grande coração. E a alegria não é só nossa, não é só dos vanguardeiros do jornal «A Cruz». Vê V. Excia. Revma. como o povo de Cuiabá, o seu povo amigo, o seu povo irmão se jubila de alegria. Nas meigas faces das crianças a alegria se estampa porque está recebendo de volta, como uma dádiva do Céu, o seu amigo Pastor, o seu querido e estremecido Pai, o seu melhor amigo, porque, V. Excia. Revma. seguindo as pe-

gádas do Mestre seguindo os seus ensinamentos, adóta o mesmo lema, o mesmo amor o mesmo carinho de Jesus: «Deixai vir a mim as criancinhas».

Nas faces rosadas das Moças, dessas belas rosas dessas lindas e virtuosas patricias, filhas de Maria da excelsa Mãe de Jesus, também a alegria se estampa visivelmente, porque, D. Aquino Corrêa, V. Excia. Revma. não é somente o Príncipe da Igreja, de nossa Santa Igreja Católica Apostólica Romana, mas também o irmão mais velho, o Pai, o cuiabano ilustre que faz parte também dêste povo quo o venera, que o estima profundamente, e que se orgulha de ter V. Excia. Revma. como seu patricio, como seu conterrâneo, como seu irmão.

É notório que V. Excia. Revma. com o seu prestígio, com o seu saber, com a sua cultura, com as suas virtudes poderia ter feito carreira eclesiástica, transferindo-se para outro Arcebispado, para outro Estado, para outra grande Cidade, mais rica e de maior conforto, mas, preferiu ficar em Cuiabá, na pobreza de sua Cidade Natal, cantada e engalanada nos seus versos.

Preferiu ficar aqui na sua velha e lendária Cidade, porque até os passarinhos, até as palmeiras, essas belas e seculares palmeiras o conhece e o estima. Vê V. Excia. Revma. como estão aquelas palmeiras ali em baixo baloiçando os seus ramos, as suas folhas, os seus braços verdes e longos, como a bater palmas pelo feliz regresso de V. Excia. Revma. a Cuiabá!

Escutai também, como os passarinhos estão chilreando, ruflando as azas, como a bater palmas pelo feliz regresso de V. Excia. Revma. a «Cidade das Palmeiras».

D. Aquino Corrêa o jornal «A Cruz», que se engalanava sempre com aquela sua coluna, com aquela joia literaria «Petalas do Evangelho», o jornal «A Cruz», por mim representado nesta oportunidade feliz, quero dizer agora, pela minha voz, modesta embóra, mas sincera, que é imensa, intraduzível mesmo a nossa alegria, pela ventura de ter V. Excia Revma. novamente entre nós, na sua sempre querida e extremecida Cidade Verde.

Os nossos corações se enternecem, a comoção nos embarga a voz, as lagrimas afloram aos nossos olhos de alegria, e de contentamento pela presença de V. Excia. Revma.

Muitos dias ficamos cabisbaixos, tristes, genuflexos diante de Deus, rezando fervorosamente pelo restabelecimento de V. Excia. Revma. e hoje estamos aqui contagiados

pela alegria que toma conta dos corações cuiabanos, a repetir continuamente, espiritualmente «agradecido Jesus, muito agradecido Virgem Maria, por ter atendido os nossos rogos devolvendo o nosso Pastor».

E V. Excia. Revma. felizmente está de volta a sua «Cidade Verde» a sua sempre amada Cuiabá, cantada e engalanada em seus poemas, e o jornal «A Cruz» que é o aráuto, o lider em Mato Grosso de nossa Santa Religião, e desta Arquidiocese e que vêm recebendo de V. Excia. franco apoio moral e intelectual e o maior carinho, por seus redatores, colaboradores, graficos e demais auxiliares, beijam genuflexos o sagrado anel de V. Excia. Revma. desejando *ad multos anos*.

Viva D. Aquino Corrêa!...

DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

Arcebispo Metropolitano de Cuiabá

(Dados biográficos)

Nasceu aos 2 de Abril de 1885, em Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, sendo seus pais o Comendador Antonio Tomás de Aquino Corrêa e D. Maria d' Aleluia de Aquino Corrêa.

Fêz os seus estudos primários e secundários na sua terra natal e foi o primeiro aluno a receber o diploma de bacharel no Liceu Salesiano de São Gonçalo, mediante exame de madureza, que prestou em 1904.

Entrou para o noviciado dos Salesianos de Dom Bosco, a 4 de Novembro de 1902 e a 19 de Março de 1903 recebeu o hábito clerical.

Seguindo para Roma, a 2 de Julho de 1904, na Cidade Eterna frequentou a Academia de São Tomás de Aquino, e a Universidade Gregoriana, doutorando-se em Filosofia, a 17 de Maio de 1907, e em Teologia, a 17 de Outubro de 1908. Em Roma foi ordenado sacerdote, a 17 de Janeiro de 1909.

Regressou a Cuiabá, no dia 2 de Julho de 1910, foi nomeado Diretor do Liceu Salesiano São Gonçalo, funções que exerceu de 1911 a 1913 ano que, a 2 Abril, precisamente quando completava 29 anos de idade, foi eleito pelo Santo Padre Pio X, Bispo titular de Prusiade e Auxiliar do Arcebispo de Cuiabá. Era o Bispo mais novo do mundo. Foi sagrado pelo Arcebispo Metropolitano Dom Carlos Luis d'Amour na Catedral de Cuiabá, a 1.º de Janeiro de 1915.

Em virtude da grave situação politica do Estado, foi eleito Presidente, como candidato de conciliação a 1.º de Novembro de 1917. Empossado a 22 de Janeiro de 1918, go-

vernou durante todo o quadriênio, restabelecendo a ordem e o equilíbrio político e administrativo. A sua gestão foi das mais difíceis conjecturas a sua consciência de Bispo norteou seus atos, da maneira inapontável.

Sendo recebido a investidura política, de acordo com a Santa Sé, esta o assistiu com especiais mercês, condecorando-o com o título Assistente ao Sólido Pontifício, a 25 de Outubro de 1919, por breve de Sua Santidade Bento XV. Ainda como Presidente do Estado, foi eleito Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, a 26 de Agosto de 1921.

Era o decano dos Metropolitas brasileiros e o mais antigo Assistente ao Sólido Pontifício, no mundo inteiro.

Além do seu fecundo Apostolado, tendo o Arcebispo de Cuiabá uma extraordinária vocação literária, exerceu o insigne Prelado papel saliente em nossas letras, figurando como um dos mais brilhantes oradores sacros do Brasil, inspirado poeta e mestre do estilo.

Era Presidente efetivo do Instituto Histórico de Mato Grosso sócio efetivo e Presidente de Honra da Academia de Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras, sócio do Instituto Histórico de São Paulo.

Em 1938 representou o Brasil na Conferência da Educação, em Genebra, onde foi eleito vice Presidente; e em 1951 como Embaixador representou o nosso País, na posse do Presidente do Uruguai. Era Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval e Comendador do Ordem do Mérito Militar e Grã Cruz da Ordem Militar e Hospitalar de São Lázaro de Jerusalem.

Bibliografia

Publicou, além das Mensagens Presidenciais à Assembléia Legislativa, a memória intitulada *A Fronteira de Mato Grosso — Goiás*, 1 volume em 8.º de 94 pags. (Imprensa Oficial) — Cuiabá, 1919). Publicou ainda 20 Cartas Pastorais, em 2 volumes em 8.º sendo o primeiro de 366 pags. em 1942, e o segundo de 352 pags. em 1947 (Escolas Profissionais Salesianas — São Paulo). Publicou depois mais 3 Pastorais; em 1949 Testamento de Vosso Arcebispo (Departamento de Imprensa Nacional), em 1950, e em 1952, o Congresso Eucarístico de Cuiabá (Escolas Profissionais Salesianas — São Paulo). Entre as obras literárias encontramos: *Odes*, versos 2 vols. em 8.º com 252 pags. complexivas (Escola Tipográfica Salesiana Niterói, 1917); *Terra Natal*, versos, em

3ª edição, 1 vol. em 8.º de 206 pags. (Imprensa Nacional — 1940); *Discursos*, coleção de 50 discursos, 2 vols. em 8.º num total de 836 pags. (Imprensa Nacional — 1944); *Nova et Vétera*, versos portugueses e latinos, 1 vol. em 8.º, 255 pags. (Imprensa Nacional — 1947; o Brasil na V Conferência de Educação, em Genebra — Relatório de 68 pags. (Imprensa Nacional) — 1938; *Florilegium Asceticum pro Episcopis*, 1 vol. em latim, formato 16.ª com 270 pags. (Imprensa Nacional — 1948; *Uma flor do Clero Cuiabano*, biografia do Padre Armindo Maria de Oliveira, 2.ª edição, 1 vol. em 8.º, 200 pags. ilustradas (Departamento de Imprensa — 1950).

Encontram-se atualmente no prelo as seguintes obras; 3.º vol. de Discursos e Petalas do Evangelho, em 2 vols.

Além destas obras, tem publicado em folhetos avulsos, jornais e revistas, vários discursos e conferências, que se não reuniram em volume.

Ex-libris

Coração assinalado pela Cruz, cujos sentimentos sob figura de aroma do incenso, se entrelaçam a uma lira, formando-lhe as cordas, com a divisa *Monte Cordis*.

É o simbolo de uma literatura, que se inspira no cristianismo (o coração cruzado) e se propõe usar uma linguagem harmoniosa e bela (a lira), falando com a mente e com o coração, ou seja como *intellette d'amora*, como se exprime o Dante, ou pensamentos do coração «*mente Cordis*», como se póde interpretar esta legenda, que é apenas uma adaptação das palavras evangélicas do Magnificat, o cântico da Virgem: *dispersit superbos «mente cordis sui»* (Ic. 1, 51).

L-P.

BIBLIOGRAFIA DE D. AQUINO

(organizada por J. de Mesquita)

Odes — 2 volumes	Niteroi	1917
Ao Povo Matogrossense — (discurso).....	Rio	1917
Mensagem à Assembléia.....	Cuiabá	1918
Terra Natal — 1. ^a edição.....	Cuiabá	1919
A fronteira Mato Grosso — Goiás.....	Cuiabá	1919
Mensagem à Assembléia	Cuiabá	1919
Terra Natal — 2. ^a edição	S. Paulo	1920
Mensagem à Assembléia.....	Cuiabá	1920
Mensagem à Assembléia.....	Cuiabá	1921
Terra Natal — 3. ^a edição	—	1922
O 6. ^o Centenario de Dante.....	Cuiabá	1922
A memoria de meu pai.....	Cuiabá	1924
Sede brasileiros!.....	S. Paulo	1925
Centenário do bispado de Cuiabá.....	Rio	1926
A velha bandeira de Mariana.....	Rio	1926
Imperialismo e protestantismo.....	Rio	1926
A primeira flôr.....	Cuiabá	1926
Discursos (em um volume).....	Rio	1927
Carta ao meu vigario geral.....	Turim	1929
Quem é o Papa?.....	Turim	1929
A propagação da fé.....	Rio	1930
Os concursos de beleza.....	S. Paulo	1931
O Brasil novo.....	S. Paulo	1932
Um patriarca.....	S. Paulo	1932
Primeiras conferencias episcopais.....	Cuiabá	1932
Em defesa dos bens eclesiasticos	Cuiabá	1932
Castro Alves e os moços.....	Rio	1933
Uma flor do Clero cuiabano (1. ^a edição)....	—	1933
Un fiore del Mato Grosso (trad. P. Mario Blandino).....	Milão	1935
Elevação da Mulher.....	S. Paulo	1935

O sacerdocio.....	S. Paulo	1935
Oração aos soldados.....	Rio	1937
Ação revocatoria de legado.....	Rio	1937
La parola de Dio.....	Turim	1938
Pai e mestre da juventude.....	S. Paulo	1938
O Brasil na VII Conf. de Ed. em Genebra .	Rio	1938
Bispos do Brasil.....	Rio	1939
Terra Natal (4. ^a edição).....	Rio	1940
A flor de um ex-libris.....	S. Paulo	1940
O P. Antonio Vieira.....	Rio	1940
Pio XI e a divisa dos jornalistas.....	S. Paulo	1940
Uma poesia historica.....	S. Paulo	1941
O presidente Vargas em Cuiabá.....	Rio	1941
Rui Barbosa e os moços.....	Rio	1941
Segundas Conferencias Episcopais	Cuiabá	1941
Cartas pastorais (1. ^o vol.).....	Rio	1942
O dia do Senhor.....	S. Paulo	1942
Opportet semper orare.....	S. Paulo	1943
Discursos (ed. em 3 vols.) 1. ^o vol.....	Rio	1944
Discursos (2. ^o vol.).....	Rio	1945
O Grande Sacramento.....	S. Paulo	1945
Cartas Pastorais (2. ^o vol.).....	Rio	1947
Nova et vetera.....	Rio	1947
Florilegium asceticum pro episcopis.....	Rio	1948
Testamento do vosso Arcebispo.....	Rio	1949
Salvemos a familia.....	S. Paulo	1950
Uma flôr do clero cuiabano (2. ^a ed.).....	Rio	1951
O bispo auxiliar do vosso Arcebispo.....	Rio	1951
Dois jubileus.....	Niteroi	1952
O Congresso Eucaristico de Cuiabá.....	—	1952
Philosophia perennis.....	Rio	1953
Discursos (3. ^a).....	Rio	1954
D. José Antonio dos Reis.....	Rio	1954
Mensagem eucaristica aos jovens.....	Rio	1955
Maria ou morte!.....	—	1956
Petalas do Evangelho (póstuma, a sair).....	—	—

Gráfica União
RUA COMTE. COSTA, 765
— CUIABÁ —